

**PARAÍBA
PECUÁRIA**

Em edição conjunta, apresenta
o início de uma segunda fase
de trabalho

JANEIRO — 1980
ANO 5 — Nº 14

ACROPECUÁRIA TROPICAL

Vendas em Bancas — Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba,
Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia — Cr\$ 50,00

Em
MARÇO,
de 02 a 09,
Grande
Exposição
em
Salvador,
BA

A MELHOR
EXPOSIÇÃO
NORDESTINA
de 1979



TEM CHEGANDO A GRAN-
DE SECA

VINTE ANOS DE TRISTE
DESENVOLVIMENTO
Clóvis Cavalcanti

UMA RADIOGRAFIA DA
PECUÁRIA NACIONAL
Dionísio Furtosa

PRESERVEMOS AS VACAS
QUE AINDA EXISTEM
Sinval Palmeira

LIÇÕES ESQUECIDAS
Eurípedes Oliveira

CARTA A FIGUEIREDO
Marcus Wanderley



FAZENDA N.S. APARECIDA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

GURINHÉM, Paraíba — CEP 58.356 — Caixa Postal, 1 — Fone: (081) 326-6267;



O REINÍCIO DE GRANDES VITÓRIAS

Devido à transferência do rebanho Guzerá-JA, para o Estado da Paraíba, a tradicional seleção deixou de participar de julgamentos nas pistas, nos últimos anos, reiniciando, agora, sua tradição de vitórias, com animais nascidos na Paraíba. Desde 1895, o Guzerá-JA tem sido, sempre, o mais premiado no Brasil.

ATÔMICO-JA

Nasc: 30.07.78

Peso: 505 kg.

- Campeão Bezerro-Expo.Nordestina/79.
- Melhor Novilho Precoce da Raça — Expo.Nordestina/1979.
- Campeão Bezerro - Expo.Paraibana/79.

Até hoje, somente um Guzerá-JA conseguiu superar um outro Guzerá-JA. A evolução é constante, em nosso rebanho, após quase um século de rigorosa seleção.

ASTÚCIA-JA

Nasc: 24.07.78

Peso: 355 kg.

- Campeã Bezerra - Expo.Nordestina/79



PRODUÇÃO DE LEITE

PIONEIRA-JA
5.596 kg em uma lactação e 10,5% de gordura.

Campeã Mundial

POTINGA-JA
5.672 kg, e 25,2 kg em um dia ainda viva
Bicampeã mundial

Seleção desde 1895.
Solite e receba
GRATUITAMENTE - nosso folheto: "O MELHOR ZEBU LEITEIRO DO MUNDO".

PRODUÇÃO DE GORDURA
O maior teor já verificado em qualquer raça bovina

TARTARUGA-JA
13,2%
a 1ª campeã mundial

DONZELA-JA
13,6%

BARCELONA-JA
13,8%

FAISCA-JA
14,6%
Atual campeã mundial, ainda viva.

Receive, by free mailling, our portuguese/ english/ spanish booklet "THE BEST ZEBU OF THE WORLD"

PARAIBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO
JANEIRO - Nº 14 - ANO V - 1980

Edição Conjunta com
AGROPECUÁRIA TROPICAL - nº 1

EDICAMP - EDITORA CAMPESINA LTDA
Caixa Postal - 98 - Fone (083) 222-0180
58 000 - João Pessoa - PB.

Diretor: Rinaldo dos Santos
Revisor p/Zootecnia: Virgolino de Farias Leite Neto
Diagramação: R.S. Ribeiro
Arte Final: Frederico Charles de Araújo
Fotografia: Rinaldo dos Santos
Tradução: Paul Collins
Circulação: Garibaldi Cittadino
Administração: Deimar S. Ribeiro
Centro de Ciências Agrárias, PB: Maria Eunice Villarin
Instituto de Zootecnia, Km 47, Rio: Saulo Villarin
Orientação: Artigos já publicados: Santo Lunardelli (São Paulo), V. Coronado (Paraíba), William Koury (São Paulo), Eurípedes Oliveira (PB), Ariano Suassuna (Paraíba), José Ferraz de O. Gugu (Bahia), Walter de Carvalho (Minas), Antônio Ernesto de Salvo (Minas), José Mário Junqueira de Azevedo (São Paulo), Arnaldo Rosa Prata (Minas), Clóvis Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata (São Paulo), Manoel Dantas Vilar Filho (Paraíba), José Resende Peres (Rio), Sebastião Simões (Paraíba), Sinval Palmeira (Bahia), Walter Henrique Zancaner (São Paulo), Hélio Paranaíba (Paul), Renato Duarte (Pernambuco), Mendonça Neto (Alagoas), Tito Victor.
Colaboradores: Paulo Roberto de Miranda Leite (Paraíba), Fausto Pereira Lima (São Paulo), Sílvia Carneiro Leitão (Paraíba).

Direção Comercial: Rinaldo dos Santos
João Pessoa, PB: Caixa Postal 98. Fone: (083) 222-0180
São Paulo, SP: Victoriano Medeiros de Mello - R. Elias, 53, granja Julieta, Santo Amaro. Fone: 52-1290
Itapetinga, BA: Givaldo Sampaio Santos - Alameda Rui Barbosa, 27. Fone: (071) 245-3248
Belo Horizonte, MG: Antônio Magalhães Drummond. R. Entre Rios, 61. Fone: (073) 222-6472
Recife, PE: em instalação
PUBLICIDADE NACIONAL: Pereira de Souza Ltda.
Recife, PE: Francisco Ignácio Ferreira da Silva - R. Búthões Marques, 15, cj. 411. Fones: (081) 222-2327/5918 - Telex: (081) 1704 CEP 50000
Salvador, BA: Pça. 15 Mistérios, 41. Fones: (071) 242-3486/0701.
Rio de Janeiro, RJ: Av. Graça Aranha, 174, sala 509/12. Fone: (021) 222-0242. Telex: (021) 22775.
São Paulo, SP: R. Araújo, 79, 7º. Fone: (011) 59-6332/6111. Telex: (011) 21656.
Porto Alegre, RS: R. Vigário José Inácio, 3. - cj. 72. Fone: (051) 221-6550/224-8939. CEP 90000.
Curitiba, PR: R. Dr. Goulart, 87. Fone: (041) 252-3282. CEP 80000.
Belo Horizonte, MG: R. Aymoré, 1882. Fone: (031) 222-9552. CEP 30000.
Brasília, DF: SCS, Edif. São Paulo, 5º. Fone: (061) 223-5426. CEP 70000.
Belém, PA: Travessa da Piedade, 587. Fone: (091) 222-1736. CEP 60000.
Florianópolis, SC: R. Flávio Tavares da Cunha, s/n. Fone: (048) 244-3669. CEP 03185.

AGROPECUÁRIA TROPICAL, título propriedade da Edicamp Editora Campesina Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da agropecuária nacional, principalmente as nordestinas, num diálogo vivo, através de pronunciamentos dos próprios empresários rurais, técnicos e autoridades regionais. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da revista e são de responsabilidade dos que os subscrevem. A editora mantém o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não sugerimos, como autorizamos a transcrição de trabalhos publicados, citando-se a fonte. Assinatura por um ano: Cr\$ 400,00. Dois anos: Cr\$ 700,00. Exemplar avulso: Cr\$ 80,00. Exemplar atrasado: Cr\$ 100,00. Assinatura p/ Exterior: US\$ 60,00.

Distribuidores Regionais: Procure nesses endereços os números atrasados.
BAHIA: Salvador: Distribuidora Souza, R. Independência, 18, Nazaré. Fone: (071) 243-7478/6678.
Feira de Santana: Unibancas: R. Castro Alves, 879.
Itapetinga: Dante Albano Menezes Lopes, Pça. da Bandeira, 25, 1º.
Ipiaú: Dermival Ribeiro Rios, R. Geraldo Reis, 165.
Jacobina: R. Col. Teixeira, 50. Fone: 621-1137.
Itabuna: Reinaldo A. Sousa. R. Fulfo Galvão, 201.
PERNAMBUCO: Pegasus Distribuidora, R. Marques de Amorim, 71 Boa Vista. Fones: (081) 222-6117.
PARAIBA: Garibaldi Cittadino, R. 13 de Maio, 663. Fone: (083) 222-0085. João Pessoa.
Campina Grande: R. Peregrino de Carvalho, 212. Fone: (083) 321-2649.
RIO GRANDE DO NORTE: Wilamy Hidd Santos, Av. Duque de Caxias 70. Fone: (084) 222-0137.
CEARÁ: Distribuidora Alao: R. Floriano Peixoto, 1233. Fone: 231-3944. Fortaleza, CE.
Crato, CE: Distribuidora Maia: R. Dr. João Pessoa, 400.
PARÁ: Distribuidora Luso Mercantil, R. 13 de Maio, 524. Fone: (091) 223-4519. Belém, PA.
Santarém, PA: Wilson Lobato de Oliveira, R. Galdino Veloso, 650.
GOIÁS: Goiania: Valdevino Ferreira Borges, Rua 24, nº 588, centro. Fone: (062) 225-6582.

Produção Gráfica
Fotolit e impressão em offset: Gráfica Santa Marta, Rua da Areia, João Pessoa, PB. Fone: (083) 221-5072.

CONVERSA
AO PÉ DA
PORTEIRA

AGROPECUÁRIA TROPICAL

A primeira etapa do esforço em prol da divulgação de uma pecuária nordestina já está consolidada. Hoje, nossa revista está chegando às mãos de todos os criadores do Nordeste e aos maiores de todos o Brasil, além de a dezenas de países. Para possibilitar a leitura ao público não especializado ou público não-criador, distribuimos em 90 cidades, em bancas, sendo a única revista brasileira com tão farta distribuição, no Nordeste. Somando-se todas as revistas que circulam na região, não atingem nosso total.

Consolidada a primeira fase, com uma revista digna de qualquer comparação com as demais gêneres, devíamos buscar a segunda etapa: a tentativa de unir o esforço da classe agropecuarista ao redor de um único ideal. Como porta-voz da classe, deveríamos dar o exemplo, primeiro e, por isso, após ter utilizado na fase inicial um nome bem adequado à luta, deveríamos passar agora para um nome mais eclético e universal. Visando ampliar o diálogo, trazer para a luz a palavra de ilustres personagens nordestinos, adotamos um novo nome, uma nova revista, com o mesmo espírito batalhador de Paraíba Pecuária. Essa ficará restrita a um público específico, com assuntos precisos, enquanto AGROPECUÁRIA TROPICAL levará adiante o diálogo aberto até o momento, com mais força e mais coragem, típica do homem nordestino - para todo o Brasil e diversos países do exterior.

Somente a união de todos os Estados em uma grande irmandade permitirá ao Nordeste achar o caminho para o seu desenvolvimento, calcado na agropecuária, pois o divisionismo, até hoje, somente tem colocado na mesa do nordestino frutos amargos.

Estamos abrindo essa nova fase, estamos ampliando o diálogo, queremos ajudar a achar o caminho e sabemos que ele está na livre-iniciativa, nesses heróicos fazendeiros que lutam contra uma multidão enorme de forças, sem-

pre com esperança de dias melhores. Sempre semi-vitoriosos, mas sempre batalhadores, esses homens acreditam no dia de amanhã, não importando qual seja o ministro, ou qual seja o presidente da República. Um dia a evidência terá que tocar a válvula do bom senso dos dirigentes da Nação e eles, então, compreenderão que o melhor caminho é ajudar o homem que quer produzir alimentos, e não apenas dar esmolas ao homem que precisa consumir alimentos.

O Nordeste é encarado sempre como a tijela estendida de um esmoler precisando das atenções oficiais e, por isso, vive sendo citado nas muitas conversas, em jornais e televisões. Hoje, o Governo já não fala muito em Nordeste, como no início de seu mandato, apesar de contar ainda com os 30% de população do país. Hoje existem coisas mais importantes que o Nordeste, existe a inflação, o petróleo, os salários, etc. A produção agropecuária para ajudar a balança de pagamentos é incentivada no sul, mas não no Nordeste, suficientemente.

O crédito escasso não permite consolidar uma pecuária necessária, as últimas exposições evidenciaram que os Bancos não têm qualquer interesse em realizar negócios no Nordeste. As pastagens, a infra-estrutura das fazendas, nada disso merece atenção, e até mesmo a irrigação ganha mais recursos no sul, que aqui no Nordeste. A Grande Seca vem chegando e o Nordeste só está recebendo conversas. De medidas práticas para ajudar a disseminação do buffel, crédito especial para a prevenção, não existem. Todos comportam-se como se a Grande Seca fosse uma invenção a mais, uma maluquice de técnicos e, no final, como sempre, teremos o flagelo na carne e as mãos amarradas. Mas ainda é tempo, é hora de luta e não pretendemos silenciar, em defesa dos homens que querem produzir alimentos para o Nordeste, dos homens que representam a Agropecuária Tropical.

ÍNDICE

SUMARY

ARTIGOS E COMENTÁRIOS

- Vinte anos de triste Desenvolvimento — Clóvis Cavalcanti 9
- Carta a Figueiredo — Marcus Wanderley 12
- Preservemos as vacas que ainda existem Sinval Palmeira 14
- Radiografia da Pecuária Nacional — Dionísio Feitosa 22
- Agricultura Orgânica versus Adubação Química — Huascar Terra do Valle 26
- Depois do Bode, só o Camelo... E o Camelo já é o Deserto — José Nivaldo 31
- Lições Esquecidas — Eurípedes Oliveira 38

REPORTAGENS

- A Grande Seca está chegando 5
- A melhor Exposição Nordestina 16
- Festa do Boi-1979 32
- Expo-Paraibana, um grande sucesso 41

DEBATE ABERTO

- Verdadeiro Patrono do Guzerá — JA — Allirio Jordão 46
- CODEVASF responde a Tito Victor — Codevasf 46

EDITORIAL

- Agropecuária Tropical 3

ANUNCIANTES

ADVERTISERS

- José e Ana Rita Tavares de Melo, Faz. n.S. Aparecida, Guzerá — JA (PB) 2a. Capa
- José Sérgio Maia, Faz. Panorama, Schwyz (PB) 3a. Capa
- José Inojosa, Covale, Nelore — JI (PE) 4a. Capa
- Carlos e Fausto Pontual, Faz. Preferência, Guzerá (PE) 7
- Manoel Alexandrino de Melo, Faz. Velame Holandês PB (PB) 11
- Raiz Agro-Pastoril, Guzerá (PE) 13
- José Nivaldo, Faz. Esperança, Indubrasil (PE) 15
- Manoel Dantas Vilas Filho, Faz. Carnauba, Guzerá (PB) 17
- Faz. Duas Barras, Pitangueiras (PR) 20
- Embrapa, Gir de Umbuzeiro, (PB) 21
- Fernando Coutinho, Faz. Curral de Cima, Nelore (AL) central
- José Carlos de Manso Cabral, Nelore (BA) 27
- Antônio Motta de Oliveira, Faz. Gruta Bahiana, equinos 28
- Alberto Freire, Faz. Belém, Simental (SE) 30
- João Ferreira Braga, Faz. Escadinha, Indubrasil (PB) 33
- Sidney Fonseca, Faz. Arcoverde, Schwyz (RN) 39
- Kleber Bezerra, Faz. Serra Caiada, Nelore (RN) 39
- Senor-Sêmen Nordeste Ltda, inseminação artificial (PB) 40
- Severino Gonçalves Duarte, Faz. Betânia, Holandês PB/Simental 43
- Faz. Terranova, Chianino, (PE) 45

EXPORTAÇÃO É COM O MÉXICO

Enquanto no Brasil diversas lideranças discutem os prós e contras de uma possível e provável exportação para os Estados Unidos, o México vem mantendo, há muito tempo, uma intensa campanha de exportação, tanto de Zebu como Brahman melhorado com sangue zebu. O México, vendo a degenerescência do gado americano, tratou de injetar sangue zebu, melhorando-o e hoje, pretende exportar para os próprios Estados Unidos.



E todos os meios são utilizados, até o Correo. Os selos atestam a intenção de divulgar a potencialidade mexicana, tanto em fornecer carne, como gado em pe, para todo o mundo.

COMEÇA A SURTIR A TECNOLOGIA PARA O SEMIÁRIDO

O DNOCS publica os resultados de suas pesquisas visando a formação de pastagens resistentes às secas. Um trabalho que não pode faltar na mesa do moderno fazendeiro nordestino. O trabalho envolve: Escolha da área, Desmatamento e Enleiramento, Aração e Gradagem, Plantio, Quantidade de Sementes, Inoculação e Peletização, Escolha da Forrageiras.

O trabalho mostra práticas com Capim Jaraguá, Colômbio, Green Panic, Buffel Biloela, Buffel Gayndah, Buffel Americano, Urochloa, Birdwood, Setaria Kazungula, Paspalum Plicatum, Angola e Bracharia Decumbens.

Quanto às Leguminosas para consorciação, traz a Siratro, Stylosanthes, Stylosanthes Cook, Endeavour e Schofield, Stylosanthes Humilis, Sthylsanthes Hamata, Centrosema, Desmodium, Leucena, Lab Lab.

Finaliza dissertando sobre Calagem, Adubação, Pastejo, Limpeza do Pasto, e comentários sobre forrageiras nativas.

O importante é um quadro contendo as características e tolerâncias das gramineas e leguminosas, quanto ao plantio, ciclo, necessidade de chuvas, resistência à seca, Tolerância ao encharcamento, exigência do solo, consorciação indicada, hábito de crescimento.

MELHORES PASTAGENS PARA O NORDESTE



Um manual, portanto, do interesse de todos que chega num momento oportuno, diante da possibilidade de uma Grande Seca.

Pedidos para DNOCS — DR — Rua Cônego Barata, 999 — Tamarineira, 50.000 — Recife, PE

SUDENE — DAA — PR — Cidade Universitária — Edif. Sede 19º, Sala 1025 50.000 — Recife, PE.

NOSSA CAPA



O homem nordestino é, antes de tudo, um forte, principalmente aquele que tem se preocupado em produzir alimentos, nos últimos anos. A política brasileira, de um modo geral, tem esquecido que esse homem merece mais atenção, pela sua capacidade de produzir riquezas e suprir a necessidade de alimentação de todo um povo, que aquele dedicado simplesmente a consumir. Essa inversão de papéis criou uma espécie de "pária humano" que não rende, que trabalha pouco, que foge do campo, que procura a sombra tranquila do paternalismo governamental, que é improdutivo em sua concepção. AGROPECUÁRIA TROPICAL vem lutar, a favor do homem que insiste, teimosamente, em produzir alimentos para todo o Nordeste.

A GRANDE SECA ESTÁ CHEGANDO

Buscamos a opinião dos seguintes agropecuaristas: Manuel Dantas Vilar Filho (PB), Octávio Machado Neto (BA), Miguel José Vita (BA), Tourinho de Abreu (BA), Cleidson Rangel (CE), todas as Secretarias de Agricultura do Nordeste, Marcelo Koch Gomes (BA), Hêlio Fonseca Paranaguá (PI), José Inojosa de Andrade (PE), João Gomes Granjeiro (CE), José Ferraz de O. Gugé (BA), Waldomiro Brandão da Silva (BA).

A matéria publicada em nossa edição nº 12 trouxe muitas polêmicas, naquela ocasião, mas hoje o assunto já está aceito por todos e inclusive o Governo Federal já terminou uma série de medidas pensando enfrentar o problema da Grande Seca. Os nordestinos sertanejos, no entanto, pouco sabem do problema, pois existe uma tentativa de camuflar a tragicidade do evento, motivo que nos obrigou a elaborar essa nova matéria, descrevendo como será a GRANDE SECA e emitindo a opinião geral colhida entre grandes e esclarecidos agropecuaristas sobre a disposição pouco clara do Governo.

A GRANDE SECA É UMA REALIDADE

As soluções propostas, uma dúvida

O Nordeste não está preparado em sua infra-estrutura empresarial e mesmo social para enfrentar uma nova Grande Seca, afirmam os entrevistados, pois lhe tem faltado uma espécie de "apoio constitucional" nessa direção. Ou seja, faltou temporariamente uma pesquisa sistematizada e, embora esteja se esboçando uma tecnologia para o semiárido, falta ainda a consciência, também institucional. Por isso todos continuam preferindo acreditar que uma Grande Seca existe apenas no papel. Do ponto de vista social, ou sócio-cultural, o povo tem, inata, a consciência de fatalidade, acomodada a esse tipo de tragédia, por falta de opção. . . desde a última Grande Seca, o que quer dizer que nada se fez, de lá para cá, no sentido de prevenção.

Novamente teremos, sem dúvida, um êxodo catastrófico. Segundo Manuel Dantas Vilar Filho, renomado criador que vive em plena caatinga, conhecedor de outras Grandes Secas, "não é a seca o mais responsável pelo êxodo, mas sim a "eterna filosofia" do estoque de mão-de-obra barata, que faz com que o Nordeste seja encarado sempre da mesma maneira, sem qualquer vislumbre de soluções concretas . . . nos tempos certos. O problema, nunca foi somente a falta de água ou falta de chuva, que é apenas uma faceta da questão. O problema é manter aqui, para progresso do sul, um estoque barato e sempre disponível de mão de obra e isso é motivo suficiente para fazer emperrar qualquer busca de solução correta para o problema."

Os criadores não acreditam,

também, nas providências do Governo, mesmo sabendo que a Pesquisa mostra, em 1980, uma pluviosidade maior que em 1979. Se o Governo liberasse, realmente, crédito e incentivasse a livre iniciativa rural, principalmente, os médios e grandes agricultores que já contam com uma certa tecnologia e uma estrutura razoável, sem dúvida seria possível obter uma safra condizente a um estoque antecipado para enfrentar o problema. A essa iniciativa, os entrevistados agropecuaristas chamaram de "uma atitude, no mínimo, inteligente, embora não fosse possível obter uma safra condizente, mas bem perto disso". É da crença geral, no entanto, que as providências vão se arrastar (crédito, promoção, conscientização, etc) e, daqui a 60 dias, isso significará ter perdido o ano de 1980 e suas chuvas de redenção, pois no Piauí o início do inverno é em janeiro, em março na Paraíba, etc. É uma simples questão de consultar o calendário de chuvas.

Ao invés de liberar crédito para os agropecuaristas, urgentemente, o Governo e seus técnicos irão preferir, sem dúvida, abrir poços e açudes, mesmo sabendo que eles irão ficar sem água, durante todo o período de Grande Seca. Mas a opinião pública do sul do país terá visto, pela Televisão e pelos meios de comunicação, o "esforço oficial e as gordas liberações de recursos" minorando o flagelo da calamidade!

Não há qualquer estrutura de armazenamento de gêneros alimentícios, no interior nordestino, capaz de suportar sequer um ano de total carência. "É importante lembrar, diz Manuel Vilar, que a Índia, um país com terríveis dilemas sociais, mantém esse estoque permanente, e aqui mesmo, a Sudene, em sua fase inicial, concebeu de forma racional

esse problema pois, ainda naquele tempo, os técnicos sabiam que a Seca é sempre uma possibilidade considerável. Depois, a Sudene foi destruída, a Seca ganhou imagem de bicho-papão do passado e, agora, estamos com o problema à porta".

A liberação de crédito permitiria, através do esforço da livre iniciativa, em processo de emergência, construir acudes nas propriedades, comprar equipamentos para fenação e construção de silos para alimentação do gado, no período crítico. **A pecuária, somente ela, pode resistir, e não a agricultura, dizem todos os entrevistados.** Nos países secos, ou muito frios, o cuidado de armazenar o alimento para o inverno ou grandes secas, é encarado como natural e rotineiro, além da construção de abrigos para proteção dos animais contra a neve. "Nós, salienta Octávio Machado Neto, ficamos dependendo dos bons ofícios de São Pedro, esperando que o ano seja 'bom de chuva', como se não soubéssemos que, com ou sem estudos de linhas gráficas, muitas secas ainda virão pela frente e a única solução é aprender a conviver com elas."

A atual estratégia do Governo Federal adotada para enfrentar a seca de 1979, fixando o homem à terra, com uma mínima remuneração, não será suficiente para deter o homem diante da Grande Seca, embora possa ser considerado um avanço em relação aos procedimentos anteriores e praticamente vergonhosos (as frentes de trabalho). Infelizmente, transformar as coisas óbvias em realidade é muito mais difícil do que discutir inocuidades complexas, e esse tem sido o prato predileto dos que tomam decisões que, por sua vez, nunca levam a lugar nenhum.

A única solução seria uma intensificação de investimentos adequados, agora e - sem dúvida - o custo financeiro de acudir a Grande Seca seria bem menor. A maioria dos entrevistados vê o moderno procedimento do Governo como apenas uma tentativa a mais que, embora melhor que as anteriores, resultará também em vão, no final das contas.

Perguntamos: "E o que deveria fazer o pecuarista, agora?" E a resposta foi unânime: plantar capim resistente (buffel ou brachiária), fazer feno e silagem, o mais possível. Depois do buffel, investir mais e mais na regularização da oferta de sementes, para o que está faltando apenas uma política de crédito adequada. E, para aqueles que não contam com água suficiente, construir, urgentemente, açudes e poços.

Quanto aos agricultores, todos os entrevistados, confirmaram que "o melhor seria não plantar, pois a calamidade atinge a agricultura duramente, com grande prejuízo e o risco não vale a pena. Salvo o algodão e o agave, o resto é plantado esperando chuvas regulares que poderão não existir. Ademais, não existe uma estrutura de armazenamento sequer para uma safra normal, e que vem possibilitar uma especulação danosa para o setor rural. "Como se sabe, existem no Nordeste muitos atravessadores que esperam as épocas de crise para comprarem, a preço vil, os produtos do campo, para depois - revendê-los com lucros fabulosos, em outras praças. São "os muitos abutres sobre um pouco de carniça".

QUAL É O REMÉDIO?

A agudização das crises, sem dúvida, sempre prenuncia a busca de remédios e a atividade econômica rural no Nordeste seco deverá ser, um dia, ajustada para a predomi-

nância da pecuária, sem exclusão da agricultura típica. Pouco a pouco, o sertanejo volta às origens, inconscientemente, e vai reafirmando o que já sabia: que a pecuária resiste muito mais, enquanto a seca vai devorando toda a agricultura, embora eivada de tecnicismos modernos.

Com o advento dos novos capins resistentes, buffel e brachiária, a pecuária de leite seria uma grande solução para todos, preconizam alguns criadores, mormente aqueles de região mais seca.

Agricultura, com segurança econômica razoável no Nordeste, somente com irrigação, afirmam alguns entrevistados. E a possibilidade disso, numa visão global da região, é por demais restrita. Nas áreas onde isso seja possível, a única saída é essa mesmo. No mais, a única solução é plantar capins adequados e optar por uma agricultura típica de seca, enquanto não se desenvolve uma tecnologia tropical.

"Se não, com ou sem seca, o Nordeste verá a fome de sempre!"

Segundo Tourinho de Abreu, o Nordeste não tem a mínima condição de enfrentar sequer uma seca pequena e uma Grande Seca é simplesmente catastrófica. Não há, segundo ele, qualquer perspectiva de a região obter recursos para expansão de uma tecnologia adequada, a contento da situação, e como sugestão para todos, dá apenas um conselho:

"—Não pensem na seca, em nenhuma hipótese, pois a melhor solução para o problema, ou seja, a única verdadeira, é somente a chuva".

A GRANDE SECA — Como será

A matéria publicada em nossa edição nº 12 trouxe muitas polêmicas, de gente que não acredita em pesquisas sobre o assunto e de gente

que, vendo um futuro muito sombrio para o Nordeste, prefere relegar o assunto ao esquecimento.

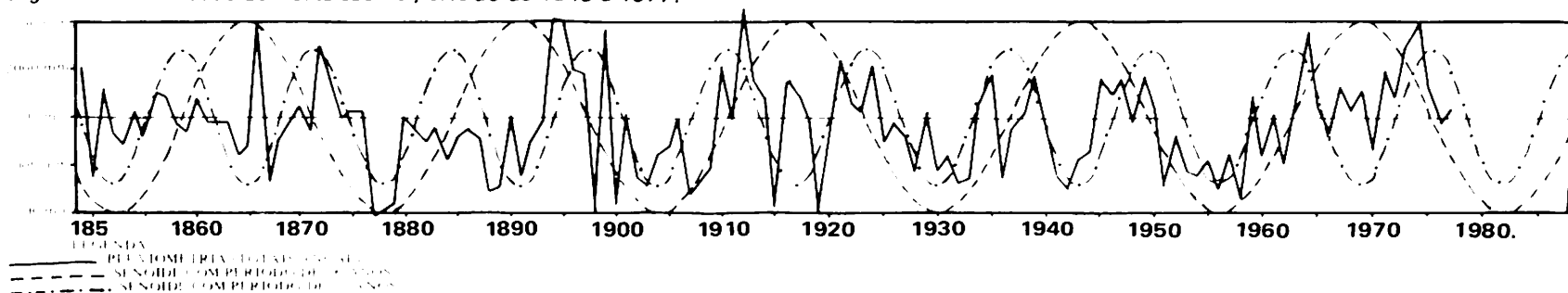
A Pesquisa, elaborada por uma equipe parcialmente financiada sob os auspícios do Ministério da Aeronáutica (convênio com o Finep), deixou claro e evidente que a Grande Seca está chegando, inexoravelmente, e, segundo os prognósticos, será pior que as Grandes Secas de 1927 a 1933, a de 1901 a 1907, com trágicos prejuízos similares à de 1953 a 1959.

Coincidentemente, nesse período, o Governo também "acatou" os resultados da Pesquisa e tem publicado diversas resoluções, na tentativa de comunicar à opinião pública seus esforços no sentido de exibir um trabalho de prevenção. Nesse tom, divulgou-se uma portentosa verba para abertura de açudes e poços tubulares, além da designação de quantias vultosas para os trabalhos normais de emergência.

Tais números, no entanto, não atendem à proximidade da catástrofe, pois — caso os cálculos já aceitos oficialmente estejam corretos — a Grande Seca já está imperando, nesse ano de 1979, embora em 1980 venhamos a contar com um pouco mais de chuvas, o que poderá representar alguns milímetros nos açudes a serem construídos ou um mínimo de provimento aos lençóis a serem buscados pelos poços tubulares. Depois dessas raquíticas chuvas, virá a seca inclemente, que tornará injustificada qualquer iniciativa com essas intenções.

Por ocasião em que se realizava a Pesquisa, os mentores deixaram bem claro que "somente haveria uma Grande Seca, se a coincidência que a análise estava mostrando nos últimos anos persistisse por mais tempo e, nesse caso, todos os esforços seriam em vão. "A coincidência,

Fig. 1 — Pluviosidade de Fortaleza no período de 1849 a 1977.



As chuvas, no Nordeste, seguem duas regras básicas: a) uma senóide que abrange 26 anos, numa amplitude de 2.000 mm, indicando os picos máximos de secas. b) uma se-

nóide menor, abrangendo 13 anos, numa amplitude de 1.400 mm, indicando os pontos máximos de chuva. A conjunção das duas curvas possibilita mostrar os períodos de Grandes Secas (quando as duas senóides estão em fase na parte inferior do gráfico)

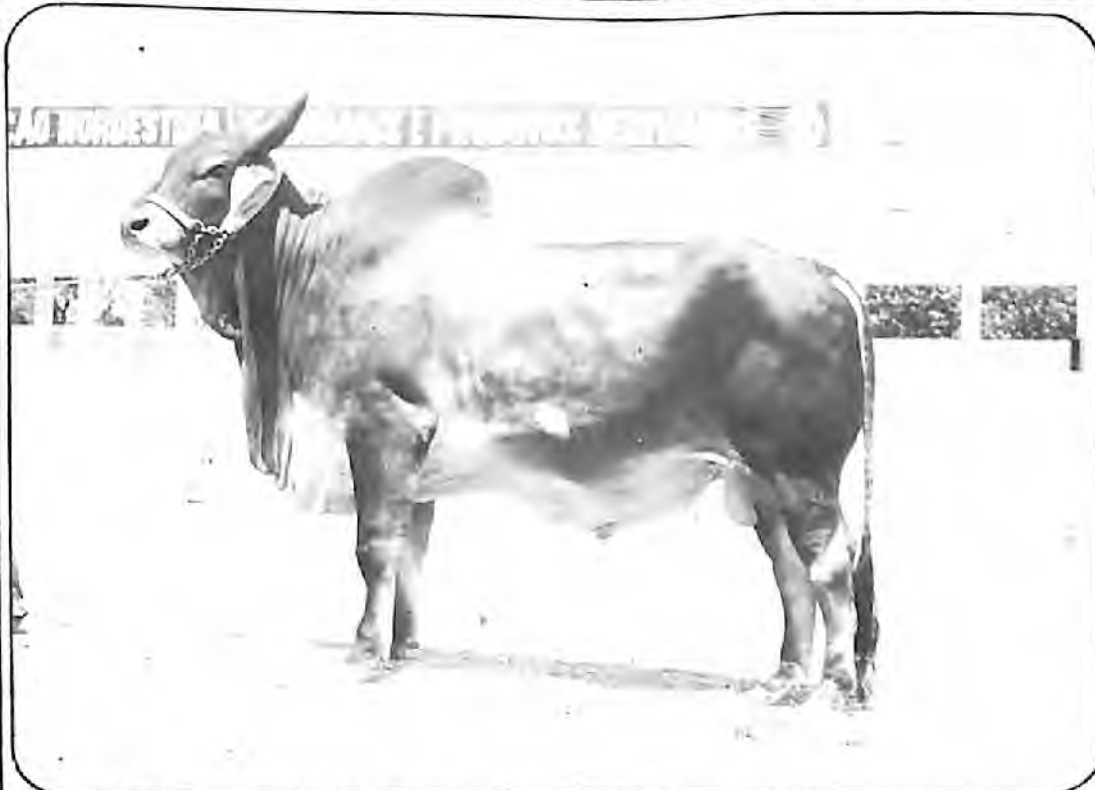
ou de boas chuvas (quando ambas estão em fase na parte superior). Desde 1850, essa "regra" tem enquadrado todas as ocorrências, perfeitamente e, assim, também ocorrerá com a Grande Seca prevista entre 1979 e 1985.

GUZERÁ DE PREFERÊNCIA

Marca F.P.



MELHOR EXPOSITOR NORDESTINO * 1979 *
PALMA DE OURO

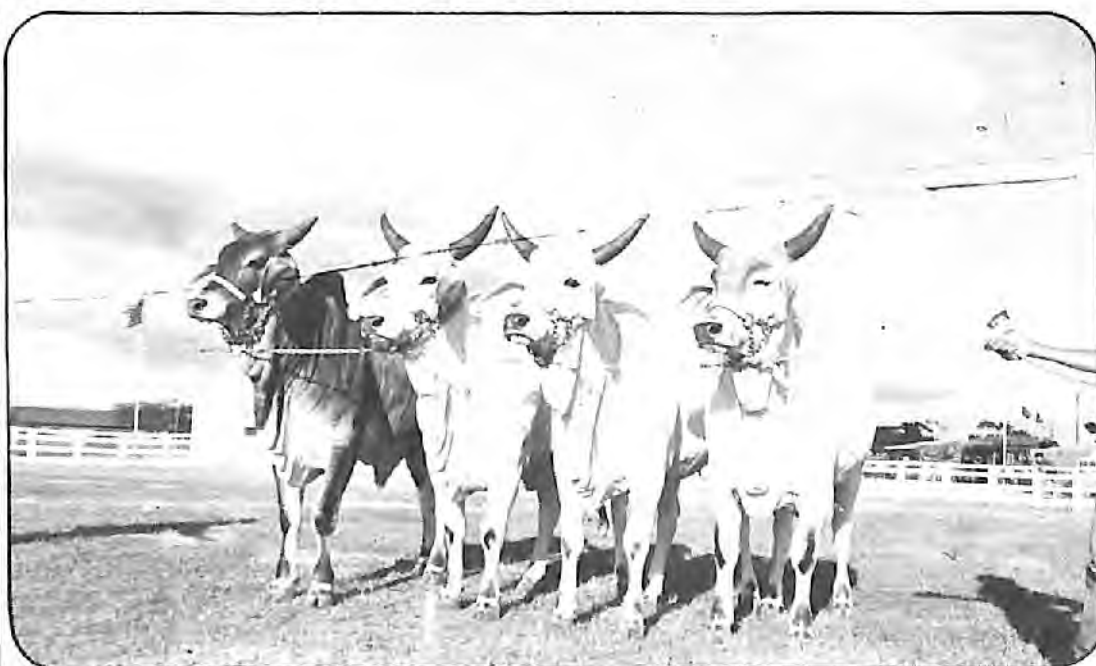


AFAGO-F.P. — Campeão Júnior - 26 meses - 679 kg.

Novamente o GUZERÁ — F.P. sagra-se o MELHOR EXPOSITOR NORDESTINO (1977/1979).

Com 10 animais, obtivemos os seguintes títulos:

- 7 Primeiros Prêmios
- 3 Segundos Prêmios
- Campeonato Júnior
- Campeonato Novilha
- MELHOR DESENVOLVIMENTO PONDERAL MACHO
- MELHOR DESENVOLVIMENTO PONDERAL FÊMEA

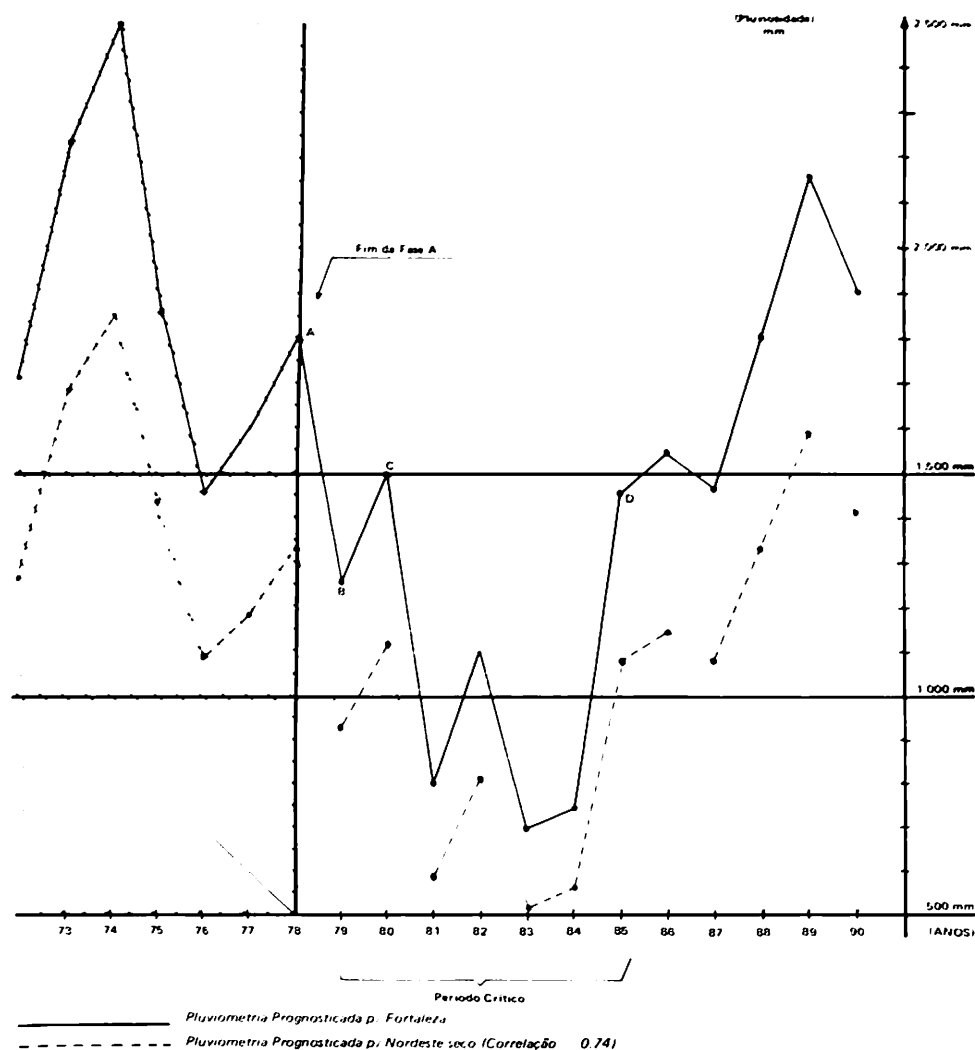


Fazendas PREFERÊNCIA E ROSINHA
CARLOS PONTUAL & FAUSTO PONTUAL
Primavera — Pernambuco

Conjunto formado por:

- BHULAGI F.P. - 1º Prêmio
- BATUTA F.P. - 2º Prêmio E Melhor Desenvolvimento Ponderal Fêmea.
- HULKA de Raiz - 1º Prêmio e Campeã Novilha
- BURIDAM F.P. - 1º Prêmio.

Correspondência:
RECIFE-PE - CEP 50.000
Av. Marquês de Olinda, 302, 6º
Pav. Fones: (081) 224-6189/341.
1643.



ou seja, o comportamento das chuvas não só persistiu, como agravou-se, além do esperado, tornando possível afirmar que caminhamos, seguramente, para a Grande Seca, sem possibilidade de retorno.

Em 1979 - ano em que se esperava uma modificação nos prognósticos, modificação essa que poderia vir a invalidar a Pesquisa, ocorreu o contrário, a seca agudizou-se: Em Pernambuco existem, hoje, mais de 400 mil desempregados no meio rural, com a economia arrasada, podendo chegar a 600 mil e perda de 85% da lavoura. Em regiões, onde a média anual de chuva é de 776 mm, houve apenas 287 mm, após o final do período das águas. No total, o Nordeste está com cerca de 1 milhão de pessoas em estado de alerta, sendo sustentadas pelo programa de emergência ou de assistência do Governo Federal.

E muitos não duvidam que as chuvas somente venham, para determinadas regiões, após a Grande Seca, ou seja, em 1985.

Todos os Estados apresentam regiões que secam mais rapidamente que outras: o centro do Ceará, mais da metade da Paraíba, o oeste do Rio Grande do Norte, o sertão pernambucano, o noroeste da Bahia, regiões estas que - em 1979 - já foram muito castigadas.

Os indícios são evidentes, portanto da proximidade da Grande Seca e a Pesquisa apresenta um detalhamento de seu comportamento, como se nota na fig. 2.

Nesse gráfico, vemos o seguinte:

- Ponto A) Fim da fase A, fase de chuvas normais, antes do período de seca prognosticado.

- Ponto B) Previsão final dos pesquisadores. Segundo eles, após atingir esse ponto, não haverá mais possibilidade de se evitar uma Grande Seca. E esse ponto, praticamente, já foi atingido, após as trágicas secas ocorridas em extensas áreas do semiárido nordestino.

Ponto C) Indicando maior quantidade de chuvas que em 1979.

Este ano de 1980 trará mais chuvas, em uma análise global, mas certas regiões já estarão em processo irreversível de Grande Seca. No entanto, é a última chance de se aproveitarem as águas para gerar um estoque de emergência para enfrentar os anos seguintes, de crise total. Essa pouca água poderá ser insuficiente para encher açudes, mas seria altamente útil para viabilizar novas pastagens de capins resistentes, para abastecer os próximos anos.

Ponto D) Somente em 1985 ocorrerá o final real da Grande Seca, depois de 4 anos sem chuvas significativas (80 a 81, 81 a 82, 82 a 83 e 83 a 84).

Devemos alertar para o seguinte: depois de haver verificado uma similaridade entre a curva de pluviosidade de Fortaleza e de outras cidades sertanejas, os pesquisadores passaram a utilizar apenas aquela como indicadora, por apresentar maior quantidade de dados disponíveis. Visando mostrar com mais detalhes o perigo "real" da Grande Seca, no entanto, acrescentamos uma segunda curva, aplicando-lhe o índice de correlação (0.74) preconizado pelos pesquisadores.

É útil lembrar que as curvas mostram um "valor médio" e, assim, onde - na curva pontilhada - encontramos um mínimo de 500 mm de chuva, convém lembrar que haverá regiões onde poderá estar ocorrendo apenas 150 mm de precipitação e outras com 750 mm, por exemplo. E tais regiões, mantendo um nível tão baixo, durante vários anos seguidos, justificam medidas de emergência racionais urgentes.

Neste ano de 1979, repetimos, em regiões onde chovia 750 mm, normalmente, verificaram-se apenas 250 mm. Estes números, no entanto, se procurados no gráfico, mostram-se absolutamente "alheios à média", pois ela indica 1.250 mm em Fortaleza e 850 mm no semiárido.

O gráfico, indicando um limite mínimo de 500 mm nas áreas sertanejas, poderá não sensibilizar algum desavisado leitor, pois ele não atentará para o fato de que "uma média de 500 mm para todos o Nordeste seco, implica em que algumas regiões estarão vivendo, tragicamente, num regime com índice pluviométrico inferior a 100mm/ano."

Nesse momento, faz-se necessário unir todos os esforços para gerar uma rápida conscientização dos meios oficiais, visando suprir estratégias racionais para enfrentar o terrível flagelo que, mais uma vez, volta a atingir o Nordeste.

VINTE ANOS DE TRISTE DESENVOLVIMENTO

CLOVIS CAVALCANTI, economista, pós-graduado pela Universidade de Yale, é diretor do Departamento de Economia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e professor licenciado da Universidade Federal de Pernambuco; autor de artigos e livros, professor visitante em universidades estrangeiras, colabora também com o Jornal do Brasil, havendo iniciado seu currículo profissional na SUDENE.



Hoje, mais do que nunca, diante das ameaças de crise severa que pairam sobre a economia e a nação brasileira, vemos que as três iniciativas apontadas pelo documento do GTDN que deu origem à SUDENE nunca foram seguidas, a saber: reformulação da estrutura econômica da atividade da Zona da Mata, fortalecimento da economia da zona semi-árida, ampliação da fronteira agrícola para as áreas imunizadas contra o vírus da seca. Hoje, um frontispício de progresso artificial mascara a verdadeira fisionomia nordestina marcada pela miséria e um colapso do abastecimento de tantos produtos primários. E, depois de Suape e Camacari, esse tipo maligno de febre, perguntamos: desenvolvimento para quê? e onde ficamos nós?

Evidentemente, a SUDENE não poderia fazer pelo Nordeste aquilo que a política econômica brasileira não conseguiu, nem pretendeu fazer pela economia do país como um todo - ou seja, estreitar os desníveis, os descompassos que se constata ao longo dos últimos 20 anos, no cenário nacional, entre pessoas, entre setores produtivos, entre regiões geográficas. Pois a SUDENE não existe no vácuo e, mesmo que tivesse mais autonomia, não seria capaz de modificar políticas de âmbito necessariamente federal, como a monetária, a cambial, a de comércio exterior. Este é um preço que a região nordestina paga por pertencer a um país das dimensões do brasileiro, em que se permitiu que vicejassem contrastes como o que separa nordestinos de paulistas.

A constatação da inevitabilidade do hiato Nordeste-Centro-Sul, em fase das condições peculiares da economia nacional, todavia, não exime de responsabilidade a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste pela política desenvolvimentista que fomentou, calcada num padrão distanciado das aspirações regionais. De fato, se se contempla o empreendimento que mais parece consignar algum êxito à ação da SUDENE, como é o caso do programa de industrialização à base dos incentivos fiscais, vê-se que o aparato manufatureiro instalado na região está muito longe de ir ao encontro dos sentimentos, desejos e projetos de vida da sua população. A afirmação pode parecer gratuita, forjada em artigo de jornal. Ela se baseia, contudo, num conjunto de pesquisas sócio-econômicas que pode dirigir, mediante as quais, em contacto com gente comum, tenho podido ver como a aspiração básica dos indivíduos é por condições econômicas sa-

tisfatórias, agora, e por melhor qualidade de vida. Recentemente, por exemplo, entrevistando sertanejos flagelados pela seca de 1979, colhi repetidamente revelações dessa índole. Um dos meus entrevistados já tendo vivido em S. Paulo, afirmou que lá a vida, "sobre o ganho", é muito boa; mas, "sobre a convivência", muito ruim. Um outro entrevistado, com experiência de trabalho no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo, preferia o risco da indigência que uma seca traz para não ter que morar fora do seu local de origem, o município cearense de Campos Sales, não por um apego atávico ou telúrico ao local, e sim porque lá vive-se melhor. Contactos com gente do meio urbano, do metropolitano, de toda parte enfim, reproduzem as mesmas declarações. Ora, o desenvolvimento regional da indústria tem se restringido a uma parte reduzida da população,

como é amplamente sabido, o que evidencia de forma incontestável o desencontro entre o horizonte de expectativas dos nordestinos e as realizações da SUDENE.

Tudo isso, infelizmente, é muito natural, porque são reduzidíssimas as possibilidades de o grosso da população influir na política de desenvolvimento do país. As grandes decisões são tomadas mediante um processo que não privilegia a consulta a lideranças populares de todo naipe. Participam de muitas escolhas, é verdade, as elites empresariais - tendo em vista o enorme prestígio de que desfruta no panorama atual do capitalismo a figura do "produtor", uma questão muito bem analisada por John K. Galbraith. Mas os empresários não são representativamente o povo, restando a este último tão-só a aceitação dos fatos consumados. Proceda-se, assim, a um desenvol-

O modelo brasileiro forçou a SUDENE a criar uma sociedade elitista que vive alheia à realidade regional, enquanto, por outro lado, a grande parte da população continua em uma miséria igual ou pior que 20 anos atrás.



vimento tremendamente elitista, do qual resulta como consequência inevitável a concentração da renda e da riqueza, o limitado potencial criador de empregos das atividades apoiadas. À SUDENE, é óbvio, não cabe culpa pelas diretrizes não-participativas do desenvolvimento brasileiro. Esse órgão, na verdade, é mais uma vítima de tal estilo de desenvolvimento, uma vez que se viu reduzido continuamente à condição de mero executor de ordens.

Se bem que não se deva esperar que a posição do Nordeste, defronte do Centro-Sul, fosse muito diferente, caso a SUDENE dispusesse de maior autonomia como órgão de planejamento regional, não parece haver dúvidas de que o padrão interno nordestino apresentar-se-ia mais equilibrado, mais harmonioso, mais ajustado às carências primárias da região, se a coordenação do desenvolvimento do Nordeste houvesse trilhado a proposta de estratégia apontada pelo documento do GTDN que deu origem à SUDENE. Nesse documento, a industrialização preconizada era de uma índole bem distinta da que se estimulou e, ademais, colocava-se como meta de importância análoga à que se atribuía simultaneamente a três iniciativas orientadas para o setor rural - a saber: reformulação da estru-

tura econômica da atividade da Zona da Mata; fortalecimento da economia da zona semi-árida; e ampliação da fronteira agrícola para as áreas imuni- zadas contra o vírus da seca.

Hoje, mais do que nunca, diante das ameaças de crise severa que pairam sobre a economia e a nação brasileira, as recomendações do GTDN adquirem excepcional significado. Ter-se-iam evitado, caso fossem adotadas essas recomendações, os projetos monumentais, concentradores de renda e ineptos para a criação de emprego. Ter-se-ia fortificado a auto-suficiência econômica regional. E se impediria que um frontispício de progresso artificial mascarasse a verdadeira fisionomia nordestina de região marcada pela miséria, não de bolsões isolados, mas de todo um conjunto de efetivos demográficos numerosos. O que se vê presentemente é a reprodução do flagelo da seca, com uma violência que, para muitos habitantes do sertão, não tem paralelo histórico. O que se vê, ainda, é o colapso do abastecimento de tantos e tantos produtos primários. É a ameaça real de faltarem sementes para o plantio de novas safras nas terras preparadas da área sertaneja, em faixas minoritárias da sociedade, e o delírio do consumo, do esbanjamento, da crença no cresci-

mento ilimitado em um mundo palpavelmente finito.

Não se pode transferir à SUDENE a responsabilidade por essas sombras cinzentas que pressagiam turbulência para os nordestinos. Nem, muito menos, deve-se duvidar da boa fé, do empenho sincero, da vontade de acertar que se notam nas ações dos grupos técnicos que atuam dentro da SUDENE. O caráter maligno do desenvolvimento conseguido tem raízes que envolvem a todos nós, que aceitamos os processos adotados, que aceitamos as aventuras econômicas como essa do Projeto de Suape, como a do Polo de Camaçari. Aventuras que têm criado uma febre de crescimento que produz dor e sofrimento em muitos segmentos da sociedade, levando a indagações do tipo: desenvolvimento para que? e onde ficamos nós?

AGROPECUÁRIA TROPICAL

O porta-voz da
agropecuária nacional

Você, Amigo Criador

Agora encontra sua revista nas Bancas:

AGROPECUÁRIA TROPICAL *está nas Bancas, nas seguintes cidades:*

Anguera (BA)	Coaraci (BA)	Itororó (BA)	Patos (PB)
Amélia Rodrigues (BA)	Camacã (BA)	Itapetinga (BA)	Riachão do Jacuipe (BA)
Ananindeua (PA)	Capim Grosso (BA)	Ibicuí (BA)	Recife (PE)
Barbalha (CE)	Caxias (MA)	Itambé (BA)	Serra Preta (BA)
Brejo Santo (CE)	Campo Maior (PI)	Imperatriz (MA)	Santo Estevão (BA)
Belém (PA)	Codó (MA)	Juazeiro do Norte (CE)	Serrinha (BA)
Bacabal (MA)	Castanhal (PA)	Jaboatão (PE)	Santa Luz (BA)
Baixa Grande (BA)	Exu (PE)	João Pessoa (PB)	São Gonçalo (BA)
Buerarema (BA)	Feira de Santana (BA)	Jequié (BA)	São Sebastião (BA)
Conceição do Jacuipe (BA)	Fortaleza (CE)	Jacobina (BA)	Souza (PB)
Cruz das Almas (BA)	Farias de Brito (CE)	Mairi (BA)	Senhor do Bonfim (BA)
Conceição do Cuité (BA)	Floriano (PI)	Maranguape (CE)	São Luiz (MA)
Cachoeira (BA)	Goiania (GO)	Missão Velha (CE)	Santa Inês (MA)
Capela (BA)	Gandu (BA)	Milagres (CE)	Tanquinho (BA)
Caucaia (CE)	Ipirá (BA)	Mossoró (RN)	Teresina (PI)
Crato (CE)	Ichu (BA)	Miguel Calmon (BA)	Uruçuca (BA)
Cabo (PE)	Itabaiana (PB)	Mundo Novo (BA)	Ubaitaba (BA)
Caicó (RN)	Itabuna (BA)	Manaus (AM)	Valente (BA)
Campina Grande (PB)	Ipiáú (BA)	Nova Olinda (CE)	Várzea Alegre (CE)
Cajazeiras (PB)	Ilhéus (BA)	Natal (RN)	Vitória da Conquista (BA)
Catolé do Rocha (PB)	Ibicaraí (BA)	Olinda (PE)	

BICAMPEÃO PARAIBANO P & B

MELHOR EXPOSITOR DA RAÇA - 79

PARAISO BIBELO BOOTMAKER

Nasc: 12.07.75
Peso: 1050 kg.

Pai: Paclamar Bootmaker
Mãe: Paraíso Usela Astronaut

- Grande Campeão da Raça-Paraíba/79
- Grande Campeão da Raça-Paraíba/78



Com 12 animais, a VELAME obteve os seguintes títulos, na 21a. Expo. Paraibana/1979:

- Grande Campeão da Raça.
- Campeã Novilha Maior
- Reserv. Campeã Novilha Maior
- Campeã Bezerra
- Reserv. Campeã Bezerra
- Campeão Júnior
- Campeão Bezerro
- Melhor Conjunto Progenie de Pai.
- 9 Primeiros Prêmios
- Melhor Expositor da Raça

BADERNA KATE DO VELAME

Nasc: 25.05.77

Filiação: Friso Burke Kate/Aladir do Velame

- Campeã Novilha Maior, Expo. Paraibana/79.



CELOMA KATE DO VELAME

Nasc: 19.12.77

Filiação: Friso Burke Kate/Aninha do Velame

- Reserv. Campeã Novilha Maior, Expo. Paraibana/79

VENDA DE TOURINHOS
P.C.

FÁZENDA **VELAME**

MANOEL ALEXANDRINO DE MELO

R. Maciel Pinheiro, 112, 1º
Fone: (083) 321-3565/321-3678
Campina Grande - Paraíba - CEP 58.100

CARTA A FIGUEIREDO



Senhor Presidente Figueiredo,
meu respeitoso cumprimento;

Quando o ruralista dirige-se ao Chefe da Nação, pode desconhecer as regras e convenções da gramática e não merecer castigo. É o meu caso, e por isso, antecipo minhas desculpas e agradecimento.

Fazendo uso da tribuna impar do homem do campo, tento dar ao patricio investido do mais alto cargo da nação, a idéia de como vemos e como sentimos o nosso país mas, olhando de bem longe, daqui dessas distâncias enormes que nos separam.

Há bem poucos dias comemoramos nossa independência e, mais uma vez, vimos que a história nos conta o quanto custou aos brasileiros: sangue, abnegação, sacrifícios sem fim, para consolidação política da Pátria.

A independência é um anseio do gênero humano, a consciência da independência varia de pessoa a pessoa, de nação a nação. Muitos povos lutaram e conseguiram juntar a independência política, a liberdade espiritual através da cultura e a independência econômica estruturada no trabalho de sua gente, aliada ao patriotismo de seus líderes.

Cento e cinquenta e sete anos nos distanciam daquele dia histórico, mas a busca da nossa independência ampla, continua, sem parar.

Durante um longo período, os brasileiros que assumiram a liderança da Pátria, portaram-se como estadistas respeitados e busca-

ram com ardor os caminhos de nossa independência ampla e irrestrita (usando o termo da moda), dando exemplos de respeito, honestidade, moral e patriotismo, no comando da coisa pública.

Há quinze anos, o povo brasileiro, apoiado pelas forças armadas, disse um basta à inconsequente agitação de Brizola, à fermentação vermelha de Arraes, ao desgoverno de Goulart, à desonestidade que norteava a administração pública de nosso país, à ganância dos agiotes nacionais, à rapinagem dos especuladores.

Vimos, com respeito, a introdução de um novo sistema, nos primeiros anos após 64, quando a revolução, idealista e forte, procurava combater a corrupção, prender os agiotes e açambarcadores da bolsa do povo. Depois, as águas foram ficando turvas e nós, aqui de baixo, deixamos de entender muita coisa...

— Porque os bancos receberam as bençãos do Governo para agiotar?

— Porque a corrupção voltou a ser quase a regra nas administrações municipais do interior?

— Porque os governadores gastam tanto nas suas visitas aos municípios?

— Porque os carros oficiais rodam tanto nos dias feriados?

— Porque obras são começadas numa administração e relegadas na imediata?

— Porque vemos o homem do campo perder suas lavouras, sem poder transportar para o mercado consumidor?

— Porque as nossas matrizes bovinas foram sacrificadas em benefício de nada?

Marcus Vinícius B. Wanderley, dinâmico criador da região sul da Bahia, um apreciado discursor dos problemas nacionais e baluartes da equinóclota nordestina acha que os problemas da nação não precisam ser mostrados, através de minuciosas e complexas das fórmulas matemáticas estatísticas, mas sim através de perguntas feitas da voz do próprio povo, em seu cetero dia a dia. Assim, juntando algumas dessas questões, envia uma carta a Figueiredo, com sabor simpático, mas de grande perspicácia. As lembranças políticas estaladas não traduzem, necessariamente, a opinião de Paraíba Pecuária e deixamos os comentários para os próprios leitores.

— Porque se parou o fomento, nesses últimos anos, à produção de borracha que vai faltar no mercado mundial?

— Porque, há 5 anos, não se agilizou o programa de álcool motor?

Hoje, estamos ouvindo seu grito de guerra, acreditamos na sua sinceridade, mas - para que seja feita uma real economia de guerra - precisaríamos de exemplos amplos e gerais. Precisaríamos ver a repressão aos maus administradores, cadeia aos administradores desonestos que desviam os bens da Nação (e eles são muitos), que diluem os bens do povo apenas em festas, propagando e banquetes, sem programas nem planos.

Acho que a maior crise nacional é de valores humanos, os homens que se prezam e têm um nome a zelar, preferem quase sempre não se misturar na vida política. Ouvimos o ministro Delfim, através da TV, convocar os homens do governo para economizar, em todas as faixas, federal, estadual e municipal. Talvez, a ação conjunta de economia seja o começo de uma série de medidas que o governo central deverá tomar, imediatamente, dizendo um basta a tudo isso que desacredita as lideranças administrativas perante um povo sofrido e quase desesperado, vendo tanta bandalheira praticada pelos donos do dinheiro (do povo).

Quem sabe, talvez o seu governo consiga motivar o velho manancial da honestidade nos patricios, e o Brasil possa dar mais alguns passos novos na conquista de sua Independência muito festejada, mas muito pouco respeitada.

ABCZ EM GRANDE ATUAÇÃO NO NORDESTE

Está repercutindo favoravelmente, em todo o Nordeste, a constante presença da diretoria, nas principais Exposições da região, proferindo palestras e dialogando com os mais expressivos criadores. O rebanho nordestino, um rebanho a nível de competição com os das demais regiões do Brasil, o vencedor em Uberaba/79, há muito vinha necessitando de uma atenção mais acurada, por parte da ABCZ. A presença da ABCZ nas diversas praças

nordestinas deixa prever bons e saudáveis ventos para a pecuária zebuina regional, principalmente no momento em que se preparam grandes exportações.

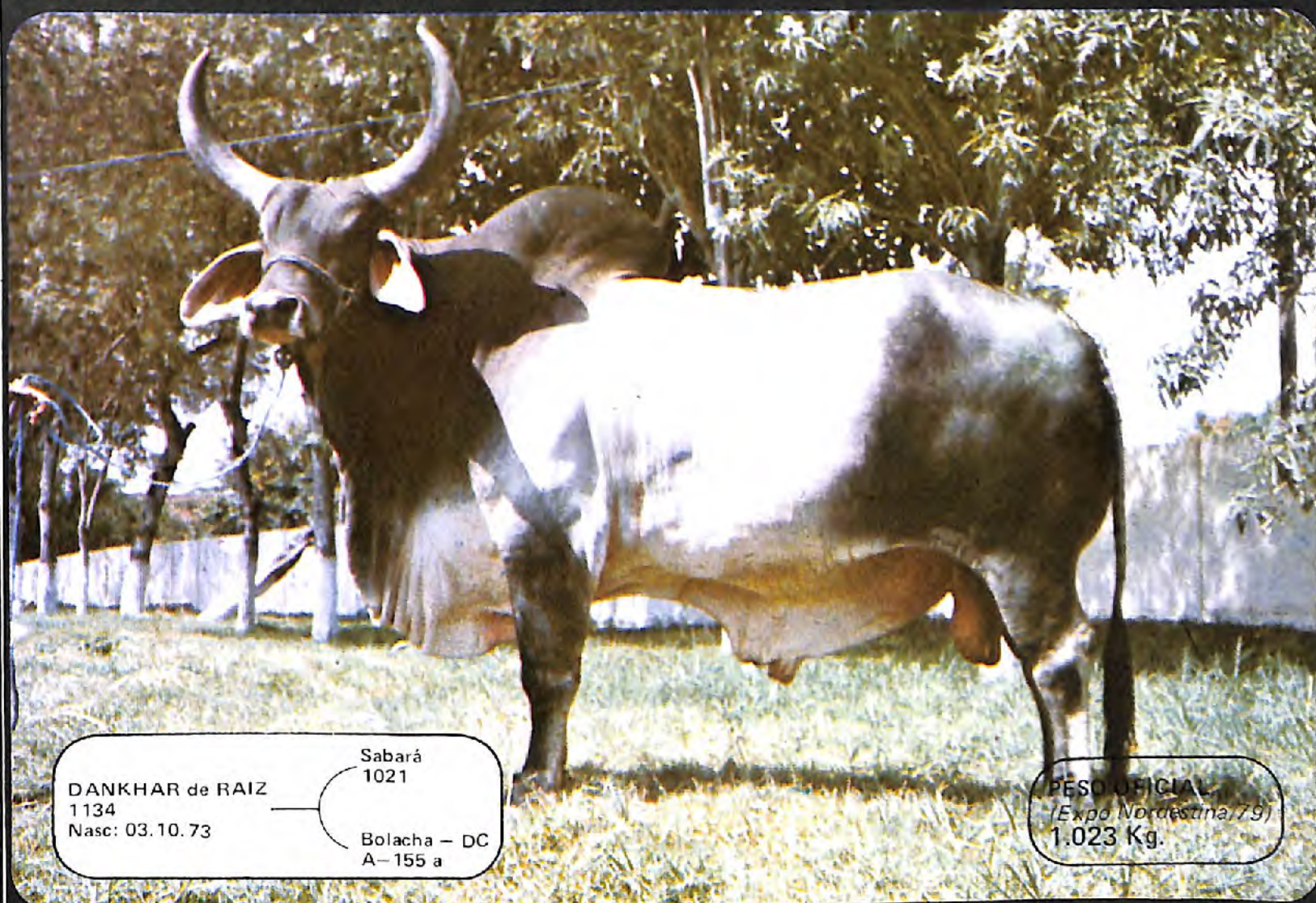
Versando sobre o assunto, a ABCZ deixou evidente que a participação nordestina em prováveis exportações estava mais que acertada, bastando preencher as condições impostas pelos países importadores, frisando também que é do interesse da Enti-

dade esforçar-se, visando apoiar as iniciativas regionais de aprovação das exportações, bem como da instalação de quarentenários, ou outras providências similares.

Dia a dia, caem as barreiras entre Uberaba e Nordeste, e muitos são os criadores nordestinos que, hoje, pregam uma aproximação maior e tecem para ambas as partes, um melhor futuro imediato.

DANKHAR DE RAIZ

PAI DE CAMPEÕES



DANKHAR de RAIZ
1134
Nasc: 03.10.73

Sabará
1021

Bolacha - DC
A-155 a

PESO OFICIAL
(Expo Nordestina/79)
1.023 Kg.

CAMPEÕES

Filhos de DANKHAR DE RAIZ

- GRAVURA DE RAIZ - Campeã Vaca Jovem
- HULKA DE RAIZ - Campeã Novilha
- ITAIPAVA DE RAIZ - Reserv. Campeã Bezerra
- BATUTA F.P. Melhor Desenvolvimento Ponderal

Na 38a. Exposição Nordestina
Recife - 1979

- Fêmea, com 18 meses e 350 kg.
- BAGDÁ F.P. Melhor Desenvolvimento Ponderal
- Macho, com 19 meses e 580 kg.
- BURIDAM F.P. - 1º Prêmio Júnior
- BHULAGI F.P. 1º Prêmio Novilha



RAIZ INDUSTRIAL

AGRO - PASTORIL S.A.

Escritório: Av. Marquês de Olinda, 302 - Fone: (081) 224-5111
Telegramas: "RAIZAGRO" - Caixa Postal: 44
CEP: 50.000 - RECIFE - PE.

PRESERVEMOS AS VACAS QUE AINDA EXISTEM

SINVAL PALMEIRA, da Cabana da Ponte, sempre tem salientado que a pecuária é um bom negócio e que não faz sentido continuar fechando os olhos para a realidade, pois o mundo precisa de carne para se alimentar. A potente voz da Bahia, reconhecida em todo o Brasil, não deixa de censurar os poderes oficiais e a culposa inércia da classe e seus órgãos dirigentes, construtivamente.



O financiamento de retenção de crias é uma boa medida, mas não é essencial para a recuperação da pecuária, o importante é a retenção da matriz, dentro de critérios sensatos e justos, favorecendo pequenos, médios e grandes criadores, com justiça igualitária. O autor apresenta um "Decreto de Lei" que poderia resolver a grave situação atual, normalizando a retenção e punindo o abate indiscriminado de matrizes. Os Bancos devem ser chamados à realidade patriótica, sendo obrigados a investir na agropecuária, a juros de 15% ao ano. O presidente Figueiredo dificilmente poderá passar por cima dos banqueiros ou economistas-de-banqueiros que o acompanham no primeiro escalão, mas é a única maneira de ligar seu nome à história do país, como o Homem que teve coragem de controlar os bancos e as multinacionais.

A pecuária brasileira chegou, afinal, a aquele ponto de crise de produção que seria de esperar, como consequência do abate indiscriminado de matrizes. O fazendeiro não levou suas vacas ao matadouro porque isto lhe pareceu bom negócio, mas por falta de outra alternativa diante do baixo preço da carne e do leite, preço desestimulador de qualquer atividade nesse setor da produção. Sem recursos para pagar sua folha e seus compromissos de crédito, o fazendeiro vendia as vacas e, cada vez mais, deslizava no plano inclinado do endividamento e da destruição das fontes produtivas. Informa o Ministério da Agricultura que no primeiro semestre de 1978 o abate de fêmeas no Estado de São Paulo cresceu de 310% em relação a 1975. De lá para cá somente cresceu essa percentagem catastrófica. O desfalque do rebanho bovino de Minas Gerais, em 1977, foi de dois milhões de matrizes. E em 1978? e em 1979? Esse fenômeno foi geral no país, e se não temos os números exatos de todos os Estados, cremos não exagerar se dissermos que as matrizes foram reduzidas à metade. Frigoríficos existem que abatem preferencialmente vacas, pela oferta maior e a preços mais baixos.

Como teria que ocorrer, o preço da carne subiu e continuará a subir, pela razão óbvia da pequena oferta em relação à procura. O Governo deve estar consciente do problema e certamente estuda soluções adequadas. Como sair-mos da crise em prazo médio? Em primeiro lugar, com uma política de retenção de matrizes. Os bancos oficiais financiam a retenção de cria, o que possibilita ao criador um capital de giro, sem precisar de vender seus bezerros. Isso é justo. Mas não é essencial a um plano de recuperação da pecuária

O bezerro na fazenda de A ou de B será o boi de abate de amanhã. Importante é financiar a retenção da matriz, de modo a que o Governo tenha força e autoridade para impedir o abate. Fêmea até nove anos só pode ser abatida quando inconveniente à reprodução. O financiamento deve ser concedido até o limite de 1.000 matrizes, porque do contrário seria favorecer os grandes pecuaristas, desviando o crédito para poucas mãos, quase sempre para quem dele menos necessita. Esta simples medida seria o grande passo inicial da recuperação da pecuária brasileira. Penso que deveriam ser adotados critérios para esse financiamento. O pequeno criador teria um financiamento de 60% do valor da matriz, para o médio criador esse financiamento deveria ser em menor percentual, talvez 40%, e o grande criador apenas 30% do valor da vaca, nunca excedendo de 1000 cabeças o lote a ser financiado. O grande criador continuaria vendendo seus produtos, mas para recria, jamais para o abate. Normas seriam baixadas regulando todo esse processo, com o cuidado máximo para evitar a burocratização excessiva. O pecuarista só vende sua vaca para o abate se não tiver uma outra saída para seus problemas de aperto de caixa.

Além da retenção de matriz, a difusão da Inseminação Artificial, com crédito e estímulos, de modo a se produzir o novilho precoce e a vaca leiteira de que tanto carecemos.

O Governo poderia baixar um decreto que imaginamos mais ou menos neste sentido:

Considerando a situação da pecuária brasileira, com evidente déficit de matrizes, o que determina o aumento crescente do preço da carne;

Considerando que o Brasil deve, em

prazo médio, se tornar grande exportador de carne, aliviando nosso balanço de pagamento e fornecendo ao mercado interno proteína animal a justo preço;

Decreta:

Art. 1º - Só será permitido o abate de fêmea bovina que for, comprovadamente, inconveniente à reprodução.

Consideram-se como tal as fêmeas de nove anos e as que, por doença ou mal formação, forem inférteis.

Art. 2º - A matriz que for abatida clandestinamente ou em desobediência ao presente decreto, motivará punição do responsável pelo abate, com multa correspondente a dez salários mínimos regionais, imposta pela fiscalização federal competente.

Art. 3º - O Ministério da Agricultura poderá delegar às autoridades sanitárias estaduais ou municipais a fiscalização do abate e o poder de sanção estabelecido neste decreto.

Art. 4º - O pecuarista que vender matrizes para o abate fora das normas previstas no presente decreto estará sujeito à multa estabelecida no art. 2º, de dez salários mínimos por vaca abatida e terá cortado qualquer crédito rural subsidiado que esteja recebendo ou pleiteando.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Já existe norma sobre abate de matriz, jamais obedecida. É preciso revi-

gora-la é uma simples sugestão. Esse projeto é uma simples sugestão. Pode ser melhorado, torna-se mais abrangente, enfim mais ajustado à solução do problema em escala nacional. Mas o Governo tem poderes para tomar essa medida de força em favor da pecuária.

Na verdade, não está cogitando o Governo de créditos para a pecuária. Os fazendeiros estão sendo iludidos, quando crêm que os créditos virão em curto prazo. Acredito que o balanço monetário seja a causa dessa retração. E não é possível aumentar muito os meios de pagamento, o que seria lenha na fogueira da inflação, assim pensam as autoridades financeiras do país. É claro que dinheiro aplicado e bem aplicado na produção de carne e leite nunca poderia ser fator de crescimento inflacionário.

Há, porém, uma saída mais simples. O Banco do Brasil dispõe de recursos de caixa que poderiam ser largamente utilizados pelo Governo para tal programa.

Em lugar de grandes dividendos e filhotes aos acionistas, mais dinheiro na **produção**. Se o Governo ouvir o Banco do Brasil, saberá que estamos falando certo. Há recursos e grandes recursos, do próprio Banco, que podem ser aplicados nesse setor, a juros baixos e não subsidiados pelo Tesouro. Se o lucro do Banco cair, e cairá, voltará em negócios regulares o que houver deixado

de ganhar, com empréstimos a juros baixos, muito inferiores ao preço de mercado, pelo aumento da produção e crescimento dos negócios. E os bancos particulares? Esses hoje controlam grande parte do meio circulante. Se fizemos uma análise real da economia brasileira, chegaremos à conclusão de que só os bancos têm efetivo poder econômico. A indústria e a agricultura vivem em ginástica permanente para manter sua produção, ainda que enormes sejam seus ativos imobilizados e do maior interesse essa produção. Os lucros dos bancos publicados nos jornais são astronômicos. E os juros são altíssimos. **O Governo deve, a meu ver, chamar os bancos à realidade.** Seriam obrigados a investir na agro-pecuária parte substancial de seus lucros, ou seja, de suas disponibilidades, a juros de 15% ao ano.

Parece-me ter razão o Ministério da Fazenda, quando propõe amplo debate entre os Bancos e os demais setores da produção, para se fixar o verdadeiro modelo ou seja a reestruturação do sistema financeiro. Os Bancos pretendem participar do crédito rural, mas repassando verbas do Tesouro. Queimam-se do Banco do Brasil, que dizem privilegiado, porque também eles querem "uma fatia do bolo". Essa é a filosofia dos Bancos. Ganhar comissões emprestando dinheiro do Tesouro. Se a economia é de guerra, todos devem pensar em termos de sacrifícios e jamais de crescente enriquecimento.

O Presidente Figueredo terá, certamente, muitas dificuldades para seguir uma política desse tipo, porque há muito banqueiro

ou economista de banqueiro. Mas ele se convenceu de uma coisa: escalar. Mas ele se convenceu de uma coisa: escalar. Mas ele se convenceu de uma coisa: escalar. Só ligará seu nome à história deste país como aquele que lhe devolveu a liberdade democrática e a segurança econômica, se prosseguir firme na sua abertura, mas se tiver condições de controlar os bancos e as multinacionais, sem perder de vista as empresas estatais e suas mandonias. Basta lembrar que a previsão de gastos dessas empresas para 1980, representa o dobro do orçamento da União, segundo informa a revista Exame de novembro último. Que o Sest corresponda ao que dele espera o país, é o próprio Presidente que o criou, estamos certos para funcionar. A inflação não vem dos salários, vem dessas fontes inesgotáveis das multinacionais, dos bancos privados e das empresas estatais, a começar pela Petrobras. E não somos pela privatização, mas pelo controle e moralização.

De toda forma, o caminho e a retenção de matrizes financiamento para retenção e Inseminación Artificial.

E hora de adotar uma política sã e energética e corajosa para a carne e o leite. Não repetamos o erro do problema energético, somente enfrentando com seriedade agora, quando deveria ter sido seis anos antes.

O problema da carne tende a se agravar. Nossa produtividade em regime de pecuária extensiva não atinge 50% e o destino é em torno de 10%, quando nos Estados Unidos é superior a 30% e na Argentina 24%. Na França, velho país de boa pecuária de nobres raças e de Inseminação Artificial das mais avançadas do mundo em tecnologia, esse destruído passa de 40%. Sem mudança radical em nossa política de reprodução, dando prioridade à Inseminação Artificial e sem a retenção compulsória de matrizes, em poucos anos não teremos carne em nossas mesas, o que será mais do que um crime, uma vergonha.

FAZENDA **ESPERANÇA**

Dr. JOSÉ NIVALDO

SURUBIM, PE – R. João Batista, 38 - Fone: 226

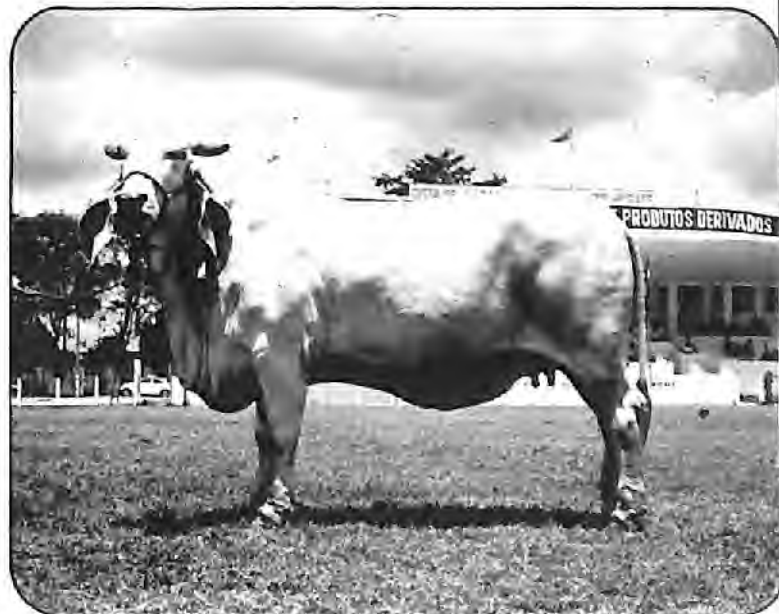
RECIFE, PE – R. Itapecerica, 17 - Prado - Fone: (081) 227-4576

Com 10 animais, obtivemos os seguintes títulos em Recife/1979:

- Campeã. Novilha
- Campeão Bezerro
- Melhor Desenvolvimento Ponderal Macho
- Melhor Progenie de Pai
- Melhor Progenie de Mãe
- Reserv. Campeão Sênior
- Reserv. Grande Campeã
- Reserv. Campeão Touro Jovem.
- Reserv. Campeão Júnior
- Reserv. Campeão Bezerro.



**SELEÇÃO
INDUBRASIL**



PALMEIRINHA

- Campeã Bezerra - Expo Nordeste/79.
- Campeã Bezerra - Expo. Paraibana /79.
- Reserv. Grande Campeã Expo. Paraibana/79.

BATALHA

- Grande Campeã da Raça — Expo. Paraíba/79
- Campeã Sênior — Expo. Paraíba/79.
- Reserv. Grande Campeã da Raça — Expo. Nordeste/79
- Reserv. Campeã Sênior — Expo. Nordeste/79.

A MELHOR EXPOSIÇÃO NORDESTINA

1979

Cada cidade, pela sua própria tradição, esforça-se por melhorar sua Exposição, mas sempre tendo uma meta, mesmo inconsciente, como objetivo. Dessa maneira, algumas ganham destaque em um setor, e perdem em outros. Poucas dedicam-se a atender a vários aspectos e estas são as melhores. A única intenção dessa primeira análise é mostrar alguns dos aspectos que pudemos coletar, nesse ano de 1979, referentes a dezenas de Exposições. Traçamos aqui apenas as que realmente foram as melhores do ano.

Muitos outros aspectos não podemos apresentar, nesse trabalho, por falta de informações detalhadas, o que pretendemos trazer, em janeiro de 1981, quando analisarmos as Exposições do corrente ano de 1980. O importante é que pretendemos deixar claro que o Nordeste é a única região do Brasil que conta com uma espécie de "inspeção crítica", analisando as Exposições, visando tão somente melhorar o nível de todas elas.

Alguns fatos importantes já podem ser deduzidos, da presente análise:

1) A presença de artistas famosos não garante a afluência de grande público. As melhores Exposições em presença do público, não apresentavam, em seus grandes dias, shows de qualquer espécie. Possibilitavam, isso sim, uma festa do povo, uma festa dinâmica, com parques de diversões, com boates no recinto, com discoteques, com tríos elétricos, com bandas de música da própria cidade, com shows folclóricos ou regionais. Não gastaram fortunas com artistas do sul do País! Ao invés disso, garantiram a presença de dezenas e dezenas de restaurantes e drinks-bar para todos os gostos. Elas sabiam que a festa é do povo e o povo, numa ocasião dessa, não quer ficar estático, vendo um artista cantar, por melhor que ele seja. A melhor festa popular foi Ipiaú, BA onde não houve shows com artistas nos últimos dias e o brilho foi excepcional apesar da improvisação da

primariedade, da poeira, etc. Enfim, o povo sabe que Exposição é Exposição e não recinto de teatro.

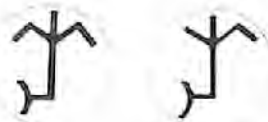
2) A comercialização é a parte mais

importante e o apoio junto aos bancos é essencial, trazendo para o Parque, o Governador e autoridades máximas. Quando o Governador não comparecer ao Parque, o melhor a fazer é arrumar as malas, caso a Exposição seja Estadual, ou então, lutar bravamente, como fez Itapetinga, até conseguir o intento. O importante não é somente ter o gado para vender, é também trazer o

AS MELHORES EXPOSIÇÕES NORDESTINAS – 1979

Contagem de
1 a 5 pontos.

	ITAPETINGA	SALVADOR	VITÓRIA DA CONQUISTA	FEIRA DE SANTANA	SENHOR DO BONFIM	IPIAÚ	JEQUIÉ	FORTALEZA	CRATO	NATAL	CAMPINA GRANDE	RECIFE	ARACAJU	MACEIO
Aspecto Social														
• Atendimento a criadores	3	4	2	4	3	3	1	2	2	1	3	3	5	2
• Animação aos criadores	3	1	3	2	2	2	2	2	2	3	4	2	2	2
• Atendimento aos vaqueiros	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	2	4	3	3
Aspecto Festa Popular														
• Festa p/povo geral	4	2	3	3	4	4	5	3	2	4	3	3	2	2
• Festa folclórica regional	2	1	2	2	4	3	3	3	1	5	1	2	1	2
• Provas equestres	4	1	1	2	—	—	2	2	—	1	2	3	2	1
Atendimento aos Animais														
• Água, ração, etc...	4	3	3	3	3	3	2	3	3	1	3	2	3	3
• Assist. Veterinária, etc.	3	4	3	2	2	3	3	3	3	1	2	3	3	3
Presença a Julgamento														
• Raças Zebuínas	3	4	1	3	3	3	3	3	3	4	4	5	2	3
• Outras Raças	1	5	2	4	3	2	3	2	3	3	3	2	2	1
Divulgação														
• Divulgação Prévia	3	3	3	3	2	2	2	2	1	2	4	2	3	2
• Divulgação interna	Todos os locais comandados pela King Promoções													
Comercialização														
• Apoio junto aos bancos	5	2	3	2	3	3	2	2	3	1	5	1	3	2
• Incentivo à compra	1	1	1	1	1	1	2	1	1	2	3	5	2	1
• Leilão											3			4



O BOI QUE É MAIS BOI



Boi bom mesmo não estranha capim seco, vive bem na caatinga, no sol brabo!...

Os bezerros, enormes e fortes, nascem prontos para aguentar o clima mais difícil do mundo. E são homogêneos, bonitos, um fator de rendimento...



A seleção funcional dentro da raça vai tornando o rebanho uniforme, rústico, firme, pesado, precoce, leiteiro, manteigueiro, com muita raça. O GUZERÁ sempre completa o peso antes que as outras raças.



Olha a Daneca-D, com cria ao pé, aos 28 meses!

E Espinhara-D, que pariu depois de Daneca, aos 25 meses!



E, então, surge a Verdade: o GUZERÁ sabe enfrentar a seca. Outros animais vão "afinando" encompridando as pernas, perdendo peso, rendendo menos, ficando ossudos e tardios na parição. A seca obriga o rebanho a se comportar adequadamente nos trópicos. No GUZERÁ D, o intervalo entre partos está ficando menor, aumentando a produção leiteira, o número de bezerros apartados por ano e o número de lactações durante a vida produtiva das vacas.



E, de tanto pensar, a gente descobre que a quantidade de cabeças por hectare não é muito importante. O que interessa é QUANTOS QUILOS de carne e leite podem ser obtidos por hectare/ano. E, então, o Guzerá é mesmo o melhor...



As fêmeas são resistentes e com o leite, mesmo no pique da seca, elas pagam a conta da criação



Dá gosto, logo de manhã, tirar até 16 kg de leite de uma vaca zebu. E vacas como MOLIANA-D, produzindo 14 kg em uma ordenha, sem artifícios, são comuns



Ou então, pesar EMBATE, com 580 kg, aos 24 meses, um "moderno novilho de corte". O Guzerá-D, de dupla aptidão, tem obtido peso e muito leite, para criar bezerros fortes e precoces.



E eis Centurião, de notável ascendência leiteira e mansidão, com produção comprovada na Fazenda.



Já comprovamos: para mestiçagem com holandes, simental ou schwyz, o GUZERÁ dos trópicos é o melhor. Basta verificar o que acontece, logo no primeiro cruzamento



Na CARNAÚNA, quem manda desde 1934 é o olho do dono. Por isso temos certeza de que o GUZERÁ é o gado ideal, sobretudo para as regiões de clima rigoroso.

Registro

Genealógico
da ABCZ



Seleção desde 1934, com animais PQ da mais tradicional linhagem leiteira (fundada em 1895) sem nunca haver introdução de sangue de fora

FAZENDA CARNAÚBA
MANOEL DANTAS VILAR FILHO
TAPEROÁ, Paraíba - CEP 51.090 - R. Álvaro Machado,
1 - Fones: 2213/2251
(asfalto até João Pessoa ou Recife)

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os Itens indicados abaixo, GRATUITAMENTE:

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

☐ Quais os preços de GUZERÁ e outros produtos da fazenda?

☐ Porque o Cruzamento do GUZERÁ com europeu é melhor e mais econômico?

☐ Detalhes sobre arraçamento e outras pesquisas práticas no trópico seco

☐ Melhor explicação sobre PRODUTIVIDADE E MAIS QUILOS POR HECTARE/Ano

comprador até o recinto, como foi visto em Campina Grande. Os leilões começam a surgir, com bons resultados, como em Maceió. Outras alternativas de vendas devem surgir, pois é a parte principal de qualquer Exposição.

3) O criador não é um tijolo, ele merece uma cadeira, um local de sombra, um banco para sentar, uma mesinha para fechar negócios, ou tomar um uísque no final do dia. A Exposição deve ser um recinto humano e não um amontoado de bois, vacas, vaqueiros e expositores. Por isso, o aspecto social deve ser levado em conta, como um dos pontos principais. Os promotores não devem permitir que certos criadores fiquem relegados ao esquecimento, devem promover um conagraçamento entre todos os que estão no recinto. A função dos promotores é criar uma grande festa, que se repita todos os anos.

MELHOR ATENDIMENTO AOS CRIADORES

RECIFE — o parque de Recife, bem arborizado, com grandes áreas entre uma baía e outra, possibilita colocar cadeiras e mesinhas, dando um aconchego maior aos criadores. Os promotores constantemente perambulam pelo recinto, bem como as autoridades máximas do Estado, conversando com os expositores. O diálogo entre criadores é, assim, franco e cordial, havendo inclusive um restaurante especialmente dedicado à classe, com preços normais, visando apenas congregar os fazendeiros de todo o Brasil, numa grande irmandade.

MELHOR ANIMAÇÃO AOS CRIADORES

CAMPINA GRANDE, PB — A Exposição Paraibana tentou se realizar, nos mínimos detalhes, atendendo ao gosto dos expositores, promovendo shows, almoços diversos, seminários, conferências. A semana foi movimentadíssima, pois os jornais batalhavam, na ocasião, questionando o possível fracasso da Exposição, adicionando causas e fatores políticos. As conversas, as entrevistas em jornais e televisão locais eram ríspidas, todos sentiam a possibilidade de sucesso, mas não viam tal sucesso. Esse espírito de ansiedade era o motivo principal de animação aos criadores, somado às iniciativas de comercialização introduzidas pelo Secretário de Agricultura Dr. Humberto de Freitas, trazendo compradores de todo o Estado.

MELHOR ATENDIMENTO AOS VAQUEIROS

RECIFE — Os vaqueiros e peões, de um modo geral, são bastante relegados a um segundo plano, nas exposições nordestinas. A mais humana de todas é a de Recife, que apresenta, até, alguns compartimentos especiais para os vaqueiros. A convivência com vaqueiros vindos de longas terras, e a multiplicidade de afazeres, bem como a perfeita colocação, no Parque, dos locais de lavagem, adestramento, etc. tornam a vida dos vaqueiros mais amena e mais feliz.

MELHOR FESTA PARA O POVO

IPIAÚ, BA — Muitas cidades disputaram esse título: Itapetinga, BA, Crato, CE; Cam-

A ANÁLISE

Selecionamos cerca de vinte itens de análise e, para cada um, conferimos pontos, de 1 a 5, acreditando poder evidenciar a melhor Exposição, mas deparamos com muitas dificuldades. A diferença entre "qualidade e quantidade" obrigou-nos a não entrar no mérito zootécnico e procurar adequar a pontuação, relativamente a cada Exposição, sem fazer comparações com outras. Por isso, deixamos de apresentar aspectos como: "Melhor presença de machos", "Melhor presença de Conjuntos-Progênie", "Melhores Ponderais", etc. O aprofundamento no aspecto zootécnico merecerá uma atenção especial, em nossas edições futuras.

pina Grande, PB; Natal e Senhor do Bonfim, BA, mas o título fica para Ipiáú, BA com muitas vantagens. A cidade inteira ganha vida nova, são centenas de barracas, boates e discoteques fora do recinto do Parque, embandeiradas e brindadas pelo som estridente dos Trios Elétricos. Dentro do Parque, o panorama é mais elitizado, apenas duas boates com músicas frenéticas, diariamente, quase uma centena de barracas, para todos os gostos. O Parque é pequeno, e a confusão dos estandes é evidente, implementos e maquinarias para cacau, para agricultura, tratores, bugigangas, artesanatos, baianas vendendo acarajés, tudo numa confusão geral, sem qualquer possibilidade de racionalização. Por isso mesmo, é uma grande festa para o povo, que aprecia ver uma porção de tratores misturado com artesanato e vendedores de milho cozido. Em artistas famosos, o maior foi Luiz Gonzaga. O show ficava por conta de paraquedistas, demonstrações de pulverização por helicóptero ou aviões, trios elétricos, etc. A entrada era franca para todos. Nos principais dias, a população ao redor do Parque situava-se na casa de 15 mil pessoas e dentro do recinto em mais de 15 mil. Durante a semana, não se encontra hospedagem normal em hotéis, mas sempre se dá um jeito, pois tudo é festa.

MELHOR FESTA REGIONAL

CRATO, CE — O pequeno Parque de Crato tem por tradição não trazer artistas famosos de outras regiões, apenas nordestinos, sendo o maior o grande Luiz Gonzaga. A banda-orquestra da cidade anima as noites dezenas de fotografos fazem o movimento junto às baías fotografando namorados junto aos naimais, sob o sorriso complacente dos criadores, o público presente nos melhores dias subiu além de 30 mil pessoas. Convém lembrar que Juazeiro do Norte fica a apenas 10 minutos de Crato e a região congrega várias pequenas cidades, o que justifica um enorme público no recinto, diariamente. O cearense não troca sua indumentária típica e a festa é caracterizada por shows de vaquejada, corridas, etc. sempre em traje normal da região. Para quem aprecia vaqueiros vestidos com couro, Crato é uma grande perda. Com festa popular, com caráter regionalista sem dúvida, Crato é a maior festa.

MELHOR PROMOÇÃO EQUESTRE

ITAPETINGA, BA — A Exposição é uma

Os pontos obtidos foram somados e, então, selecionamos somente as melhores Exposições para essa Análise. São elas: Itapetinga, Salvador, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Senhor do Bonfim, Teixeira de Freitas, Ipiáú, Jequié, Fortaleza, Crato, Natal, Campina Grande, Recife, Aracaju e Maceió.

A configuração dos pontos é a que se nota no Quadro e a explicação das principais características da Exposição vencedora vem logo a seguir, para servir de exemplo para os promotores nordestinos.

A MELHOR EXPOSIÇÃO NORDESTINA, teoricamente, é a soma das melhores aqui apresentadas. Basta, portanto, que os promotores busquem adicionar às suas Exposições as virtudes das demais aqui apresentadas, para obterem a certeza de estarem oferecendo uma excelente Exposição.

época especial para promover os esportes equestres, mas poucas são as exposições nordestinas que utilizam esse brilhante motivo em suas programações. De todas elas, apenas Itapetinga traz todos os anos, um espetáculo já tradicional que culminou, inclusive, na criação do Clube do Cavalo, na cidade. Hoje, dezenas e dezenas de garotos e garotas aprendem a lidar com cavalos, com arte, na cidade e orgulham-se de suas fardas vistosas. Durante a Exposição, as provas despertam não somente a curiosidade, mas o interesse e desejo de participar. Um grande exemplo para todos, com a formação de uma juventude sadia, pois os esportes equestres de elite favorecem o cultivo do espírito e formação de lideranças.

MELHOR ATENDIMENTO AOS ANIMAIS

ITAPETINGA, BA — Em geral, todas as Exposições apresentaram, em 1979, algumas deficiências nos serviços de água, arração, etc. Itapetinga que iniciou sua Exposição com apenas 50% de sua capacidade (a BR-116 e BR-101 estavam paralisadas, devido às enchentes, na época), contando com a oposição de grandes políticos regionais, resolveu não dar o braço a torcer e o Sindicato, o promotor principal, marcou presença várias vezes por dia, junto aos criadores, procurando corrigir as deficiências, por menores que fossem. Os próprios criadores da região compartilhavam esse ideal e propunham-se a fornecer capim, silagem e veículos para garantir o sucesso da Exposição.

MELHOR PRESENÇA DE RAÇAS TAURINAS

SALVADOR, BA — Embora com uma excelente representação zebuína, Salvador destacou-se, principalmente, pela grande diversidade de raças taurinas. Animais de todo o Brasil ali estavam, prestigiando o novo Parque, visando uma grande promoção. Assim, as raças Holandesa, Marchigiana, Schwyz, Simental, Fleckvieh, Chianina, Santa Gertrudis, Normando, Jersey, etc. grangearam o título para a Bahia. Hoje, o grande Estado nordestino possui excelentes plantéis das mais diversas raças européias e americanas.

MELHOR DIVULGAÇÃO PRÉVIA

NATAL, RN — Geralmente, as Exposições pecam em sua divulgação, deixando-a

para a última hora. Apenas ouve-se falar numa Exposição a 60 dias de antecedência, tempo muito curto para um criador preparar sua representação. Nesse sentido, Natal mereceu o título, pois a divulgação é farta, cobrindo uma extensa área, desde Fortaleza, até Maceió, via Televisão e Rádio. Consideramos ideal uma divulgação prévia, com seis meses de antecedência, não sendo necessário utilizar, forçosamente, Televisão e Rádio, que são veículos caros.

MELHOR ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA

SALVADOR, BA — O Parque de Salvador, sem dúvida, a maior área construída do Nordeste, senão do Brasil, contava também, com uma grande equipe de técnicos, revezando-se, visando possibilitar um sucesso nesse setor. Convém lembrar que poucas são as Exposições que se preocupam em dar um bom atendimento técnico aos criadores e, não raro, curativos, pequenas cirurgias acabam sendo realizadas por vaqueiros e proprietários, por falta de veterinários (que, geralmente, apreciam muito um chopinho gelado exatamente na hora do expediente). A grande quantidade de animais em Salvador exigiu muita atenção e mesmo os dois casos fatais registrados não diminuem o mérito da equipe e do atendimento em si.

MELHOR PRESENÇA DE ZEBUINOS

RECIFE, PE — As melhores raças em Zebuínos foram Salvador, Campina Grande, Natal e Recife, cabendo a essa última o título. Para elucidar, basta frisar que no momento em que se julgam os Conjuntos-Progênie pode-se aquilatar o interesse da região e a orientação zootécnica procurada. Em Recife, a raça Guzerá encheu a pista, também a Nelore. O Indubrasil, com poucas, mas grandes representações, assim como o Gir. As raças européias ficaram com apenas três pequenos pavilhões. A maior representação foi da raça Guzerá, como se esperava, devido ao potencial regional.

MELHOR SERVIÇO DE SOM

Foram muitas as Exposições realizadas pelo Serviço de Som da KING PROMOÇÕES, de Vitória, ES. Em todas elas, indiscutivelmente, nota-se o bom gosto na pro-

gramação diária e o excelente controle de volume. As Exposições geralmente provocam mais barulho que propriamente um som agradável. Existem aquelas em que um locutor esbraveja o tempo todo, ou recita publicidades, ou entoa louvações a quem quer que entre no recinto, e tudo isso pode ser feito, mas não é o essencial em um Parque. O importante é o público, o criador, os animais. Eles é que devem ser respeitados pelo Serviço de Som. A KING PROMOÇÕES é a única, em todo o Nordeste, que reduz o volume, quando nota que algum animal está sendo fotografado, na pista, porque é a única que dedica todo o tempo vago para uma seleção de músicas. A presença da KING é como se se colocasse no Parque, um sistema de FM próprio, com muitos gêneros de música, desde sertanejas, para começar o dia, até a mais furiosa discoteca, para animar a juventude, no cair da noite, ou músicas boêmias, para acompanhar a hora do chopp. O som é a alma da festa, e o homem que o comanda precisa ser um artista, sabendo dar o merecido valor a momentos de silêncio e momentos de fortes sons.

MELHOR APOIO JUNTO AOS BANCOS

Dois Exposições destacaram-se em 1979, nesse item, ITAPETINGA, na Bahia, com as estradas cortadas, viu os animais chegando até mesmo no último dia normal da Exposição. Os animais eram vendidos nos próprios caminhões. O julgamento fora realizado com um mínimo de animais. As vendas, no entanto, não poderiam ser prejudicadas e o Sindicato, com a presença do Governador, lutou junto aos Bancos e conseguiram a continuidade dos serviços de financiamento até três dias após o encerramento, além do alargamento do limite geral de crédito. A Exposição foi um sucesso, depois de grande ansiedade e luta.

Em NATAL, RN apenas 40 cidades poderiam participar dos financiamentos bancários, pois as demais 110 cidades do Estado estavam em regime de emergência de secas. Tudo indicava um desastre, como realmente aconteceu, até na 5a. feira. Os Bancos fecharam as portas antecipadamente e criou-se um desespero geral, junto aos criadores. Surgiu o movimento e logo, autoridades e criadores estavam irmanados, lutando pela reabertura dos bancos e alargamento dos limi-

tes de financiamento, o que foi conseguido com muito sucesso. Natal manteve, assim, sua tradição de "Exposição onde tudo se vende".

MELHOR INCENTIVO ÀS COMPRAS

CAMPINA GRANDE, PB — O importante é apenas abrir o crédito, no recinto. É muito importante facilitar a vinda do comprador. Apenas a Paraíba tem se preocupado com esse assunto e o Secretário Dr. Humberto de Freitas, após cinco anos de atividade no cargo, consolidou magistralmente a atuação nesse campo. Em 1979, sobram compradores no recinto do Parque, todos com a autorização dos Bancos, de suas cidades de origem. Muitos voltaram, por não haver mais animais para compra. Além de animais subsidiados pela Secretaria de Agricultura, havia todo o trabalho de transporte das pessoas interessadas, ida e volta, garantindo o sucesso da Exposição. A qualquer dia da semana, chegavam as caravanas de compradores, em conduções alugadas pela Secretaria vindas dos mais distantes rincões e a euforia estampava-se no rosto dos expositores, pois não faltava gente fazendo perguntas e indagando preços.

MELHOR LEILÃO

MACEIÓ, AL — Não está muito disseminada a prática de Leilões, no Nordeste e Maceió mereceu o título, pois as vendas foram fracas, no correr da semana e todos foram surpreendidos pelos altos resultados do Leilão, no final da Exposição, mostrando que essa é uma alternativa que não se deve ser desprezada, nunca.



FAZENDA

DUAS BARRAS

Criação da Raça PITANGUEIRAS
com especialidade de Leite e Carne, em regiões de clima tropical

Prop: EDUARDO ALVES DE ALCÂNTARA

SANTO INÁCIO—Paraná—CEP 86650

Endereço: Rua Massaru Uchida, 904

Fones: 262 e 263

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

GIR LEITEIRO DE UMBUZEIRO

prestigia a Expo. Paraibana — 1979.



Em OUTUBRO
Grande Leilão
da Raça GIR
e GUZERÁ

Conjunto Progenie
do touro HAVANO,
presente na Expo.
Paraibana - 1979

Em Umbuzeiro, PB, a EMBRAPA vem realizando experimentos com a raça Gir e raça Guzerá, em forma de um estudo comparativo entre as duas raças, num total de 500 animais, em rebanho estabilizado, praticando monta natural e principalmente Inseminação Artificial. A seleção Gir iniciou, em Umbuzeiro, em 1937. A seleção Guzerá, é proveniente de Cruz das Almas, BA e foi iniciada em 1952. Os experimentos visam a produção de Carne e Leite. Os últimos dados leiteiros, de apenas 40 matrizes Gir de Umbuzeiro, indicaram uma produção de 2.622.931 gr. ou 8.540 gr/dia com lactação média de 300,7 dias.

HAVANO, RG: A-6165, filho de Ficção RG:B-279 que produziu 4.288 kg em 324 dias, ou 13.234 kg/dia.



Dois excelentes filhos de HAVANO.



EMBRAPA

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA
Centro Nacional de Pesquisa — Gado de Leite
Informações : Estação Experimental de Umbuzeiro
Umbuzeiro, Paraíba — CEP 58420
Vinculada ao Ministério da Agricultura

UMA RADIOGRAFIA DA PECUÁRIA NACIONAL

DIONÍSIO FEITOSA NORONHA, é professor zootecnista e assessor de Pecuária da Confederação Nacional da Agricultura. Legítimo batalhador pelo setor, sempre tem levantado os problemas apresentando-os aos altos escalões, pregando soluções e evidenciando a insensatez de certas medidas ineficazes.



Basta analisar os ciclos históricos da pecuária brasileira para se entender que estamos num terrível momento que, embora tenha recebido total apoio "verbal" ainda não se encontra sequer no limite mínimo de segurança. Os planos e diagnósticos governamentais, em sua maioria, não são debatidos com os órgãos de classe dos produtores e suas lideranças, restando para eles apenas uma amarga derrota, constantemente repetida. Em 1969 tivemos um projeto que, se aprovado, teríamos hoje o maior rebanho do mundo e seríamos o maior exportador de carnes e haveria comida farta na panela de todos os brasileiros. Mas o Ministério da Agricultura (Senos) considerou-o "despido de maior significado para a evolução do rebanho bovino brasileiro". E, hoje, quem está despirlo, é o pecuarista e o consumidor.

Para uma maior compreensão do comportamento da pecuária bovina nacional faz-se necessário identificar os ciclos pecuários e suas variações.

Desde 1953, apesar de não haver estudos mais aprofundados, sabe-se que esses ciclos têm variado com uma duração média de sete anos. A identificação de um ciclo pecuário é extremamente importante para adoção de uma política adequada no setor, pois, quanto menor for o nível de ignorância a respeito do comportamento do rebanho bovino dentro de um ciclo, maior será a eficácia da política adotada ao setor, evitando-se, assim, crise de proporções indesejáveis tanto para o pecuarista como para a população do país, como está acontecendo nesse momento.

O ciclo que começou em 1953, veio até 1957, com uma tendência de alta dos preços da carne, cujo ponto máximo situa-se no ano de 1955, envolvendo depois, com o limite mais baixo em 1957. O segundo ciclo vem de 1957 a 1964; nele ocorre uma recuperação e o preço da carne atinge seu ponto máximo no ano de 1962, e o mais baixo em 1964. O terceiro ciclo vai de 1965 a 1969; envolvendo depois com o limite mais baixo em 1969. No quarto ciclo, de 1970 a 1977, nota-se que, em 1974, o preço da carne atinge seu ponto máximo, caindo depois, com o limite mais baixo em 1977. De 1978 a 1985 temos o quinto ciclo em andamento.

A falta de preço e crédito foi a causa determinante no processo de dimi-

nuições sucessivas do rebanho bovino nacional no ciclo de 1970 a 1977, com uma taxa de abate de matrizes se aproximando de um rebanho em liquidação (tecnicamente, consideramos um rebanho em liquidação quando o abate de fêmeas no total de animais abatidos, está acima de 40%). Para exemplificar o quanto foi trágico para o rebanho bovino nacional o ciclo de 1970 a 1977, citamos o ano de 1977; comparando com o de 1974, verificamos que o abate de matrizes sob inspeção federal cresceu numa taxa da ordem de 251,16%, enquanto o abate de novilhos em 1977 apresentou um aumento de 60,35% em relação a 1974.

Ainda ilustrando essa situação, citamos os preços médios correntes do boi magro no estado de São Paulo, no mês de janeiro, dos anos de 75, 76 e 77, que foram, respectivamente de Cr\$ 1.239,84, Cr\$ 1.248,75 e Cr\$ 1.246,50. Outra ilustração das defasagens descapitalizadoras para o criador dentro do ciclo de 70 a 77, é o preço da arroba do boi, que custando Cr\$ 251,04 em 1974 desceu ao preço de Cr\$ 175,00 em 77.

Qual a saída para essa situação? Foi o criador livrar-se de uma "fonte de prejuízo", que estava sendo a manutenção de matrizes no rebanho; os criadores ainda passaram todo o ano de 1975 sob o impacto dessa situação, mas em 1976 a situação não dava mais para ser suportada, pois além dos preços baixos e declinantes oferecidos à sua produção pecuária, ainda tinham

a corrosão provocada pela inflação e aumento constante dos preços de insumos básicos para a pecuária.

A alternativa foi então mandar para o abate sob inspeção federal, em 1976, 2.086.781 matrizes; no ano anterior mesmo em situação difícil, o abate de matrizes não tinha passado de 996.681 e no ciclo de 70 a 77 foram para o abate 9.650.796 matrizes — de 1970 ao primeiro semestre de 1979 o número de matrizes abatidas chega a casa de 12.476.754.

Não obstante a principal causa do abate exagerado de matrizes ter sido a falta de preços e de financiamentos compensadores, não podemos deixar de reconhecer que providências de ordem legal foram timidamente tomadas ou mal compreendidas, e isto contribuiu de maneira decisiva para levar o rebanho bovino nacional a situação tão difícil como a que se encontra. O ministro Ivo Arzuza pressentindo em 1979 a gravidade do abate indiscriminado de vacas, na composição do rebanho bovino nacional, levou ao então presidente Costa e Silva o Decreto nº 64.047, de 31 de janeiro de 1969, que estabelecia normas para abate de gado bovino.

O artigo 2º desse decreto dizia: "fica proibido em todo o Território Nacional o abate de fêmeas até cinco anos de idade, assim consideradas as que não apresentam os dentes incisivos iguais, incluindo-se na proibição as bezerras". Esse decreto era, inegavelmente, um decreto tímido, por dois motivos: primeiro por que considerava

uma fêmea apta para a reprodução somente até cinco anos, e isto seria privilégio de um rebanho plenamente estabilizado, para não dizer com excesso de matrizes, o que não era a situação do nosso; segundo, porque proibia ao proprietário mandar suas matrizes para o abate, sem lhe garantir preços compensadores para sua produção e financiamento para retenção dessas matrizes, o que no mínimo poder-se-ia chamar de medida limitada, para não dizer abuso de autoridade, pois o produtor tem que arcar com suas necessidades financeiras fazendo uso dos seus bens.

Talvez esse fator de ordem financeira é que tenha levado o ministro da Agricultura de então a tomar aquela medida de efeito parcial. Esse decreto, proibindo o abate de vacas até cinco anos, era limitado ao ano de 1969, mas os técnicos da Inspeção Federal continuaram cumprindo essa determinação, mesmo após 69.

Em 23 de setembro de 1971, o então secretário geral do Ministério da Agricultura assinava a papeleta nº 194/SGA/BR, recomendando ao Departamento Nacional da Produção Animal providências no sentido de liberar os abates de fêmeas em matadouros sob Inspeção Federal. O que na prática significava a revogação do decreto nº 64.047.

Em 1972 o deputado Siqueira Campos apresentava na Câmara um projeto de lei de nº 720/72, perfeito sob todos os pontos de vista; se tivesse sido aprovado, hoje o Brasil seria detentor do maior rebanho bovino do mundo, e seria o maior exportador mundial de carne bovina, e com uma população bem abastecida, a preços razoáveis.

O projeto do deputado Siqueira Campos dispunha sobre financiamento de matrizes bovinas em condições de reprodução, e proibia o seu abate para consumo até a idade de nove anos.

O projeto fazia-se necessário naquela época, assim como é de urgência para hoje, pois do contrário não sairemos do atual atoleiro.

Em resposta ao projeto de lei do deputado Siqueira Campos, transcrevo trecho da informação nº 21/72, da Seção de Informes Zoossanitários (Senos) do Ministério da Agricultura.

"Referência: Proc. MA-17.811-of. nº 226 de 03/08/72, do sr. primeiro secretário da Câmara dos Deputados. Apesar de louvável a intenção do ilustre parlamentar, consubstanciada no mencionado projeto de lei, parece-nos, todavia, despida de maior significado na evolução do rebanho bovino brasileiro".

Iniciativa como essa da Câmara, e a evolução dos fatos, devem servir de lição aos elaboradores de modelos governamentais de solução global. Pois não adiantam diagnósticos e planos go-

vernamentais para a solução global dos problemas da produção, se esses planos não forem exaustivamente debatidos com os órgãos de classes dos produtores, suas principais lideranças as comissões específicas do Congresso Nacional. Pois são com esses setores que estão a experiência da produção e o interesse de todos os segmentos da sociedade.

Não é demais lembrar que durante toda essa crise que vem afetando a pecuária nacional e o abastecimento de carne à população, não têm faltado manifestações de preocupação de órgãos de classe como a Confederação Nacional da Agricultura, Federação da Agricultura de Minas Gerais, ABCZ, e de líderes como, José Mário Junqueira, José Rezende Peres, Donald Strang e outros, e inúmeras vezes no Congresso Nacional.

A agropecuária nacional nunca esteve tão prestigiada politicamente como no atual governo. Acontece que só prestígio político não resolve, pois sem recursos financeiros onde são necessários os problemas continuarão sem solução.

As necessidades existem, especialmente no setor pecuário. As agências bancárias não têm recursos para custeio pecuário, retenção e aquisição de matrizes. Havendo escassez de carne e descapitalização do setor pecuário não se pode entender porque o governo não financia o rápido crescimento do rebanho nacional.

Acreditamos que o ministro Delfim Neto não mudou de idéia quanto à alocação de recursos para o custeio pecuário, retenção e aquisição de matrizes, pois quando ele compareceu à Comissão de Agricultura do Senado, na primeira quinzena de abril, ficou claro aos presentes que sua opinião, naquele momento, era de que o financiamento para retenção e aquisição de vacas seria o mecanismo mais viável para recompor o rebanho bovino e normalizar o abastecimento num prazo de quatro anos.

Achar que os produtores vão recompor seus rebanhos com recursos próprios é puro engano. Não porque eles não queiram. Querem, porque o preço do bezerro, boi magro e arroba do boi gordo é compensador. Acontece que está faltando esses animais nos rebanhos, em números suficientes para garantir recursos ao criador. Por isso só um número mínimo, os detentores de grandes rebanhos, estão se beneficiando dos preços compensadores do momento. A crise de 75 a 77, foi terrível, porque reter vacas naquele período era um péssimo negócio, o mais econômico era fazer mesmo como fizeram, mandar as vacas para o abate. A resposta para a crise de abastecimento de carne à população está nos bezerros

que aquelas vacas levavam no ventre, que seriam os novilhos ou vacas jovens dos anos 79, 80 e 81. Por tanto, sem financiamento o rebanho bovino nacional não se recuperará dentro de quatro anos ao ponto de normalizar o abastecimento de carne à população e esse abastecimento continuará cada vez mais tumultuado, porque bem sabe o ministro Delfim Netto que administrar escassez não é tarefa fácil, especialmente de um produto como carne bovina, que entra na dieta alimentar da população brasileira num percentual cada vez maior: em 75 a carne bovina representou 65,63% do total das diversas carnes consumidas, em 76 67,94% e em 77 atingiu o percentual de 69,99%.

Achar que sem um plano nacional de pecuária em 1981 teremos um superávit de 106,7 mil toneladas, superávit este que atingiria 552,1 mil toneladas em 1983, como argumentam setores oficiais, não passa de uma perigosa fantasia, e assim sendo eu prefiro mesmo é ficar com as previsões de que o nosso déficit de carne em 1985 estará na ordem de 500 mil toneladas. Pois se a realidade da pecuária continuar como está em 79 permanecendo em 80, a falta de carne para o consumo da população tornar-se-á uma constante por muitos anos, visto que qualquer programa de financiamento da pecuária a partir do final de 80 será irremediavelmente um programa defasado da realidade.

Para mostrar como a matança de vacas continua, darei três exemplos de dois grandes rebanhos como o de Minas Gerais e o do Rio Grande do Sul e uma estatística fornecida e assinada pelo diretor do Frimusa, Antônio Isidoro Bordon. Em Minas Gerais o abate de fêmeas aumentou de 27,71% no primeiro quadrimestre de 78 para 32,95% em igual período de 79 e, no Rio Grande do Sul, comparado com igual período de 78, o abate de vacas continua em 79 o mesmo ou seja 37%. De janeiro a julho de 79, o abate de matrizes do Frimusa, em Teófilo Otoni (MG), atingiu um percentual médio de 41%.

Sabemos que, num rebanho em recuperação, o abate de matrizes deve chegar no máximo a 16% do total de animais abatidos. Como poderíamos concluir que o rebanho bovino nacional está se recompondo e, mais ainda, que em 1981 teríamos excedentes de carne bovina? Deve-se considerar ainda que essas cifras são de abates sob inspeção federal, que cobre no máximo 65 a 70% do número de bovinos abatidos no país; os outros 30 a 35% são animais abatidos sem a inspeção federal, nos quais o abate de fêmeas fica acima de 90% do total de bovinos abatidos.



CURRAL

FERNAND

IGREJA NOVA — Alagoas — Responsável Técnico: Dr. Amauri Rufino —

ALTA SE

- NELORE
- NELORE
- QUARTO
- MANGAL
- MARCHAD



LOBÃO, 60 meses, 903 kg, notável genearca, oito vezes Grande Campeão no Brasil.



REBECA, 51 meses, 604 kg, Campeã Vaca Jovem na Expo. Ube-
raba/1978



IDEONISTA, 29 meses, 684 kg, Campeã Vaca Jovem e Reserv.
Grande Campeã/Expo. Nordestina/1979. Campeã Vaca Jovem e
Grande Campeã/Maceió/1979



BRETÃO D
Campeão/Ma



PEPE APOLO BAR, filho de Shad Apolo Bar, reprodutor Quarto
de Milha, 22 meses.



SAVANA, 13 meses, 388 kg, Campeã Bezerra em Presidente
Prudente e Maceió/79.



FERCOUTIN
ceió/79.

de CIMA

O COUTINHO

Correspondência: SÃO MIGUEL DOS CAMPOS, AL — Fone: (082) 271-1104



LEÇÃO

MOCHO

DE MILHA

ARGA
OR

QUEBRACHO

O NELORE
mais
premiado
da
atualidade
em todo
Brasil



A TRINDADE, 51 meses, 950 kg, Reserv. Grande Campeã/79.



, 34 meses, 624 kg, Reserv. Grande Campeã/Me-



LORD DE PASSATEMPO, notável Mangalarga Marchador, Reserv. Grande Campeão da Raça, na Expo. Nordestina, Recife/78.

AGRICULTURA QUÍMICA VERSUS ADUBAÇÃO ORGÂNICA

HUASCAR TERRA DO VALLE, renomado pesquisador, desenvolvendo um sério trabalho para a pecuária brasileira, com notável relacionamento, tem sua palavra alicerçada em ensinamentos e experimentos de grandes técnicos mundiais e nos resultados práticos obtidos nos cerrados brasileiros.



Os americanos são um exemplo vivo para a estupidez dos tempos modernos, eles estão nascendo cada vez mais fracos, mais doentes, e o mesmo vem ocorrendo com a saúde dos povos que empregam produtos químicos em sua "agricultura moderna". As pesquisas têm demonstrado que os alimentos produzidos com adubos químicos podem ser muito mais bonitos e vistosos que os produzidos organicamente, porém o valor nutricional destes é incomparavelmente superior. Os animais criados em pastagens livres de química exibem extraordinária resistência a doenças, sem necessidade de vacina, antibiótico e outras drogas. Os adubos, os herbicidas, os pesticidas, tudo leva o homem a se banquetear, depois, com um pudim de venenos, pondo em risco a sobrevivência da raça.

Usando e abusando do sagrado direito de ser irreverente, gostaria de apresentar alguns comentários ao excelente artigo do Professor Eurípedes Malavolta, intitulado "Crescer e Multiplicar".

É um artigo altamente informativo e baseado em profundos conhecimentos científicos, como são todos os artigos do Prof. Malavolta, os quais acompanho avidamente, em várias revistas especializadas. Entretanto, não posso concordar com a opinião pejorativa apresentada contra a chamada AGRICULTURA ORGÂNICA (que eu prefiro chamar Agricultura Ecológica).

Evidentemente, o sábio professor não tem acompanhado a evolução da agricultura ecológica, e isto é lamentável, por dois motivos. Primeiro, porque os entusiastas da agricultura química acabam agindo como extensões dos departamentos de Marketing das multinacionais. Segundo, porque tenho certeza que, se acompanhasse com interesse os enormes progressos que têm sido conseguidos ultimamente no fascinante campo da agricultura ecológica, se transformaria em seu mais importante e mais competente apologista.

Não posso concordar com a afirmação do distinto professor que a aplicação da adubação orgânica contra a adubação mineral seja uma questão de opinião "sem base experimental ou outra qualquer, dos ambientalistas ou ecologistas de última hora". Ora, chamar de "ecologista de última hora" ao Professor Voisin é um sacrilégio. Em vários de seus livros, Voisin demonstra a insensatez da aplicação dos adubos químicos, como são aplicados atualmente, com ênfase no NPK. Como os defensores da Agricultura Ecológica, o Professor Voisin alerta-nos para o fato

de que a finalidade da adubação não é, como afirma o Prof. Malavolta no começo de seu artigo, "simplesmente, cobrir a diferença: necessidade da planta menos fornecimento do solo". O Prof. Voisin, em seu magnífico livro "ADUBOS-NOVAS LEIS CIENTÍFICAS DE SUA APLICAÇÃO" defende um dos postulados básicos da Agricultura Orgânica: a finalidade da adubação é proporcionar ou restituir a saúde do solo, da planta, do animal e do homem. Pois que há uma íntima relação entre esses fatores, como é demonstrado amplamente no citado livro do venerável professor. Voisin demonstrou sobejamente e cientificamente, que, por exemplo, a aplicação excessiva de potássio, como é prática de atualmente, inibe a assimilação pelas plantas do elemento magnésio, causando a **tetania no gado**. O efeito no homem não é conhecido, mas é óbvio que existe, pois, como disse K. Mengel, da Universidade de Justus-Liebig, Giessen (citado por Voisin): "as pesquisas relativas à influência do teor de minerais diversos nos alimentos sobre o organismo do homem e do animal estão ainda em seu início."

Existem realmente muitos adeptos da Agricultura Orgânica que poderiam ser classificados como românticos ou, até mesmo, fanáticos. Constituem apenas, uma minoria, pois a Agricultura Orgânica, embora tenha sido praticada naturalmente há milhares de anos, tem sido pesquisada e defendida por cientistas da maior idoneidade.

Charles Darwin, por exemplo. Seus estudos sobre as minhocas são fundamentais para a Agricultura Orgânica. Segundo o genial autor de Origem das Espécies, sem minhocas a vegetação degenera até o desaparecimento. Ele

calculou que dez toneladas de terra por acre, passam pelos sistemas digestivos das minhocas, criando 2,5 cm de solo altamente fértil, a cada cinco anos. Hoje em dia calcula-se que um solo trabalhado por minhocas enriqueça-se 5 vezes em conteúdo disponível de nitrogênio, 7 vezes de fósforo e 11 vezes de potássio. Isto, sem contar as vantagens quanto ao aspecto físico do solo, ou seja, quanto à sua estrutura. Ora, sabe-se que a adubação química aniquila as utilíssimas minhocas. Os fertilizantes nitrogenados, por exemplo, por abaixarem o pH do solo rapidamente eliminam os anelídeos. Com efeito, depois da aplicação de adubos químicos em um solo que ainda tenha minhocas, são encontrados, em profusão, cadáveres dos inocentes e úteis bichinhos. Uma revista americana chegou mesmo a sugerir que a melhor maneira de acabar rapidamente com as minhocas seria através da aplicação dos adubos químicos. E, realmente, assim foi feito em um campo de golfe, nos Estados Unidos. Queriam acabar com as minhocas porque elas deixavam muitos dejetos sobre a grama. Depois de umas poucas aplicações de adubos químicos as minhocas morreram e a grama ficou linda. . . por pouco tempo. Logo depois, o solo também morreu, pois perdeu a areação e não foi renovado, nem fertilizado, pelo trabalho das minhocas. E a grama também secou.

Carver, o famoso cientista americano, mais conhecido pelo seu trabalho relativo à utilização industrial do amendoim, preconizou técnicas de agricultura orgânica para devolver a fertilidade aos solos exauridos do Alabama: rotação de culturas e utilização do húmus natural. Também não pode

ser considerado um ecologista de última hora.

O Dr. Barry Commoner, diretor do "Center for the Biology of Natural Systems", em St. Louis, Missouri, contribuiu expressivamente para o acervo científico da Agricultura Orgânica, demonstrando em seu livro "The Closing Circle" que a tecnologia moderna orientada para produzir mais e mais milho, em menos e menos área, pode ser um sucesso comercial, porém é um desastre ecológico. O Dr. Commoner denunciou a indústria produtora de adubos nitrogenados como uma das operações comerciais mais bem sucedidas de todos os tempos. Segundo ele, muitas evidências sugerem que, em presença de nitrogênio artificial, a fixação natural do nitrogênio do ar por bactérias do solo é paralisada, tornando cada vez mais difícil aos agricultores interromper o uso dos adubos nitrogenados. Da mesma maneira que, com os "tóxicos", o uso de adubos nitrogenados cria e estimula sua própria dependência, e os fazendeiros ficam, por assim dizer, viciados no uso da droga. No caso, o nitrogênio.

O Dr. William Albrecht, professor de ciência do solo na Universidade de Missouri, cujas pesquisas foram elogiadas por ninguém menos que o Prof. André Voisin, demonstrou que os alimentos produzidos com adubos químicos podem ser muito mais bonitos e vistosos que os produzidos organicamente, porém o valor nutricional destes é incomparavelmente superior.

O médico e pesquisador Robert McCarrison que, por 30 anos, chefiou a Agência de Pesquisa Nutricional da Inglaterra, na Índia, demonstrou, via estudos antropológicos experimentais que a saúde de um povo é definitivamente uma função de sua dieta e que esta dieta, por sua vez, é função do solo, onde são cultivados os alimentos. Pelo seu trabalho no referido órgão, o Dr. McCarrison foi condecorado Cavaleiro, pelo governo britânico.

Albert Howard, botânico "imperial" junto ao governo da Índia, demonstrou que, elevando ao máximo a fertilidade do solo, através de técnicas orgânicas, e sem o uso de adubos químicos, nem de venenos, seria possível conseguir colheitas abundantes e praticamente livres de pragas. Ele demonstrou que também os animais criados em pastagens sobre solos sadios e naturais exibem extraordinária resistência a doenças, sem necessitarem de aplicação de vacinas, antibióticos e outras drogas. Nas plantas e nos animais ocorre o mesmo fenômeno: a doença não persegue os elementos mais sadios, como se poderia esperar, porém o contrário. As doenças seriam, por assim dizer, uma polícia sanitária da natureza. Como disse Alexis Carrel, a saúde é

um estado natural.

Neste sentido, tenho a honra de privar da amizade do agrônomo austríaco Franz Leher, que mora há quase cinquenta anos no Brasil e que, nos últimos vinte anos, "converteu-se" à Agricultura Orgânica, depois de fracassos ocorridos com a aplicação da agricultura química. Franz Leher colheu, na região do cerrado, safras as mais variadas, sem aplicação nem de adubos químicos, nem de quaisquer espécies de venenos. Franz utilizou o composto biológico, desenvolvido pelo sábio alemão Alwin Seiffert, autor do livro "Agricultura e Horticultura sem Veneno", infelizmente ainda não traduzido para o português, nem para o inglês. Seiffert preconiza o preparo de um

solo, a planta e o homem. Em 1942, ele comprou uma fazenda em Emmaus Pennsylvania, para testar seus novos conhecimentos e lançou o jornal "Organic Gardening and Farming" que hoje deve contar com 1 milhão de assinantes. O trabalho de J.I. Rodale foi continuado por seu filho, Robert Rodale, que lançou neste ano a revista New Farm, que conseguiu assinar, apesar das dificuldades criadas pelo Banco Central. A organização Rodale é, sem dúvida, a palavra oficial da Agricultura Orgânica, hoje em dia, e já publicou mais de uma centena de livros, dos quais só consegui adquirir cinco: The Best Health Ideas I Know, Organic Plant Protection, 300 of the Most Asked Questions about Organic Gardening.



A química mata o solo e, dentro de algum tempo, só resta a solidão e pobreza, sem possibilidade de uma agricultura.

super composto, enriquecido com resíduos animais e minerais, capaz de proporcionar safras ainda maiores que com super aplicações de produtos químicos. Eu mesmo já experimentei o método com resultados excepcionais. Além disso presenciei Franz colhendo café no cerrado após apenas 18 meses do plantio. Vi pés de aveia com quase 2 metros de altura e cachos de uva Itália com mais de 3 quilos. E isto tudo na região de cerrado, cuja pobreza química é por demais conhecida.

Poderia continuar citando, indefinidamente, outros paladinos da Agricultura Orgânica, porém o espaço é limitado. Citarei apenas mais um, J.I. Rodale, editor de uma revista sobre saúde, e que ficou verdadeiramente abismado quando ficou sabendo, através do livro de Sir Albert Howard, das relações entre os métodos agrícolas, o

ning, Getting the Bugs out of Organic Gardening e The Complete Book of Composting. Quem se interessar pelo assunto pode escrever para Rodale Press, 33 East Minor Street, Emmaus, Pennsylvania, 18049- Estados Unidos.

Além da publicação de todos estes livros e revistas, a Rodale Press possui ainda um Centro de Pesquisa Orgânica, com 12 pesquisadores "fulltime", três estagiários, oito operadores e vários cientistas colaboradores. Todos estes elementos dedicam-se a testar e aprimorar os princípios da Agricultura Orgânica que, depois, são divulgadas na revista The New Farm.

Esta revista publica, ainda, trabalhos de outros pesquisadores, além de muitas reportagens com fazendeiros que, finalmente, enxergaram o erro que representa praticar a agricultura baseada em produtos químicos e vene-



FAZENDA

GRUTA BAIANA

15
ANOS
de
SELEÇÃO

ITAGIBÁ — Bahia
ANTÔNIO MOTTA DE OLIVEIRA

IPIAÚ, Bahia — R. Tomás de Souza, 59 — CEP 45570 — Fone: (073) 531-1170
SALVADOR, Bahia — Rua ... s/n — Edif. Jardim da Pituba, apto. 1002 — CEP 40000 — Fone: (071) 248-3177

DIRAN

Um dos baluartes na formação do Mangalarga Marchador.
Nascimento: 15.01.1972

DIRAN RG-0400 — GAS BRAZÃO — HERDADE COSMOS — CAXIAS
GAS BRAZÃO — HERDADE COSMOS — CAXIAS
CIGARRA da Serra



CONHEÇA o nosso PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE MATRIZES para o NORDESTE

DANCER DOG BR (POI), Nasc: 02.04.75, Campeão Júnior (Ipiaú/77), Campeão Cavalo Jovem (Ipiaú/78) e Reserv. Grande Campeão (Ipiaú/78).
Notável Quarto de Milha.



Parabenizamos o Sr. Antônio Luiz dos Santos pela aquisição de Dancer Dog, na Expo. Ipiaú/1979



PRATEADA DA GB — 7 anos, Campeã Sênior e Grande Campeã Piquira, Ipiaú/79.

FAÇA DE SEU FILHO O FAZENDEIRO DE AMANHÃ.
Dê a ele um PIQUIRA, o verdadeiro cavalo-mirim, em comodidade e docilidade.

ATRIZ DA GB — 5 anos, Reserv. Grande Campeã Piquira, Ipiaú/79.



Desejo receber, sem qualquer compromisso de nossa parte, pelo Correio as informações abaixo assinaladas, GRATUITAMENTE:

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

- ☐ Qual o preço médio de um Mangalarga Marchador da GB?
- ☐ O que significa "Vendas acompanhadas de tratador especializado"?
- ☐ Detalhes sobre o Programa de Formação de matrizes p/o Nordeste.
- ☐ Qual o preço médio p/ animais Piquira?
- ☐ Preços de animais Quarto de Milha



As multinacionais sabem como vender o seu produto até nas regiões mais distantes, com ou sem o apoio oficial.

nos, desprezando a saúde e a felicidade humanas, que sempre devem ser considerados como objetivo de qualquer tipo de trabalho. O movimento orgânico cresce nos Estados Unidos e, como sempre, será imitado pelo Brasil, com uns 50 anos de atraso. Para abreviar este "cultural gap" recomendo a assinatura de The New Farm e a leitura de outros livros da Rodale Press. É a melhor maneira de conhecer a Agricultura Orgânica científica, diferente daquela agricultura de certos grupos ou pessoas que a interpretam em termos fanáticos ou religiosos, e que são responsáveis pela opinião depreciativa, que o grande mestre Malavolta tem sobre esta ciência.

O Prof. Malavolta apresenta ainda outro argumento contra a Agricultura Orgânica, também improcedente, devido ao desconhecimento dos progressos desta ciência, que pouco a pouco, deverá suplantará a agricultura dos produtos químicos e dos venenos. Refiro-me ao cálculo de que seriam necessários 140 milhões de cabeças de gado para fornecer todo o esterco necessário para satisfazer a necessidade do país em fósforo.

Esta alegação não procede porque é recomendado pela Agricultura Orgânica a utilização do fosfato natural que, por não ser solúvel em água, não prejudica a vida bacteriana do solo. Este fosfato oferece, ainda, uma série de outras vantagens: é mais barato (o que é um desastre para as multinacionais) e tem efeito por vários anos, ao contrário do fósforo altamente solúvel preconizado pela adubação química, que deve ser aplicado todos os anos, para gráudio das mesmas multinacionais. Outra diferença da adubação química e da orgânica é que aquela tem que ser aplicada **cada vez mais**, enquanto a orgânica, ao contrário, tem que ser **cada vez menos aplicada**. Para isto, os defensores da Agricultura Orgânica fazem questão de fazer retornar ao solo todas as fontes de nutrientes que dele foram tiradas, tais como restos de cultura, esterco, cisco vegetal, restos animais, etc. É uma política que muito

desagrada às indústrias produtoras de adubos, que querem vender, vender, e mais vender. E é o principal motivo pelo qual é tão combatida.

É tal a devastação que os homens têm feito na natureza, e tão sérios são os reflexos na saúde humana, que a Agricultura Orgânica é inevitável. E um sinal auspicioso neste sentido é que alguns laboratórios produtores de venenos tomaram consciência do fato e já estão lançando produtos orgânicos e demonstram uma crescente preocupação com a ecologia (O Dipel, da Abbot por exemplo).

Um fato importante, inacreditável mesmo, e que demonstra a urgência da adoção das técnicas da Agricultura Orgânica, é a deterioração da saúde dos povos de tecnologia agrícola muito "avançada". O melhor exemplo é o povo americano. No começo do século, os americanos se situavam entre os povos mais saudáveis do mundo. Hoje são, talvez, os mais doentes. Apesar das fábricas de alimentos ultra-refinadas e as fábricas de agrotóxicos afirmarem o contrário, as estatísticas são aterradoras.

O câncer é uma doença praticamente desconhecida em regiões onde se usam métodos naturais de agricultura. Nos Estados Unidos, por sua vez, em 1975, foi calculado que, de uma população de 200 milhões de habitantes, 53 milhões seriam vitimados pela terrível moléstia. Isto significa que, de cada 4 americanos, um tem ou terá câncer ("The Siege of Cancer", June Goodfield). É claro que responsabilizar a Agricultura Química por esta alta incidência de câncer seria parcial. Mas nem tanto quanto parece, à primeira vista, pois, surpreendentemente, ao contrário do que seria de se esperar, alguns tipos de câncer nos Estados Unidos, estão sendo mais fáceis de serem encontrados em zonas rurais, especialmente onde é mais intenso o uso de pesticidas e herbicidas, companheiros inseparáveis da adubação química.

Foi verificada, também nos Estados Unidos, uma dramática correlação entre o nascimento de crianças retardadas e o uso cada vez maior de fertilizantes químicos e venenos (pesticidas e herbicidas). Em 1952, nasceram 20.000 crianças retardadas nos Estados Unidos. Em 1968, 60.000. Em 1974, 126.000 e, em 1978, ultrapassou a casa do milhão bilhão! Em 1972, uma criança, em cada 8, nasceu retardada mentalmente, segundo Roger Williams, descobridor do ácido pantotênico e primeiro bioquímico a ocupar a presidência da Associação Química Americana. Uma projeção desta tendência é simplesmente aterradora!

Sobre a saúde do povo americano, eis o que tem a dizer Adelle Davis, a maior nutricionista americana: "Con-

trastando com os povos primitivos, estudados pelos Drs. Price e McCarrison, nosso país atualmente lidera o mundo quanto ao número de mortes por doenças cardíacas e pelo câncer. Enfartes, pressão alta, enfisema, diabetes e doenças degenerativas estão crescendo rapidamente. Anormalidades antigamente raras, como miastenia grave, distrofia muscular, escleroderma, esclerose múltipla, hoje são comuns. Novas doenças aparecem anualmente. . . Poucas pessoas apresentam boa estrutura óssea, 98% das crianças sofrem de cáries avassaladoras. Crime, alcoolismo, toxicomania e divórcios atingem um novo clímax. . . Em resumo, nosso recorde em doenças é uma desgraça nacional. É difícil encontrar uma só pessoa que desfrute de saúde irradiante. (Let's Eat Right to Keep Fit).

Principalmente depois da publicação do livro de Rachel Carson "Primavera Silenciosa", o clamor mundial tem se levantado contra a agressão e a devastação do homem na natureza. Se esta devastação continuar por mais algum tempo acontecerá o que vaticinou o cacique pele-vermelha Sealath, dirigindo-se ao presidente americano que queria "comprar" suas terras: Esta terra é preciosa para a divindade. E prejudicar a terra é o mesmo que ofendê-lo. Continuem a contaminar seu próprio leite e finalmente se sufocarão em seus próprios excrementos."

Em verdade, o movimento orgânico faz parte deste clamor mundial contra a degeneração do meio ambiente e consequentemente, do homem. Em nome da produtividade não podemos continuar a aplicar no solo dezenas de herbicidas, inseticidas, fungicidas, para não falar dos adubos químicos. Basta lembrar que, com um destes herbicidas, talvez o mais usado, bastam 85 gramas diluídos na água de abastecimento público de uma cidade como Nova York, para matar todos os seus habitantes. E, raramente, é usado apenas um herbicida. Os planos de marketing dos laboratórios sugerem herbicidas de pré-emergência de emergência, de pós-emergência, etc. Depois dos fertilizantes químicos e dos herbicidas, o solo está morto e é atacado por milhões de nematóides e outras pragas que ali não estariam se o solo fosse vivo. Em tal ambiente doentio, a planta cresce doente e é logo atacada por insetos e outras pragas. Chega então, a vez dos pesticidas. Depois é o turno do homem. . . que vai se alimentar com esse verdadeiro pudim de veneno. O cenário final é aquele apresentado por Adelle Davis e Roger Williams, quando os médicos e os hospitais fecham o ciclo da operação de marketing. Enquanto isto, tribos primitivas, alimentando-se com produtos naturais, sem venenos, gozam de invejável saúde



As pastagens com adubação orgânica possibilitam ao gado, mais saúde, dispensando, inclusive, vacinas antibióticas.

Os laboratórios sempre apresentam pesquisas em lindos folhetos, provando que o veneno deles é fresco e pode até ser servido a criancinhas de colo. Só se esquecem de falar que as pesquisas são feitas com ratosãos e bem alimentados, com doses rigorosamente

controladas. E, no entanto, o produto vai ser apenas um entre muitos a serem aplicados e atingirão pessoas que já se encontram saturados com "níveis mínimos" de outros produtos, além de, em vez de comida real e nutritiva, ingerirem anti-alimentos como pão-bran-

co, arroz polido, açúcares, bolos, refrigerantes, bebidas alcólicas e outros produtos das multinacionais (sempre as multinacionais!). O resultado é um desastre. Este que estamos vendo aí. As filas do INPS dão volta ao quarteirão. Farmácias inauguram-se diariamente, e estão sempre cheias. Os médicos receitam remédios e mais remédios que, em última instância, são outros venenos, que aumentam as já enormes necessidades nutricionais das vítimas, quando não as envenenam de uma vez. O que esta gente precisa não é de remédios. É de comida. Comida de verdade! Cultivada em solo de verdade. Sem veneno. Com minerais bem balanceados e não só com NPK. Com vitaminas. Gorduras. Proteínas. E não herbicidas, inseticidas e fungicidas.

Creio que é apenas uma questão de tempo. Assim que a preservação do meio-ambiente da saúde do solo, da planta, do animal e do homem for acolhida com a importância que merece, crescerá também em importância a Agricultura Orgânica (ou Ecológica) até desaparecer a agricultura química que permanecerá como lembrança do tempo em que os homens davam mais importância ao lucro que à própria felicidade humana.

novembro/79

FAZENDA BELÉM

ALBERTO DE OLIVEIRA FREIRE

ITAPORANGA, Sergipe — KM 110, da BR-101, a 30 Km de Aracaju.

Seleção de
SIMENTAL
iniciada em
1949

PATRÃO DE BELÉM PON-619

Nasc: 30.09.76
Peso: 350 kg
Pai: Toni—PO
(Americano)
Mãe: Nivete S.
Brasileira(Suíça)

A avó de Patrão, atingiu
5.060 kg de
leite.



- Campeão Touro Júnior Aracaju/78
- Campeão Touro Jovem Campina Grande/PB/79

VENDA de REPORDUTORES — PO e PC

Venda de Mestiças

Solicite nossos preços por Correio

ARACAJU, SE — R. Apulcro Mota, 521

Fone: (079) 222-5002

DEPOIS DO BODE, SÓ O CAMELO... E O CAMELO JÁ É O DESERTO !

Dr. JOSÉ NIVALDO, além de médico tradicional no Estado de Pernambuco, grande criador de Indubrasil, é escritor renomado e sua palavra é sempre acatada, em todos os círculos sérios, pela sua reconhecida capacidade de análise.

Vale a pena continuar insistindo em criar cabras e bodes que servem apenas para devorar os brotos e roer as cascas dos paus até matá-los? Daqui a cem anos, não teremos bois, cabras e bodes, mas apenas sisudez do deserto, e todos dirão, naquela ocasião, que ovino e caprinocultura é uma maldição, pois, depois do bode, vem o camelo... e o deserto.

Contra a criação extensiva e abusiva de ovinos e caprinos, sempre fui. Há 20 anos, viajando para medicar um doente do Cariri, encontrei alguns homens derrubando um capoeirão. Foi quando indaguei ao meu acompanhante:

— Na sua opinião, daqui a quanto tempo essas árvores terão crescido novamente, para atingir o mesmo porte?

O matuto coçou a barba, refletiu um minuto e largou a resposta:

— Seu doutor, mais nunca!

— Mais nunca? Porquê?

O Homem, sem se perturbar, explicou:

— Pelo que ouço contar desde o tempo do meu bisavô, esse capão de mato já existia. Meu avô, meu pai, viveram e morreram. Estou homem feito e a matinha ia ficando. Esses paus nasceram e cresceram no tempo em que não existia bode nem ovelha, nem jegue. Agora, todo broto que nascer será comido. Mais nunca, doutor!...

A sentença, categórica, permanece, até hoje, nos meus ouvidos. Mas como falar contra as meunças, quando Ariano Suassuna, Costa Porto, Mauro Motta, Orlando Parahym, mestres das letras e homens de bom pensar as defendem, com unhas e dentes? Como fazer

restrição a caprino e ovinocultura quando um técnico da categoria de Antonio Santiago Pessoa delas faz proselitismo?

Um dia, após reunião da Academia Pernambucana de Medicina, comecei a conversar com o Professor Bezerra Coutinho. Conversa puxa conversa, acabei, timidamente, expondo minhas restrições aos bodes e carneiros, que outra coisa não têm feito senão acelerar a implantação do nosso futuro deserto.

Qual não foi minha surpresa quando o velho mestre pôs à minha disposição a bibliografia internacional que ele dispõe sobre o assunto:

E, categórico, pronunciou a frase que meu deu coragem:

— Depois do bode, só o camelo... e o camelo já é o deserto!

Há pouco tempo, num seminário sobre problemas ecológicos do Nordeste, pela primeira vez, disse de público, as restrições que faço à criação desses rebanhos altamente predadores. Levantaram-se vozes a meu favor, mas a maioria não me apoiou. Entre os presentes havia alguns paraibanos que investiram contra meus pontos de vista, alegando que, no sertão, só se pode criar mesmo bode e ovelha porque o

boi não sobrevive à inclemência das secas.

O assunto é polêmico, os argumentos a favor e contra são muitos, não cabem nos limites desse artigozinho. Quero deixar somente o problema com o rabo de fora, dizendo o seguinte:

"Nosso comodismo, não criando condições artificiais que possibilitem caprino e ovinocultura em moldes racionais, evitando o arrasamento progressivo do que resta da flora sertaneja, leva-nos ao raciocínio imediatista, afirmando que, na caatinga, somente o bode sobrevive. Portanto, vamos criá-lo!"

A essa conclusão simplória, indago: "É-nos lícito e racional, diante da aridez natural do sertão onde somente a cabra e a ovelha sobrevivem, arrancando a raiz das gramíneas e roendo as cascas dos paus até matá-los, é, lícito e racional continuarmos mantendo essa atividade para, daqui a cem anos, não termos mais nem bois, nem bodes, e sim a sisudez do deserto?"

Não sou contra esses bichinhos em si. Sou contra a maneira como são criados. Enquanto botam cruzeiros nos bolsos dos seus donos, arrasam a terra e destroem as plantas, numa rudeza que é maldição.

JOSÉ CARLOS DE MANSO CABRAL

FAZENDA BAIXA LARGA — MUNDO NOVO, Bahia



ALTA SELEÇÃO
N E L O R E

VENDA PERMANENTE
de REPRODUTORES

SALVADOR, BA —

Av. Estados Unidos, 6 — sala 502
CEP 40.000 — Fone: (071) 242-5240/8721

FESTA DO BOI

1979

PRESENÇA DO MINISTRO

No dia 28 de outubro/79, abriam-se os portões do Parque Aristóteles Fernandes, para a realização da XVIII Exposição de Animais e Máquinas Agrícolas e a XIII FENORT, estampando um otimismo e tenacidade nunca vistos, principalmente ao se tomar conhecimento que apenas 25% das cidades do Estado poderiam participar da Festa, devido à inclemência das secas. Todos esperavam uma Exposição sem brilho que, ao invés disso, em seu primeiro dia, já demonstrava o contrário.

Autoridades e representantes do Ceará, Paraíba e Pernambuco, mais expositores de São Paulo e outros Estados conferiam a confiança necessária, a todos.

Diante das autoridades máximas do Estado e da cidade de Natal, renomados políticos estaduais e federais, o Secretário de Agricultura, Dr. Antônio Ronaldo de Alencar Fernandes salientou que todo o Calendário de Exposições de 1979 havia sido cancelado, restando apenas a tradicional Festa do Boi, devido à insistência do governador Lavoisier Maia Sobrinho. Lembrou que todos os problemas do rebanho nordestino de zona seca, tais como técnicas de manejo, obstáculos à comercialização, falta de armazenamento e outros, tornavam-se mais agudos com a presença das secas no sertão, evidenciando que o Nordeste precisa, realmente, de um tratamento diferenciado em relação ao restante do país. "Nós, nordestinos, não somos culpados pela Seca nessa região do Brasil, mas devemos ser apoiados por aqui estarmos defendendo um terço da região e da população do país. As dificuldades podem ser resolvidas, pois conhecemos as dificuldades do homem do campo, das matrizes, da falta de matadouros, da falta de água, da ineficiente coleta de leite, dos entraves à comercialização, mas temos que deixar claro que também são muitas as propostas dirigidas aos órgãos com-



O governador Lavoisier Maia, o ministro Amaury Stabile, e a autoridade máxima de Natal, dando abertura à Festa do Boi/79.

petentes que lá jazem sem atendimento. Somente com coragem e muita tenacidade do homem nordestino poderemos, um dia, chegar à vitória", concluiu. E essa coragem estava sendo demonstrada pela realização da Festa do Boi/79.

O Ministro da Agricultura, Ângelo Amaury Stabile, lembrou que o interesse do Presidente da República, João Figueiredo, pelos problemas nordestinos estava bastante evidenciado pela presença do mesmo em três reuniões da Sudene e por seus constantes pronunciamentos, além de várias medidas de apoio para enfrentar a seca. Salientou que o Governo sabe que é no esforço do produtor rural que o Brasil encontrará o meio para vencer os seus três desafios: a) diminuir o custo de alimentação, b) equilibrar a balança de pagamentos, c) desenvolver alternativas energéticas.

O governador Lavoisier Maia Sobrinho, em seu discurso, louvou a presença dos pecuaristas que, num esforço conjunto, possibilitavam manter a tradição da Festa do Boi, esfor-

O Estado do Rio Grande do Norte conta com 151 cidades, estando 110 em regime de emergência de secas. A imprensa nordestina divulgou amplamente que as cidades em estado de emergência não poderiam obter financiamento no recinto de qualquer Exposição, e o Estado já havia cancelado todas as demonstrações do interior, mas não admitiu cancelar a notabilíssima e tradicional Festa do Boi. E, apesar das restrições bancárias, apesar de tudo, a Festa foi um grande sucesso, mostrando que a coragem histórica do nordestino continua em pé, orgulhosamente, com ou sem seca.

ço esse sinônimo de um bom futuro para todos.

ABERTURA SOLENE

Logo após o hasteamento das bandeiras, o povo espalhou-se pelas baías, conferindo a alegria festiva comum no Rio Grande do Norte. A Festa do Boi é considerada como um dos melhores locais de comercia-

O Secretário da Agricultura, Dr. Antônio Ronaldo de Alencar Fernandes, disse que não é difícil dar ao Nordeste o lugar que ele merece, e tem merecido dignamente.



GRANDE CAMPEÃO PARAIBANO - 79

JOÃO FERREIRA BRAGA

Fazenda ESCADINHA - Sousa - PB.



SELEÇÃO
INDUBRASIL
PO



EDITOR

Peso: 447 Kg (Nov. 79)

- Reserv. Campeão da Raça - Campina Grande/79. (Reservado de Conde).
- Campeão Bezerro - Campina Grande 79.

CONDE

PENACHO
9315

GAZELA
E-4262

Nasc: 05.06.1976

Peso: 847 kg (Nov. 79)

- Grande Campeão da Raça - Campina Grande, PB/79
- Campeão Touro Jovem - Campina Grande, PB/79
- Campeão Touro Júnior - Campina Grande, PB/78.
- Campeão Bezerro - Expo. Centro Nordeste, Crato-CE/77
- Campeão Bezerro - Campina Grande, PB/77.



VENDA
PERMANENTE
de
TOURINHOS

FAZENDA **ESCADINHA**

SOUSA - PB - CEP 58.800

Rua José Gomes de Sá, 10

Fone: (528) 521-1237

lização de animais no Nordeste e, em 1979, a lotação estava assim configurada:

- Animais em argola — 402
- Animais em currais — 3.820
- Ovinos — 355
- Caprinos — 114
- Equinos — 52

Os animais eram provenientes do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e São Paulo. O destaque principal fica para dois plantéis oficiais: o LIMOUSIN, do Rio Grande do Norte e o SCHWYZ de Riacho dos Cavalos, da Paraíba. Duas representações muito preparadas e em excelentes condições para agradar a todos.

Para divulgar o gado Limousin, o Rio Grande do Norte estabeleceu no recinto, um perfeito mostruário de cruzamento, com dezenas de animais cruzados com cada raça: Nelore, Gir, Guzerá, etc., salientando e facilitando a opção do comprador.

Um evento importante foi a eleição da Diretoria da Associação Brasileira de Caprinos, durante a Festa do Boi, no recinto do Parque. Também as palestras despertaram muito interesse, a saber: a) Inseminação Artificial, proferida pelo Dr. Juarez Pinto Fernandes Távora. b) A evolução do cavalo Árabe no Brasil, pelo Dr. Pedro Gouveia. c) O gado leiteiro no Nordeste, pelo Dr. Hélio Cordeiro Manso. d) As raças indianas no Brasil, pelo Dr. Josias Amorim Campos.

Logo após o encerramento da Festa do Boi, iria se iniciar um curso intensivo para formação de Inseminadores, sob o comando da Cabana da Ponte, curso bastante procurado pelos modernos pecuaristas nordestino-grandenses.

RESULTADO DOS JULGAMENTOS

De acordo com o catálogo de premiações, os resultados do julgamento, foram os seguintes:

RAÇA NELORE - O criador Kleber Bezer-

O gado Limousin foi uma grande atração, em Natal.



Para divulgar o Limousin, havia no recinto cruzamentos com Nelore, Gir e Guzerá

ra (RN) conquistou o título de Grande Campeão e Campeão Sênior, com EMPREGO.

A Faresa (PB) ficou com os títulos: Grande Campeã e Campeã Vaca Jovem, com Façanha da Redenção. Reserv. Grande Campeã e Reserv. Campeã Vaca Jovem, com Foca da Redenção. Campeão Bezerro, com Herói. Reserv. Campeã Bezerra, com Herança da Redenção. Reserv. Campeão Sênior, com Elegante da Redenção.

RAÇA GUZERÁ - O melhor título foi o de Campeão Júnior, conferido a Horus do Candiais, de Otaviano Heráclio Duarte (PE), seguido do Campeão Bezerro, Hering do Candiais, também de sua criação.

RAÇA GIR - A Maisa Mossoró Agroindustrial (RN) conquistou todos os títulos: Grande Campeão da Raça e Campeão Touro Jovem, com Cairo. Grande Campeã e Campeã Vaca Jovem, com Dica. Campeão Júnior e Reserv. Grande Campeão, com Esquilo. Campeã Bezerra e Reserv. Grande Campeã, com Eleita. Campeã Vaca Adulta, com Carol.

RAÇA SIMENTAL - O expositor José Orlando Duarte (PE) foi o vencedor, com os seguintes títulos: Grande Campeão e Campeão 2 Anos, com Pileke da Boa Lembrança. Grande Campeã da Raça e Campeã Vaca Adulta, com Niágara. Campeão Júnior, com Ringo do Salinho. Campeão Bezerro Maior, com Senador da Boa Esperança.

RAÇA HOLANDESA E BRANCA - O expositor Winston Araújo Siqueira (PE) con-

quistou: Grande Campeão da Raça e Campeão Sênior, com Car Federal Telstar. Campeão Bezerro, com Jacarei Bootmaker. Campeão Bezerro Maior, com Jornalista.

A Agropastoril Voisin (PB) ficou com o Reserv. Grande Campeão e Campeão 2 Anos, SS Quico Romulo 1026.



Cairo, Grande Campeão da raça Gir, da Maisa.

O criador José Henrique César de Albuquerque (PE) teve os seguintes títulos: Campeão Bezerro Maior, com Jucá Diapassão de Malun. Reserv. Campeão Bezerro Maior, com Ditador Jucá. Campeão Bezerro, com Jucá Damião. Reserv. Campeão Bezerro, com Dumbo Dujucar.

Carlos Antônio Almeida (RN) obteve o título: Campeã Vaca Adulta, com Garota de Amos.

José Fernandes da Silva (PE) conquistou o título: Campeão Sênior, com Fulgor do Tamboril.

RAÇA SCHWYZ - O expositor Sidney Fonseca (RN) conquistou os seguintes títulos: Grande Campeã da Raça e Campeã Vaca Adulta, com Rivelina do Camandocaia. Reserv. Grande Campeã e Reserv. Campeã Vaca Adulta, com Riviera do Camandocaia. Campeão Dois Anos, com Seleção Fiel.

O criador Itamir César de Moura (PE) conquistou: Campeão Bezerro, com Herói de Pangauá. Campeã Bezerra, com História de Pangauá.

O criador Wandick Lopes (RN) obteve: Campeã Vaca Jovem, com Fábula de Pangauá. Reserv. Campeã Vaca Jovem, com Fama de Pangauá.





Emprego, Grande Campeão Nellore, de Kleber Bezerra.

EQUINOS QUARTO DE MILHA - O criador Carlos Roberto Duarte Mariz (RN) conquistou os títulos: Grande Campeão da Raça e Campeão Potro, com River Chick Ha, Campeã Equia Adulta, com Lágrima SKR, Reserv. Grande Campeão, com Boy Rack PH, Reserv. Campeão Cavalo Jovem, com Two Eyed Cook.



Façanha da Redenção, Grande Campeã Nellore, da Faresa.

EQUINOS PURO SANGUE INGLÊS - Francisco Ribeiro Alves (RN) conquistou os títulos: Grande Campeão da Raça e Campeão Sênior, com Efêmero, Reserv. Grande Campeão e Reserv. Campeão Sênior, com Abeto.

EQUINOS DA RAÇA ÁRABE - Moacyr Torres Duarte (RN) levantou o título: Campeão Potro, com El Korsan.

EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR - Roberto Fernandes Duarte (PE) conquistou o título principal: Campeão Potro, com Caxambu do Espinho Preto.

CAPRINOS E OVINOS - Na raça Somallis Brasileira, o vencedor foi João Batista de Moraes (RN), com Cruzeiro da Dinamarca e Fafá da Dinamarca. Na raça Bhuj, José Alves Pereira (RN) conquistou o título, com Novo Delicado de São José. Na raça Manbrina, Edgar Bezerra Salustino (RN) conquistou o título de Melhor Expositor da Raça.

O MELHOR EXPOSITOI

Na configuração final de pontos, o quadro oficial, mostrava os seguintes resultados:

NELORE - Faresa com 556 pontos, Kleber Bezerra com 88,5. Otaviano Heráclio Duarte com 7,5.

GIR - Maísa com 435 pontos

GUZERÁ - Otaviano Heráclio Duarte

com 227,5 pontos, Kleber Bezerra com 21. Marisa com 7.

SIMENTAL - José Orlando Duarte com 274.

SCHWYZ - Itamir César Moura com 270,5 pontos, Sidney M. Fonseca com 149. Mariza com 87.

HOLANDÊS P & B - Winston Siqueira com 222,5 pontos, José Henrique César com 201. Agropastoril Voisin com 99,5.

EQUINOS - Carlos Roberto Duarte Mariz.

O APOIO ÀS VENDAS NA GRANDE FESTA

Na Exposição de Natal não é difícil encontrar o próprio governador, o Secretário de Agricultura e outras personalidades de renome, incentivando e auxiliando as vendas no Parque. O importante é que a Festa do Boi permanece sendo a que mais apoio fornece.

Em 1979, o Banco do Brasil encerrou suas atividades, antes do prazo normal das Exposições, e o Banco do Estado do Rio Grande do Norte financiou quantia superior à do Banco do Nordeste, fato inusitado, pois o BNB é considerado um instrumento de desenvolvimento do Nordeste e todos esperavam um razoável limite de financiamento de sua parte, o que não sucedeu. Outro fato interessante foi a presença do BNCC - Banco Nacional de Crédito Cooperativo bastante elogiável.

As vendas apresentaram os seguintes resultados:

- Banco do Brasil: 37 milhões, Banco do Nordeste: 16 milhões, Banco do Estado do Rio Grande do Norte: 18 milhões e Banco Nacional de Crédito Cooperativo: 3 milhões.

Esse total de 67 milhões refere-se ao último dia, cabendo lembrar que, dois dias antes, o Banco do Brasil esta-

va apenas "recolhendo propostas e informando que a decisão seria dada apenas dois ou três dias após o encerramento da Exposição" (?), permitindo antever um acréscimo em seu valor final.

Considerando que apenas 41 cidades norte-riograndenses estavam devidamente informadas sobre a possibilidade de obter financiamento no recinto, o sucesso das vendas pode mostrar bem a real possibilidade da Festa do Boi e do dinamismo que desfrutava a pecuária no Estado.

OS LEILÕES E OS SORTEIOS DE ANIMAIS

O que mais chamou a atenção na Festa do Boi/79 foram os leilões que muito enriqueceram a exposição:



Horus, o principal título da raça Guzerá, de Otaviano Heráclio Duarte.

1) LEILÃO DE LIMOUSIN - Animais filhos de importados, nascidos na Fazenda Felipe Camarão, num total de 30 cabeças. O preço mínimo foi de 27 mil, o máximo de 102 mil e a média de 55 mil cruzeiros. O valor total do Leilão atingiu 1 milhão e 600 mil cruzeiros, sendo que o financiamento cobria o valor de 25 mil para cada animal.

2) LEILÃO DE EQUINOS - Animais de propriedade do Estado, cruzamentos de Árabe com Crioulo Gaúcho, ou Quarto de Milha, sendo 10 machos e 7 fêmeas. O preço mínimo foi de 12 mil, o máximo de 33 mil e a média de 24 mil cruzeiros. O valor total do

Rivelina, Grande Campeã Schwyz, de Sidney Fonseca.



Seleção de
BROWN
SCHWYZ
Linhagem
Americana

FAZENDA

ARCO VERDE

SIDNEY MARQUES FONSECA

Município de EDUARDO GOMES — Rio Grande do Norte

S

marca



RIVIERA DA CAMANDUCAIA

- Grande Campeã e Campeã Vaca Adulta — Natal/1979
- Grande Campeã e Campeã Vaca Jovem — Caicó/1978.

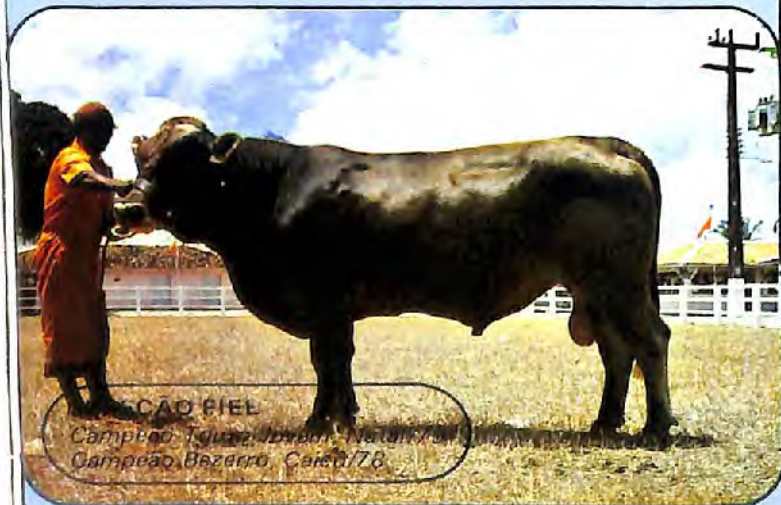
**PLANTEL
SCHWYZ**
Mais premiado nas Ex-
posições do RIO
GRANDE DO NORTE

Prêmios conquistados na FESTA DO BOI — Natal, 1979.

- | | |
|------------------------------|--------------------------|
| ● Grande Campeã da Raça | ● Campeão Dois Anos |
| ● Campeã Vaca Adulta | ● Reserv. Campeã Bezerra |
| ● Reserv. Grande Campeã | ● Dois primeiros prêmios |
| ● Reserv. Campeã Vaca Adulta | ● Dois segundos prêmios |



Lote de fêmeas PO Brown Schwyz, aliando produção leiteira e alta rusticidade



**VENDA DE REPRODUTORES TIPICAMEN-
TE LEITEIROS PO e PC.**

Endereço Comercial:

Praça Augusto Severo, 89/91 - 59.000 Natal—RN

Fones: (084) 222-4590/7227/4434

(084) 222-1267 (Resid.)



O governador Lavoisier Maia entrega o troféu de Melhor Expositor da Festa do Boi 79 para Claudino Veloso Freire, da Faresa, criador de Nelore.

Leilão atingiu 416 mil, sendo que o financiamento cobria o valor de 25 mil cruzeiros para cada animal.

3) LEILÃO DE EQUINOS - Animais de particulares, num total de 23 animais, das raças Mangalarga Marchador, Árabe, Meio Sangue Inglês, Meio Sangue Árabe, Piquira e Apaloosa. O menor preço foi de 25 mil, o máximo foi 80 mil (Puro Sangue Árabe), a média de 49 mil, o valor total do Leilão atingiu 1 milhão e 125 mil cruzeiros, com financiamento de até 50 mil por cabeça.

4) SORTEIO DE TOURINHOS HOLANDESES - Animais do Canadá, HPB, a preço de custo mais despesas normais, com financiamento total. O menor preço foi de 29 mil e o maior foi de 38 mil cruzeiros, com financiamento total.

5) SORTEIO DE CAPRINOS - Para instalação de novos núcleos no interior do Estado, de caprinos e ovinos.

CONCLUSÃO

As muitas iniciativas por parte dos

O Leilão de Equinos chamou a atenção e surpreendeu pelos bons lances.



O Governo distribuiu caprinos e ovinos, para formação de novos núcleos no interior, além de tourinhos da raça brasileira.



Uma novidade em Natal, um digestor para produção de gás metano, à base de esterco de gado e algas marinhas.

organizadores e por parte do próprio Governo do Estado garantiram o êxito final da Festa do Boi/79, apesar de todas as perspectivas indicarem uma grande possibilidade de fracasso.

O trabalho constante, visitando as baías, conversando com os criadores, levantando o valor dos contratos e zelando pelo atendimento geral, levou a tradicional Festa a obter mais um sucesso, assegurando sua posição de "grande exposição nordestina", evidenciando que o esforço dirigido com idealismo e senso patriótico pode trazer resultados benéficos para a região. Se o Banco do Brasil tivesse realmente trabalhado à altura das necessidades e exigências dos negócios realizados, o volume de vendas teria sido muito superior. Mas o pequeno limite do BB e do BNB não foram, mesmo assim, suficientes para diminuir o brilho da orgulhosa FESTA DO BOI de 1979.

ATENÇÃO:
REPÔRTERES
e
FOTÓGRAFOS.
Estamos contratando profissionais para trabalhar nos Estados do Sul.

LIÇÕES

ESQUECIDAS

EURÍPEDES OLIVEIRA, homem com o sabor de Nordeste, que enfrentou as grandes secas de três gerações, porta-voz fiel da História de toda uma época, é um patrimônio vivo cultural na Paraíba e, principalmente, é uma das vozes que clamam contra a insensatez e alertam o desvirtuamento gerado pelo progresso mal planejado.



Foi o medo que afastou da terra nordestina os homens com mais capacidade de investimento, foi a ambição desmedida. Esses mesmos homens, mais tarde, tentariam escravizar o seu clima, consolidando pseudos polos industriais, transamazônicos, pois eles reconhecem a capacidade do nordestino, como trabalhador. Os trabalhos contra as secas mostraram muitas lições, que, hoje, tentam ser acobertadas para não patentear o fracasso e ingenuidade dos que comandam os projetos, sem visar o progresso do homem, mas sim o das indústrias alimentícias. Tais técnicos sabem apenas divulgar frentes de emergências, em casos de crises e vemos que os responsáveis pelo Poder ainda não aprenderam a lição de Canudos e o episódio de 1930, pois insistem em não-tratar o Nordeste como irmão igual.

O DNOCS completou setenta anos como um órgão destinado a fomentar a economia do nordeste dando uma estrutura à terra e apoiando o homem para enfrentar os efeitos da falta de chuvas que periodicamente dificulta a luta do homem voltado à agropecuária.

No início dos trabalhos foi de logo observado o potencial de inúmeras riquezas aqui sacrificadas pelas estiagens. Em primeiro plano destacaram a resistência do homem nunca recuando diante da hostilidade do ambiente em que veio se situar. Uma força atávica o arrasta de volta às terras nativas, desprezando as miragens das matas virgens e dos rios caudalosos que buscou nas retiradas. Viram uma reserva possível de ser ampliada, no boi já condicionado à natureza da terra. Enquanto nas regiões de pastagens fartas, ele definha se elas simplesmente murcham pelo calor do verão, o daqui engorda com capim seco e cardo queimado. Viram também que aqui não prosperam as pragas dos carrapatos, berne, nem pernilongos porque as secas purificam os ares. Sobre tudo observaram que a terra dura e ressequida se mostra generosa quando fecundada pelas águas. O verão prolongado permite o cultivo intenso da terra durante todos os dias do ano.

A história registra que os povoados nascidos dos garimpos do sul, na sua maioria desapareceram com o esgotamento do minério. Aqui são desconhecidos os povoados abandonados. Uma fazenda de criar, assentada por criadores vindos dos sertões baianos, que nos anos de 1694/95 mandou 1 400 ho-

mens de tropa para a destruição dos quilombos dos Palmares, hoje é a próspera cidade de Pombal, nos sertões paraibanos. O boi assegurou a vida a todos os povoados feitos nos tempos do destravamento da terra.

A classe social também tem as características da terra. No sul, o dono de um garimpo se tornava um áulico da corte, morava em solares e usava roupas finas. O nordestino se orgulhava de poder aos oitenta anos de idade, montar a cavalo para ir correger suas pastagens, vestido num gibão de couro. Nunca foi à Europa conhecer terras e gente de fala diferente da sua.

O medo das secas do nordeste ou a sua fama, afastou daqui os barões das indústrias. Rodeados pela fartura de terras férteis, de rios navegáveis, assegurando transportes e energia, foi despertado pela ambição de criar as riquezas vistas nos países distantes onde gozava os seus ócios de rico e não hesitou em entregar ao braço, que de lá mandara buscar, a exploração das terras que eram suas e se deixou ficar a gozar os ócios que sua riqueza assegurava. Hoje a quase totalidade das terras do sul, do planalto central e da amazônia estão em poder dos filhos dos que de lá vieram e mais de um décimo do território nacional foi por eles entregue a poderosos grupos econômicos internacionais estabelecidos nas terras de onde eles se originaram.

Esses grupos sabem que aqui no nordeste existem riquezas em potencial e estão se aproximando numa ten-

tativa para dominar o derradeiro reduto da nacionalidade brasileira. O caminho lhes foi facilitado pelos contratos adicionais dos empréstimos feitos para a instalação de poderosas empresas visando o enriquecimento dos Estados do sul.

Os estadistas do começo do século despertados pela brutalidade da luta de Canudos, viram que havia aqui um povo que logo depois confirmaria a sua brasilidade nas conquistas do Acre e do Oiapoque, disputando sozinho contra outras nações na defesa de uma porção de terra e da autoridade de uma pátria que o desconhecia.

Os trabalhos foram confiados a profissionais de reconhecido valor que logo abandonaram o conforto dos gabinetes e as regalias da corte e vieram percorrer as veredas do nordeste, fazendo levantamentos de geologia, hidrologia, meteorologia e cartográficos. Saíram do nordeste os primeiros mapas brasileiros com as exigências do plano internacional.

Turmas de topógrafos começaram a fazer levantamentos em todos os boqueirões dos rios principais para a construção de barragens; outras abriam picadas nos cerrados de macambiras e de mufumbos para a abertura de rodovias. O esforço desses pioneiros permitiu uma planificação completa, com o pleno conhecimento das diversas regiões.

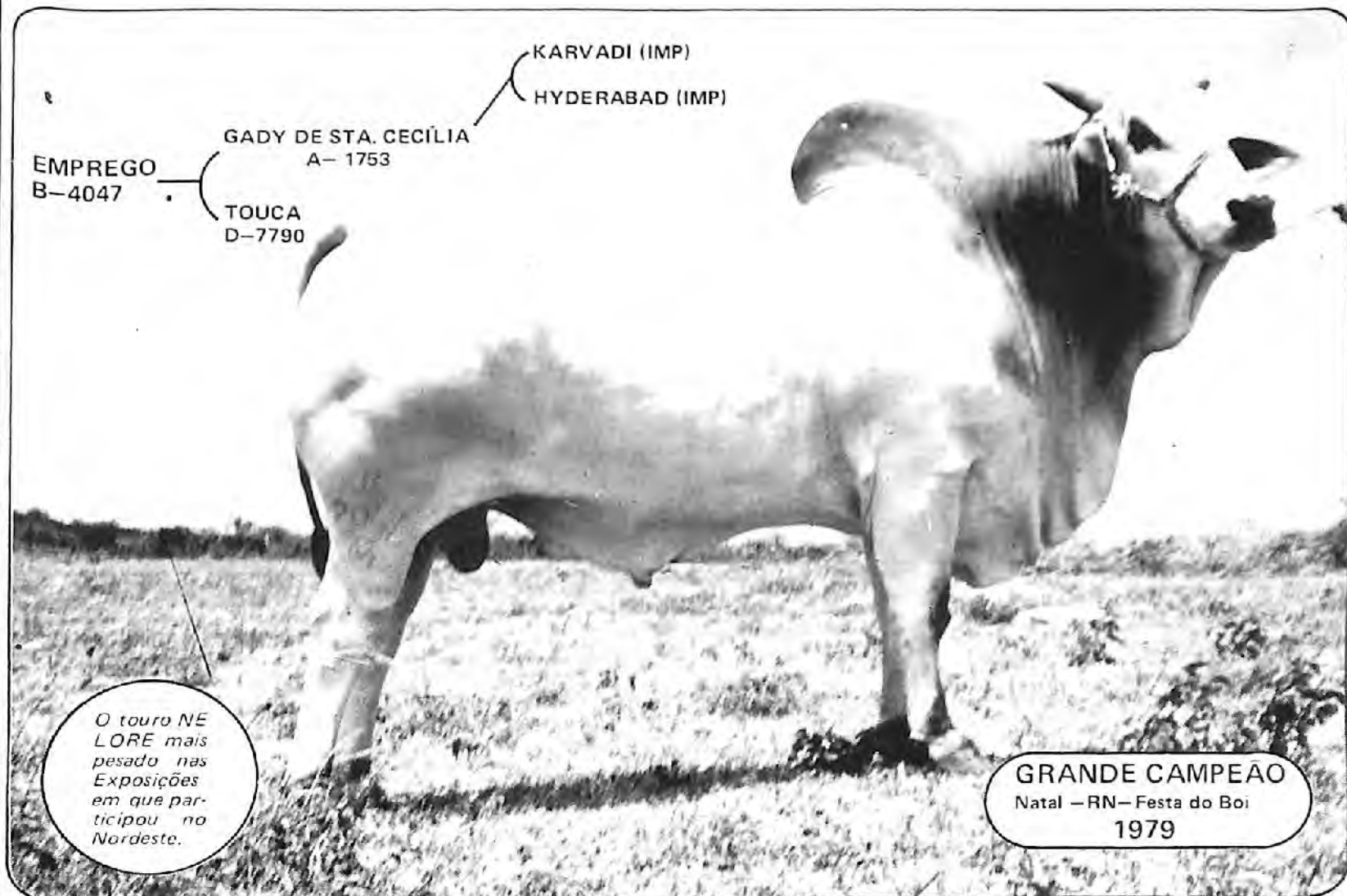
Sem os entraves da burocracia que hoje tudo domina, os proprietários de

Fazenda

SERRA CALADA



KLEBER DE CARVALHO BEZERRA
PRESIDENTE JUSCELINO — Rio Grande do Norte



EMPREGO
B-4047

GADY DE STA. CECÍLIA
A-1753

TOUCA
D-7790

KARVADI (IMP)

HYDERABAD (IMP)

O touro NE
LORE mais
pesado nas
Exposições
em que par-
ticipou no
Nordeste.

GRANDE CAMPEÃO
Natal — RN — Festa do Boi
1979

EMPREGO

B-7047 — Idade: 53 meses
Peso: 1.010 kg

- Grande Campeão e Campeão Sênior — Festa do Boi, Natal/1979
- Reserv. Campeão Sênior — Expo. Paraibana/1979
- Grande Campeão e Campeão Touro Jovem — Mossoró, RN/1978
- Reserv. Campeão Sênior — Expo. Paraibana/1978
- Campeão Touro Jovem — Caicó, RN/1978
- Campeão Touro Jovem — Nova Cruz, RN/1978

**ALTA
SELEÇÃO
NELORE E
GUZERÁ**

**TOURINHOS
REPRODUTORES
À VENDA**

Correspondência:
NATAL — RN. Pça. Capitão José da Penha, 141
CEP 59.000 — Fone: (084) 222-1614/1624

Senor

Senhor Nordeste Ltda.



Solicite e receba
GRATUITAMENTE
nosso catálogo de
reprodutores



*Congelamos sêmen de animais
das raças.*

- HOLANDESA
- NELORE
- GUZERÁ
- GIR
- INDUBRASIL e INDUBRA-
SIL VERMELHO
- FLECKVIEH

*Temos também sêmen de outras
Centrais e sêmen importado*

CONSULTE-NOS

JOÃO PESSOA, PB - R. Cardoso Vieira,
137 - Fones: (083) 221-4566/4482
CÉP - 58.000

terras recebiam apoio técnico e econômico para a construção de barragens particulares e obras de irrigação.

O vaqueiro, do alto de sua montaria assistiu a passagem dos primeiros automóveis conduzindo viajantes comodamente assentados em alcochoados e os caminhões onde um homem bastava para o transporte de tantos fardos de algodão que antes obrigavam a formação de tropas de almocreves e de burros.

O fazendeiro vendo assegurada a pastagem pela irrigação e a aguada que lhe ajudaram a fazer, mandou buscar touros de boa raça para melhorar suas boiadas. Cidades surgiram das margens das represas. Dos matos e dos serrotes vieram homens analfabetos que logo aprenderam a construir barragens, pontes e a movimentar os novos engenhos aqui chegados, revelando uma nova riqueza: a inteligência da gente do nordeste!

Os fidalgos da corte não viam com bons olhos o que afirmavam ser um desperdício da riqueza nacional em benefício de uma região árida e ocupada por um povo faminto e inculto e se recusavam a dar o apoio indispensável junto ao governo central. As obras corriam vagarosamente por falta das verbas necessárias, por eles manobradas. Somente com o impulso dado pelo paraibano Epitácio Pessoa, quando na presidência da República, elas tiveram um decisivo impulso. Findo o seu mandato, as obras foram paralisadas por imposição dos grupos econômicos do sul que temiam o surgimento aqui de uma economia que viesse contestar os seus planos de colonização. As obras ficaram praticamente paradas até que o abalo social que estremeceu toda estrutura política do país em 1930, fazendo reviver a presença dos nordestinos nos destinos da nação, principalmente depois que se fizeram novamente presentes nos embates de 1932, obrigou a volta dos planos primitivos do DNOCS.

Muito trabalho foi feito a partir de 1932 até a década de 1960. Centenas de barragens, milhares de hectares de campo irrigados, um Instituto de Pesquisas que pretendia entrosar irrigação no ambiente físico, econômico e social do sertão, afirmando que o nordeste, além de outras, tem a peculiaridade de ter de praticar em áreas relativamente restritas, encravadas num vasto ambiente populoso, com culturas perenes de algodão mocó e outras nas épocas de chuvas, como milho e feijão apropriado à terra como o macassar. Com lavouras feitas nas vasantes dos rios e, finalmente, culturas somente aqui encontradas como a oiticica e a carnaubeira. Seria uma cultura preocupada dentro das condições da própria terra e nunca uma importada.

Depois da década de 1960, o DNOCS foi desativado passando a se constituir um mero serviço assistencial subordinado ao Ministério do Interior e do Serviço Social. As obras foram paralisadas. Trouxeram técnicos estrangeiros que aplicaram os métodos aprendidos nos campos vastos, de terras diferentes, empregando aqui em reduzidas áreas selecionadas, os métodos de cultivo de climas, terras e economia diferente da nossa.

Arrasaram as culturas existentes e, passaram a cultivar quase unicamente em todos os campos o tomate destinado as fábricas de produtos alimentícios. Somente algumas sobras de terras são aproveitadas para outros cultivos e o homem passou a ser um mero complemento da máquina para o desempenho das tarefas que ela não pode executar.

Os planos a respeito do nordeste foram profundamente alterados visando a deslocação do homem para ocupar os vazios da Amazônia. Para ativar, intensificaram a construção de uma rodovia que vinha sendo construída conforme os recursos disponíveis, há cerca de quarenta anos, chamando a si a iniciativa, dando-lhe o nome de Transamazônica, logo assegurando o estabelecimento de Agrovilas e apoio econômico aos nordestinos que quisessem para lá se transferir. Os que aceitaram, e lá se estabeleceram foram, depois de desbravadas as terras, delas expulsos pois tinham sido dadas a grupos multinacionais!. A Rodovia já tinha mergulhado nas alagações do Amazonas.

Uma Revista como PARAÍBA PECUÁRIA, é um atestado da capacidade do homem do nordeste. Nas terras antes áridas; sem estradas ela afirma a existência de rebanhos que não temem confrontos com qualquer outro. Nas cidades criadas nas margens das represas, o comércio e a indústria asseguram a economia de sua população. Dentro do polígono das secas uma cidade com a pujança de Campina Grande afirma a certeza do pensamento dos pioneiros do DNOCS.

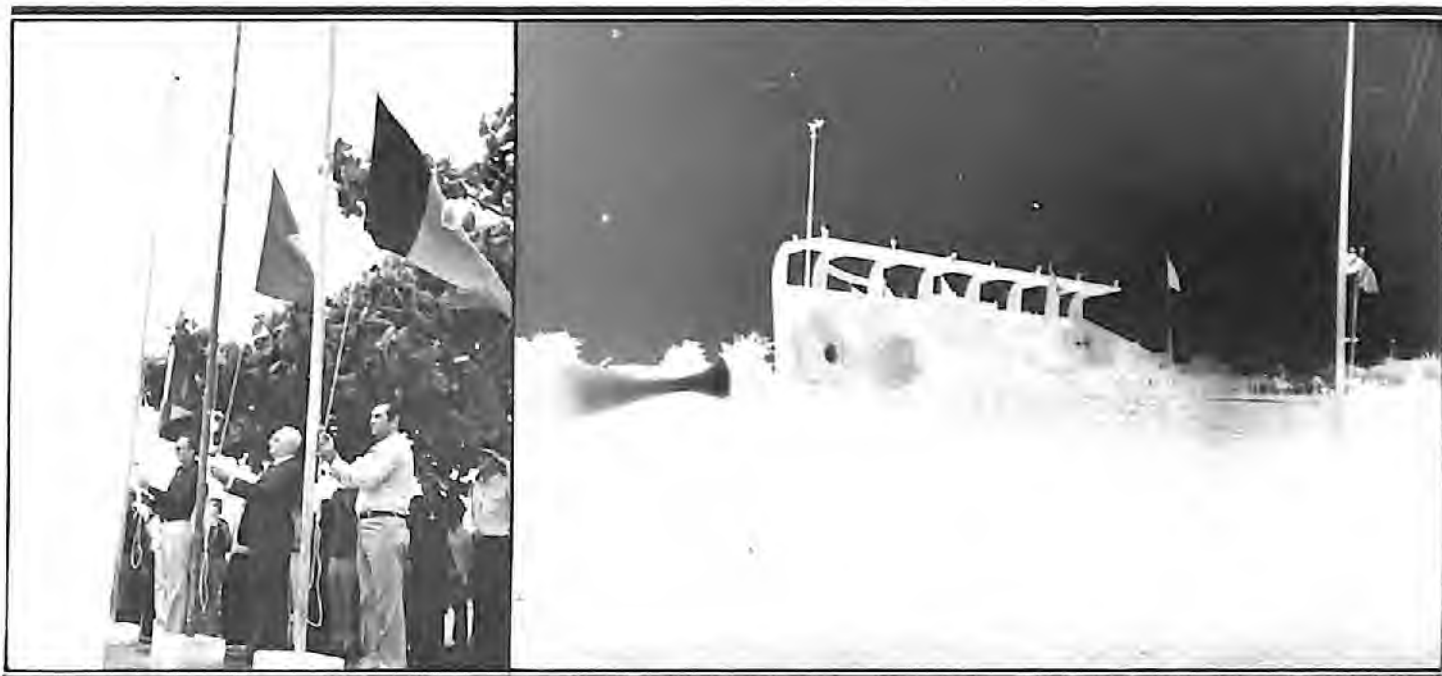
De tudo que receberam os atuais tecnocratas apenas souberam gozar a fartura do campos irrigados e do peixe nas represas. Hoje, quando a seca novamente chega, eles apenas sabem criar frentes de emergência sem afirmar onde elas se encontram nem o que estão produzindo.

Os estadistas responsáveis pelo Poder sobre toda nação, não aprenderam as lições tiradas dos episódios de Canudos e repetido em 1930/32. O nordeste não pede favores mas exige um tratamento de igualdade aos demais irmãos.

Campina Grande-PB dezembro/79

EXPOSIÇÃO PARAIBANA 1979

UM GRANDE SUCESSO



ABREM-SE OS PORTÕES

O Parque de Exposições Carlos Pessoa Filho, em Campina Grande, é um dos mais modernos de todo o Nordeste, principalmente em seu aspecto funcional. Para o ano de 1979, ensejando conferir maior brilho à mostra, o Governo do Estado, através da Secretaria de Agricultura, introduziu diversas melhorias, salientando-se a construção de cavalariças e um grande restaurante, além da efetivação de obras de infraestrutura.

Tendo como objetivo a integração da agricultura às demais atividades econômicas do Estado, a mostra trouxe representações do setor industrial, justificando o nome: 21a. Exposição de Animais e Produtos Industriais".

O vice-governador Clóvis Bezerra destacou a mostra como uma grande oportunidade para todos os pecuaristas se congregar, para grande proveito da atividade, e evidenciou o trabalho dinâmico do Secretário Dr. Humberto de Freitas, à frente da agropecuária paraibana. Já o prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro, confessou a satisfação em ver sua cidade ganhando foros de Capital brasileira do Guzerá, consolidando uma atividade tão necessária para os municípios do interior nordestino. O Secretário de Agricultura

O Secretário de Agricultura Dr. Humberto de Freitas, o vice-governador Dr. Clóvis Bezerra e o Prefeito Municipal Enivaldo Ribeiro, na abertura solene.

Dr. Humberto de Freitas evidenciou os programas e projetos prioritários do Governo Burity para o setor.

Durante a abertura, os secretários de Agricultura do Rio Grande do Norte: Dr. Emílio Carazzai, do Ceará: Dr. Otamar Carvalho, diversos Secretários de Estado, deputados, representantes do Banco do Brasil e Banco do Nordeste, dirigentes de órgãos públicos e empresas vinculadas à agropecuária paraibana, abrilhantaram o início da grande festa.

A abertura, para o público, foi no dia 25 de novembro, mas os julgamentos foram antes. O desfile de Abertura já foi um desfile de Campeões, o que dignifica, ainda mais, o primeiro dia.

Os campeões de todas as raças.



O sucesso da Exposição veio consolidar a atuação da Sociedade Rural da Paraíba que, nos últimos anos, vem afirmando uma ativação no meio rural. A Sociedade, mola propulsora da 21a. Exposição Paraibana, sob o comando do Dr. Humberto César de Almeida esteve atenta a todos os detalhes visando garantir o êxito, em todos os momentos, do esforço dos pecuaristas presentes.

COMPOSIÇÃO DA MOSTRA

O moderno Parque abrigou um efetivo muito significativo, a saber: Raça Gir: 26 animais. Raça Guzerá: 115. Raça Nelore: 78. Raça Indubrasil: 88. Raça Holandesa: 112. Raça Simmental Fleckvieh: 47. Raça Schwyz: 41. Raça Limousin: 13. Raça Marchigiana: 1.

Os equinos estavam assim representados: Quarto de Milha: 22. Árabe: 1. Puro Sangue Inglês: 1. Mangalarga Marchador: 1. Apaloosa: 1.

Havia também um grande contingente de ovinos da Raça Santa Inez, raça Morada Nova, Bergamácia e Bujh.

Os totais foram os seguintes:

Expositores presentes	51 c/bovinos
Expositores presentes	10 c/equinos
Bovinos	521
Equinos	26
Animais de currais	3.500

INCENTIVOS ÀS COMPRAS

Aperfeiçoando o procedimento dos anos anteriores, o Governo tem se esforçado em integrar e sincronizar diversas atividades de apoio à Exposição Estadual, trazendo compradores ou apreciadores ao recinto. Assim, durante todos os dias chegam caravanas provenientes dos mais distantes rincões paraibanos, com fazendeiros previamente selecionados, com potencial de compra garantido pelas agências bancárias em suas próprias cidades.

Por isso, o comentário dos expositores é unânime: "a Exposição de Campina Grande é a que mais apresenta compradores". O movimento é intenso, diariamente, em todas as baias, provocando uma onda de euforia nos expositores, que se vêem constantemente solicitados a dar explicações, detalhes, discutir preços. A qualquer momento do dia, nota-se grande quantidade de interessados nas baias, desde o dia de abertura, pois as caravanas são programadas para todos os dias da semana.

Essa atividade, somada ao subsídio concedido pelo Governo, visando distribuir animais de reconhecido valor genético pelo Estado, garantem o sucesso das vendas, a priori.

Os resultados ficam expressos pelos números finas da Exposição:

— Banco do Brasil financiou 150 propostas, liberando cerca de Cr\$ 15,5 milhões para bovinos e Cr\$ 3,7 milhões para equipamentos. O Banco do Nordeste liberou 74 propostas, com Cr\$ 12,6 milhões para bovinos e Cr\$ 2,3 milhões para equipamentos. O Banco do Estado financiou 105 propostas, com Cr\$ 3,3 milhões para bovinos e Cr\$ 6,9 milhões para equipamentos.

A soma final de comercialização atinge Cr\$ 45 milhões, excluindo-se as propostas para aprovação após o término da Exposição.

Foram financiados 1.638 animais, sendo 808 pelo BB, 727 pelo BNB e 113 pelo Banco do Estado da Paraíba.

TOURINHOS SUBSIDIADOS

Com o objetivo de incrementar e incentivar a atividade pecuária no Estado, o Governo, pelo terceiro ano consecutivo, oferece aos compradores o plano de tourinhos subsidiados. Antes da Exposição, os principais criadores são procurados e colocam à disposição do Governo uma quantidade determinada de animais para venda subsidiada. Em 1979 foram selecionados 15 animais da raça Holandesa, 19 Indubrasil, 6 Gir, 24 Guzerá, 15 Nelore e 1 Simental, num total de 80 animais. O Programa de Distribuição de Tourinhos é executado pela Emater-PB, visando atender, basicamente, os criadores mé-

dios e pequenos e grande tem sido sua repercussão, em termos de melhoramento do rebanho do Estado, pois a intenção é estabelecer um tourinho melhorador em cada região importante, funcionando, assim, como polo de irradiação em direção a um mais rápido trabalho de melhoramento geral.

O valor das vendas foi Cr\$ 3 milhões, sendo que o Governo subsidiou 20%, notando-se que o preço médio estipulado para cada animal é um preço real de mercado.

Essa iniciativa, embora a primeira vista pareça diminuir as Vendas dos expositores vindos de outros Estados, mostra-se, pelo contrário, uma grande força na comercialização geral, pois provoca a vinda de criadores em busca de mais de um animal. Assim, muitos levam vários animais, aproveitando o subsídio de um deles. O animal subsidiado é escolhido pelo comprador, na própria baia e, somente depois da escolha, é que formaliza-se a venda, com o subsídio já definido previamente nas tabuletas individuais de cada animal.

Esse programa explica o grande mo-



O Parque foi totalmente reestruturado para a Exposição.

vimento de compradores nos primeiros dias, ocasião em que estão disponíveis os "melhores" animais para livre escolha. A Exposição de Campina Grande, por isso, é bastante diferente das demais, que - normalmente - vão aumentando o movimento de compras, no final da festa. Em Campina, o movimento maior é no início.

OS JULGAMENTOS

Os juizes foram: Noel de Sousa Sampaio (Nelore), João Pessoa de Sousa (Indubrasil), Fausto Pereira Lima (Guzerá), João de Sousa (Gir), Pedro Bernardo Muller (Holandesa), Augusto Caiado Fraga (Simental, Fleckvieh, Schwyz), Murilo Ferreira Tibery (Equinos).

Em caráter de pura didática foram julgadas as representações de gado Gir de Umbuzeiro, de propriedade da Embrapa, e Schwyz de Riacho dos Cavalos. Essas representações, no entanto, não constaram entre os premiados, por se tratarem de criações oficiais.



O público comparecia a todas as promoções.

Os resultados ficaram assim expressos:

RAÇA GUZERÁ

Carlos e Fausto Pontual (PE): Campeão Júnior e Reserv. Grande Campeão (Hulka de Raiz).

Cia. Agro Industrial Vale do Curu (CE): Reserv. Campeão Sênior (Caninha). Reserv. Campeão Vaca Jovem (Divina da Agrovale). Reserv. Campeão Bezerra (Faranga da Agrovale).

Humberto César de Almeida (PB): Campeão Sênior e Grande Campeão (Hutali). Campeão Bezerra (Jumila). Reserv. Campeão Bezerra (Loango).

João Roberto Leite (PB): MELHOR EXPOSITOR DA RAÇA GUZERÁ, com os se-



A raça Guzerá lotou a pista.

guintes títulos: Campeão Sênior e Grande Campeão (Brasa-JR). Campeão Touro Jovem e Reserv. Grande Campeão (Conhaque-JR). Campeão Vaca Jovem (Caravela). Reserv. Campeão Touro Jovem (Carlton-JR). Reserv. Campeão Júnior (Discoteca-JR). Campeão Júnior (Dumbo-JR). Progenie de Pai (King Biruta, com seus filhos: Conhaque, Dumbo, Donato, Carlton e Discoteca).

José e Ana Rita Tavares de Melho (PB): Campeão Bezerra (Atômico-JA).

Manoel Dantas Vilar Filho (PB): Reserv. Campeão Sênior (Centurião-D). Reserv. Campeão Júnior (Farpado-D). Progenie de Mãe (Imperatriz, com Carolina, Extremosa e Feitiço).

A Sociedade Hípica da Paraíba esteve presente.



GRANDE CAMPEÃ NORDESTINA — Recife 1979



JPR HABILIDADE—PON—HBB/B-37.170 — Nasc: 06.01.74. Pai: Paclamar Capsule. Mãe: JPR Epopéia.
 • Grande Campeã Nordestina — Recife/79.



SGD BIANCA—PON—HBB/B-50.948 — Nasc: 10.07.77 — Pai: Leo 28 Leader Marshall. Mãe: JPR Iniciadora.
 • Campeã 2 anos — Recife/79.



SGD APACHE—PON—HBB/A-17.730 — Nasc: 03.05.76 — Pai: Paclamar Astronaut. Mãe: JPR Herma.

- Campeão 3 Anos — Recife/79
- Grande Campeão da Raça / Campeão Touro Jovem — Crato/79

- Campeão Touro Jovem-Fortaleza/78
- Grande Campeão da Raça / Campeão Júnior-Crato/78.
- Campeão Bezerro — Crato/77



JANGADA TOTOBOL PASURA DUTCHMAN—PON— Nasc: 03.09.77
 Pai: N. Del. Cee. Cutchman — Mãe: Jangada Passura Nora Nardinho Bootmaker.

- Campeão 2 Anos do Nordeste — Recife/79.
- Grande Campeão — Fortaleza/79
- Campeão Bezerro Maior — Fortaleza/78.

FAZENDA BETÂNIA

Proprietário: SEVERINO GONÇALVES DUARTE
 Escritório :Rua Leão XIII, 362 - Fone: (085)511-2784
 CEP 63180 - JUAZEIRO DO NORTE — Ceará.

VENDA PERMANENTE de
 REPRODUTORES — PO e PC
 Preto e Branco

Criador das Raças: **SIMENTAL
 HOLANDÊS Preto e Branco**



SABIÃ SABICHÃO—PC — 642 — Nasc: 19.01.78- Pai: Sabiã Milionário Neto. Mãe: Falk. POI.
 • Reserv. Grande Campeão — Recife/79

RAÇA NELORE

Cia. Agropecuária Queimadas do Vale (PE): Campeão Touro Jovem e Grande Campeão (Amaruk—JI). Campeã Júnior e Grande Campeã (Latina—JI). Reserv. Campeão Touro Jovem e Reserv. Grande Campeão (Camecho—JI). Campeã Sênior e Reserv. Grande Campeã (Isoanka—JI). Campeão Júnior (Aradank—JI). Reserv. Campeã Júnior (Sonata—JI). Campeã Bezerra (Angra—JI). Progenie de Pai (Chakkar, com Amaruk, Camecho, Isoanka e Aradank). Progenie de Mãe (Arauma, com Aradank e Amaruk).

Faz. Reunidas Agropecuária Redenção (PB): Campeão Sênior (Elegante da Redenção). Campeã Vaca Jovem (Façanha da Redenção). Reserv. Campeã Vaca Jovem (Foca da Redenção). Reserv. Campeã Bezerra (Carota da Redenção). Reserv. Campeã Sênior (Zupêia da Redenção). Reserv. Campeão Bezerra (Herói da Redenção). Reserv. Campeão Júnior (Gráfico da Redenção).

Kleber da Carvalho Bezerra (RN): Reserv. Campeão Sênior (Emprego).

Humberto Pequeno Madruga (PB): Campeão Bezerra (Gatuno do Lakhr).

RAÇA INDUBRASIL

Antonio Vieira Lins (PB): Campeã Júnior (Jangadinha).

Cia. Agro Ind. Irmãos Alexandrino (PB): Reserv. Campeã Bezerra (Jola do Rio Paraíba). Reserv. Campeão Bezerra (Jongo do Rio Paraíba).

João Ferreira Braga (PB): Campeão Touro Jovem e Grande Campeão da Raça (Conde). Campeão Bezerra e Reserv. Grande Campeão (Editor de S. Gonzalo).

José Nivaldo Barbosa de Souza (PE): Campeã Sênior e Grande Campeã da Raça (Batalha). Campeã Bezerra e Reserv. Grande Campeã (Palmeirinha). Reserv. Campeão Touro Jovem (Fujão). Progenie de Mãe (Carnaúba, com Batalha e Ousadia). Progenie de Pai (Dart, com Ousadia, Retorno, Palmeirinha e Vingativo).

RAÇA HOLANDESA PRETO E BRANCO

Agropastoril Voisin (PB): Campeão Touro Jovem e Reserv. Grande Campeão (S.S. Rômulo Quico). Campeã Vaca Adulta e Grande Campeã (Ilustre Boy Voisin). Reserv. Campeã Vaca Adulta e Reserv. Grande Campeã (Chieftain Boy Voisin).

Cabana da Ponte Agropecuária (BA): Reserv. Campeão Sênior (Jacuba Frank Bootmaker Downlane).

Edson de Sousa do Ó (PB): Campeã Bezerra PO (Serrotão Agro Rita Bristol Elevation). Reserv. Campeão Touro Jovem PO (Houston Astronaut).

Fazenda Velame (PB): Campeão Bezerra PC (Ditoso Bootmaker do Velame).

Manoel Alexandrino de Melho (PB): Campeão Sênior e Grande Campeão da Raça PO (Paraíso Bibelô Bootmaker). Campeã



Os batalhadores da 21a. Exposição e ilustres visitantes: Dr. Suetônio Vilar, da Assoc. de Simental; Dr. Leônicio Vilar, da Emater—PB; Dr. Humberto de Freitas, Secretário da Agricultura; Manoel Barbosa, presidente da ABCZ; Dr. Douglas de Vasconcelos, subsecretário de Estado; Enivaldo Ribeiro, Prefeito de Campina Grande; Laerte Rodrigues Borges, Dir. Relações Públicas da ABCZ; Aristóteles Correia de Queiroz, da Confed. Nac. Agricultura; Virgolino Farias, do Registro Genéalogico PB e Paraíba Pecuária.

Bezerra PC (Dileta Bootmaker do Velame). Campeão Júnior PC (Carlitos Bootmaker do Velame). Campeã Novilha Menor PC (Cagiana Bootmaker do Velame). Campeã Novilha Maior PC (Baderna Kate do Velame). Reserv. Campeã Novilha Maior PC (Celoma Kate Velame). Reserv. Campeão Bezerra PC (Capitão Bootmaker do Velame). Progenie de Pai (Paraíso Bibelô Bootmaker, com Cruiff Bootmaker, Carlitos Bootmaker, Capitão Bootmaker).

RAÇA SIMENTAL

Agropastoril Cariri (PB): Campeã Vaca Adulta e Reserv. Grande Campeã da Raça (Olísa). Campeã Bezerra (Tamira da Caririsa). Campeão Bezerra (Samurai da Caririsa). Reserv. Campeão Sênior (Poseidon). Reserv. Campeã Bezerra (Samambaya da Caririsa). Alberto de Oliveira Freire (SE): Campeão Touro Jovem (Patrão do Belém). Reserv. Campeã Vaca Adulta (Sabiá Igacaba).

Antônio Vilar Filho (PB): Campeã Vaca Jovem e Grande Campeã da Raça (Pêrola-D). Campeã Vaca Adulta (Sabiá Magadi). Campeã Novilha Menor (Safira-D). Campeã Novilha Maior (Sabiá Rainha). Progenie de Mãe (Sabiá Magadi, com Pêrola, Rainha—D, Safira—D).

Fernando José Moura da Cunha Lima (PB): Reserv. Campeão Bezerra (Tamoyo da Caririsa).

José Orlando Duarte (PE): Campeão Sênior e Reserv. Grande Campeão (Mark). Campeã Novilha Maior (Rosa de Miraflores). Reserv. Campeã Novilha Maior (Patrícia de Miraflores). Reserv. Campeã Vaca Adulta (Nicoline Condor). Campeã Novilha Menor (Sargeta do Belém). Reserv. Campeã Novilha Menor (Sarita de Miraflores). Progenie de Pai (Napoleon, com Rosa de Miraflores, Pa-

trícia de Miraflores, Sarita de Miraflores, Sissi de Miraflores).

Suetônio Vilar Campos (PB): Campeão Júnior e Grande Campeão da Raça (Relegine da Suíço Brasileira). Campeão Bezerra (Tercerão do Taperoá). Reserv. Campeã Novilha Maior (Sabiá Renda).

RAÇA SCHWYZ

José Sérgio Maia (PB): Campeão Sênior e Grande Campeão da Raça (Maker Duchess de Sta. Madalena). Campeã Bezerra (Violeta Duchess do Panorama).

Wandick Lopes (RN): Reserv. Campeão Sênior e Reserv. Grande Campeão (Universe Lile Pat de SM). Campeã Vaca Jovem e Grande Campeã (Fama). Campeã Bezerra e Reserv. Grande Campeã (Historia). Campeã Novilha Maior (Gaúcha). Reserv. Campeã Novilha Maior (Graciosa). Reserv. Campeã Vaca Jovem (Faleia). Campeã Vaca Jovem (Horta Marisa). Reserv. Campeã Vaca Jovem (Ivenê Marisa). Progenie de Mãe (Cerada de Santana, com Gaúcha e Elite). Progenie de Pai (Firm Fransen, com Fofa, Goiata, Graciosa, Gaúcha).

RAÇA MARCHIANA

Cabana da Ponte Agropecuária (BA): Campeão Sênior e Grande Campeão (Omar).

QUARTO DE MILHA

Carlos Roberto Mariz Duarte (RN): Campeão Potro e Grande Campeão da Raça (River Chick).

Humberto Pequeno Madruga (PB): Reserv. Campeão Potro e Reserv. Grande Campeão (Sugar Parl).

PROMOÇÕES

A Sociedade Hípica da Paraíba abriu lhançou a 21a. Exposição com uma apresentação de seus pupilos, em saltos de obstáculos simples. No último dia, uma exposição de Caes de Raça chamou um grande público ao Parque Carlos Pessoa Filho, encerrando, magistralmente, o certame.

O sucesso da Expo. Paraibana/79 evidenciou-se pela afluência de público proveniente dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Sergipe.

Dentro da análise elaborada pela revista Paraíba Pecuária, a Expo. Paraibana/79 foi a que mais trouxe compradores ao recinto, caracterizando-se como a melhor Exposição nordestina, nesse aspecto.

MACEIÓ, EXEMPLO DE ERRO DE CÁLCULO

As Exposições do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, deviam ser programadas conjuntamente, visando não causar prejuízos para as Grandes Exposições Nordeste. Em 1979, os expositores que estavam com representação em Recife viram-se na obrigatoriedade de optar entre Maceió e Campina Grande, para prejuízo

da pecuária regional. E, visando vendas rápidas, muitos criadores dirigiram-se para a Paraíba, prejudicando a Expo. Maceió, tradicionalmente uma excelente Exposição.

Os alagoanos não se intimidaram e, mais uma vez, realizaram uma brilhante festa, culminando com um rendoso Leilão, onde nada ficou para se vender. Também Campina Grande saiu-se mui-

to bem, e os animais foram insuficientes para todos os compradores.

Espera-se que em 1980, os Secretários de Estado sejam mais cautelosos em suas programações, visando evitar tais coincidências, para benefício de toda a classe. E, nesse sentido, a Sociedade Nordeste e diversos Secretários já estão se movimentando, podendo-se prever uma brilhante sequência de Exposições no Nordeste, em 1980.

FAZENDA

TERRANOVA



TERRANOVA EMPREENDIMENTOS AGROPECUÁRIA INDUSTRIAL E FLORESTAL LTDA

Propri: JOSÉ VIEIRA DE BARROS JÚNIOR

Escritório: RECIFE, PE - CEP 50.000 - R. Davino Pontual, 230 - Fone (081) 227-0794.

A Raça CHIANINA, "A Gigante da Espécie" representa mais carne e mais cruzeiros. No Controle de Desenvolvimento Ponderal da ABCC existem vários casos de pesos de 1/2 sangue acima de 250 kg aos 6 meses e meio, com o máximo de 308 kg. Aos 365 dias contam-se numerosos casos acima de 320 kg, com o máximo de 394 kg. Aos 550 dias, ou 18 meses, muitos são superiores a 400 kg e chegam até a 513 kg. Os produtos 3/4 normalmente são mais pesados que os 1/2 sangue, conforme vem sendo observado com frequência. Os novilhos mestiços de CHIANINO com vaca azebuada ficam prontos para o abate, a campo, a partir de 18 meses, com 400 a 450 kg, peso vivo.

O CHIANINO é bastante diferente de outras raças européias. É o bovino mais pesado do mundo, podendo alcançar 1 metro e 84 cm até o dorso e um peso de 1.800 kg. As fêmeas medem até 1,65 m e chegam a 1.100 kg. A raça é dócil, e o valor genético e fertilidade é excepcional, justificando sua grande procura para cruzamentos industriais.

"O HERÓI DOS TRÓPICOS"

PIO TERRANOVA

Peso: 1.105 kg (Expo Nordestina)

Nascimento: 06.09.76

Pai: Gullo (Grande Campeão e Campeão Sênior, em São Paulo/76, com um peso de 1.600 kg)

Mãe: Jôia RG. 0612

- Campeão Bezerro - Recife/75
- Campeão Júnior e Grande Campeão - Recife/78.
- Campeão Touro Jovem - Recife/79

MELHOR EXPOSITOR DA RAÇA
Expo. Nordestina - 1979



O pecuarista José Vieira de Barros Júnior, introdutor da raça CHIANINA em pleno sertão pernambucano.

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correo, os itens abaixo assinalados:

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

- ☐ Porque o CHIANINO 1/2 sangue é indicado p/cruza com Zebu?
- ☐ Quantos quilos pesa o bezerro ao nascer?
- ☐ Idéia de preços de Tourinhos PO e 1/2 sangue.
- ☐ Porque o nome: HERÓI DOS TRÓPICOS?

VENDA
de
TOURINHOS - PO
e 1/2 Sangue
Nelore

O VERDADEIRO PATRONO DO GUZERÁ-JA

Allyrio Jordão de Abreu x V. Coronado

Na edição nº 12, setembro de 1979, na página 39, no artigo "O GADO SINDHI" do tão conceituado e defensor do zebu, V. Coronado, afirma que "João Carlos Burguês de Abreu" é o patrono de preservador da raça Guzerá no Brasil, e que talvez, sem a sua obstinação a raça não mais existisse. Isto é uma inverdade pois João Carlos Burguês de Abreu herdou o seu gado, já feito, e iniciou a criar separadamente em fins de 1957, como eu; apenas desistiu de criar 20 anos após, vendendo todo o gado Guzerá, no início de 1978. Não atingiu nem a maioria de 21 anos de criador separadamente.

Se existe quem preservou o Guzerá no Brasil, este homem é João de Abreu Júnior, aliás o que também iniciou a criação de Guzerá no país, aqui neste velho Cantagalo, RJ, onde gostaria de receber suas visitas. João de Abreu Júnior começou a criar a raça em 1895, importando animais "diretamente da Índia" e foi quem organizou as escritas e traçou as diretrizes que seguimos

até hoje. Iniciou a tatuar (numerar) os animais em 1915, a publicar as pesagens de leite e os exames de gordura em 1917, bem como a pregar em artigos que a carne de zebu também se prestava para a alimentação humana e dava bom charque apesar de ter menos gordura. Foi quem iniciou a levar os Guzerá para as Exposições em 1921, e a levar pessoalmente, seus animais para serem conhecidos e vendidos em todas as regiões do Brasil, inclusive o Nordeste, e nesta mesma década de 20, atingiu o exterior, México.

Foi também João de Abreu Júnior que, em 1939, começou a competir com suas vacas Guzerá nos concursos leiteiros nas exposições nacionais e estaduais no RJ, SP e MG. E tantos outros feitos e lutas que só pessoalmente poderia mostrar e esplanar.

João de Abreu Júnior faleceu em 1949, com o seu dever cumprido, pois além de fomentar vários novos criadores, deixou para os seus herdeiros uma obra realizada, um rebanho feito, orga-

Dizendo que não concorda com as afirmações de V. Coronado, o autor vem firmar sua posição, trazendo um pequeno e valioso histórico sobre a formação do famoso rebanho GUZERÁ-JA

nizado, intacto, com todas as diretrizes traçadas, além das terras de sua fazenda que, em 1957, foram divididas, fazendo cada herdeiro o que melhor optasse. A ele, João de Abreu Júnior, nós guzeratistas muito devemos.

Para confirmar o que digo e melhor julgar as coisas, sugiro ao Sr. V. Coronado, que tanto viaja por estes Brasis, para vir a Cordeiro (parque das Exposições Estaduais do RJ e da 1a. Nacional do Guzerá, fundado em 1921) ver e ler os bustos e placas existentes; a consultar os arquivos da ABCZ em Uberaba; os da ABC ou SA de São Paulo; os do M.A. das antigas Exposições Nacionais, ou mesmo o mais simples: ler as revistas especializadas a partir da década de 1910, ou ler os poucos livros sérios publicados no Brasil sobre pecuária, sobretudo de zebu (por exemplo os do Dr. Alberto Alves Santiago, como Epopéia do Zebu, Zebu e Cruzamentos, etc).

Atenciosamente
Allyrio Jordão de Abreu

CODEVASF RESPONDE A TITO VICTOR

José Theodomiro de Araújo, chefe do Setor de Produção, da 2a. Diretoria Regional da CODEVASF, em Salvador, responde ao artigo de Tito Victor, com a correspondência seguinte: "Crepúsculo dos Mitos, publicado nessa revista, no seu número 12, de setembro, próximo passado, firmado por Tito Victor, no sub-título "Pobre Zebu Brasileiro, órfão de pai e mãe", ao comentar a transferência do plantel Guzerá de Cruz das Almas envolve a CODEVASF nas suas apreciações.

Do látego de Tito Victor não escaparam a EMPRAPA e ABCZ, porém, se como dono da verdade em matéria de política e técnica da pecuária neste país, o articulista foi infeliz com as duas primeiras, como quando se referiu a CODEVASF, perde-se o conteúdo informativo e preparador da opinião pública, como é de se pretender de uma revista do porte de Paraíba Pecuária, para tornar-se um amontoado de desinformação.

No caso particular da Fazenda do Formoso, pertencente à CODEVASF, mostra o Sr. Tito Victor que não sabe nem ao menos onde se localiza a fazenda, muito pior o trabalho que ali se executa. E, para corrigir as distrações ditas à solta, num estilo típico de quem faz crítica por criticar, vai aqui, em primeiro lugar um convite ao Sr. Tito Victor

para uma visita à Fazenda do Formoso, de propriedade da CODEVASF, situada no município de Coribe, BA.

Naquela Fazenda, fazemos um trabalho zootécnico da maior importância, visando a venda de tourinhos aos pecuaristas regionais, para promoção da melhoria do rebanho. Somos os responsáveis pela introdução do Nelore no Além São Francisco, que criava apenas "Crioulo" e "Gir". O objetivo é formar um plantel de 1.000 fêmeas Nelore Registradas. Atualmente contamos com 708 fêmeas Nelore Registradas, todas trabalhadas com inseminação artificial. Utilizando sêmen dos melhores reprodutores que o rebanho nacional detém, continuamos o nosso trabalho, apesar dos Titos Victor da vida. Este ano, somente com sêmen de Usuki da Soraia, Grande Campeão - 79, em Salvador e Feira, do plantel do selecionador Miguel Vitta, inseminamos 500 Vacas Registradas. Nos anos anteriores, trabalhamos com Badan Karvadi, Taj Mahal-III, Everest-III, Godar (imp), Kurupati (imp), Gonthur-IV, Vijaya Naraiana Shakuni, Batak e Hoder, além de outros. O Rebanho hoje é de 1.748 reses Nelore. Nosso material é realmente de alto valor genético, e continuamos a melhorá-lo.

Dentro de mais alguns anos teremos o melhor rebanho Nelore do Estado e entre os

primeiros do País. Isto, graças a um programa genético, traçado pelo Veterinário Carlos Fernando Rosa Resende, cuja indiscutível capacidade em conhecimento e trabalho, a partir de material com alguns defeitos, traçou o esquema de uso de linhagens que viesse corrigi-los no rebanho inicial, encontrado ali há 12 anos atrás.

Não nos tem faltado apoio, orientação, e porque não dizer, o entusiasmo da ABCZ, na pessoa do Dr. Simeão Machado, que a dirige neste Estado, nas apreciações e discussões do caminho a ser tomado a cada ano, no desenvolvimento do trabalho.

Não se busca ali o Canchim, apenas utilizam-se fêmeas que não alcançam registro, hoje num total de 150, para cruzamentos com Charolês, Marchigiana e Chianina. O grande objetivo da fazenda é fornecer reprodutores de alta linhagem, principalmente Nelore, aos criadores do São Francisco, a preços acessíveis, montando para isso uma venda permanente na Fazenda, bem como divulgar métodos de criação e manejo. Por isso mesmo a Fazenda do Formoso, tem um programa sério. Não participa de "festivais" como também, não se envolve com passionalismo dos que reagem a idéias novas, por estarem fechados a inovações, reclusos na intransigência, sem perspectiva do futuro.

SCHWYZ em
regime de
campo na
região mais
árida do
Nordeste

FAZENDA PANORAMA

JOSÉ
SÉRGIO
MAIA



CATOLÉ DO ROCHA, Paraíba — Av. Venâncio Neiva, 308. Fone: 210, CEP 58884



VIOLETA DUCHESS - Campeã Bezerra, Expo. Paraibana/1979.

MAKER DUCHESS

Nasc: 13.05.1974 — Peso: 990 kg

A avó de Maker, Madam Hilda Princess, e a bisavó P-Mable's Tamarind Violet, nos Estados Unidos, atingiram a notável marca de 11.122 kg de leite.

- Campeão Touro Jovem, na 1a. Expo. Nacional de Gado Schwyz, São Paulo 1977.
- Campeão Sênior — Expo. Paraibana 1979.
- Grande Campeão da Raca — Expo. Paraibana 1979.



SCHWYZ com
touro de
linhagem
americana e
linhagem
européia

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os itens abaixo assinalados, GRATUITAMENTE:

Nome:

Fazenda:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Precos de Novilhas

☐ Detalhes sobre manejo de clima seco

☐ Precos de tourinhos

☐ Quantidade p/venda

• Maior fornecedor de leite, na região

• Os bezerras de José Sérgio são normalmente pesados, tendo já atingido até 51 kg ao nascer

TOURINHOS REPRODUTORES À VENDA

Temos Tourinhos 3/4 até 15/16 de Schwyz.

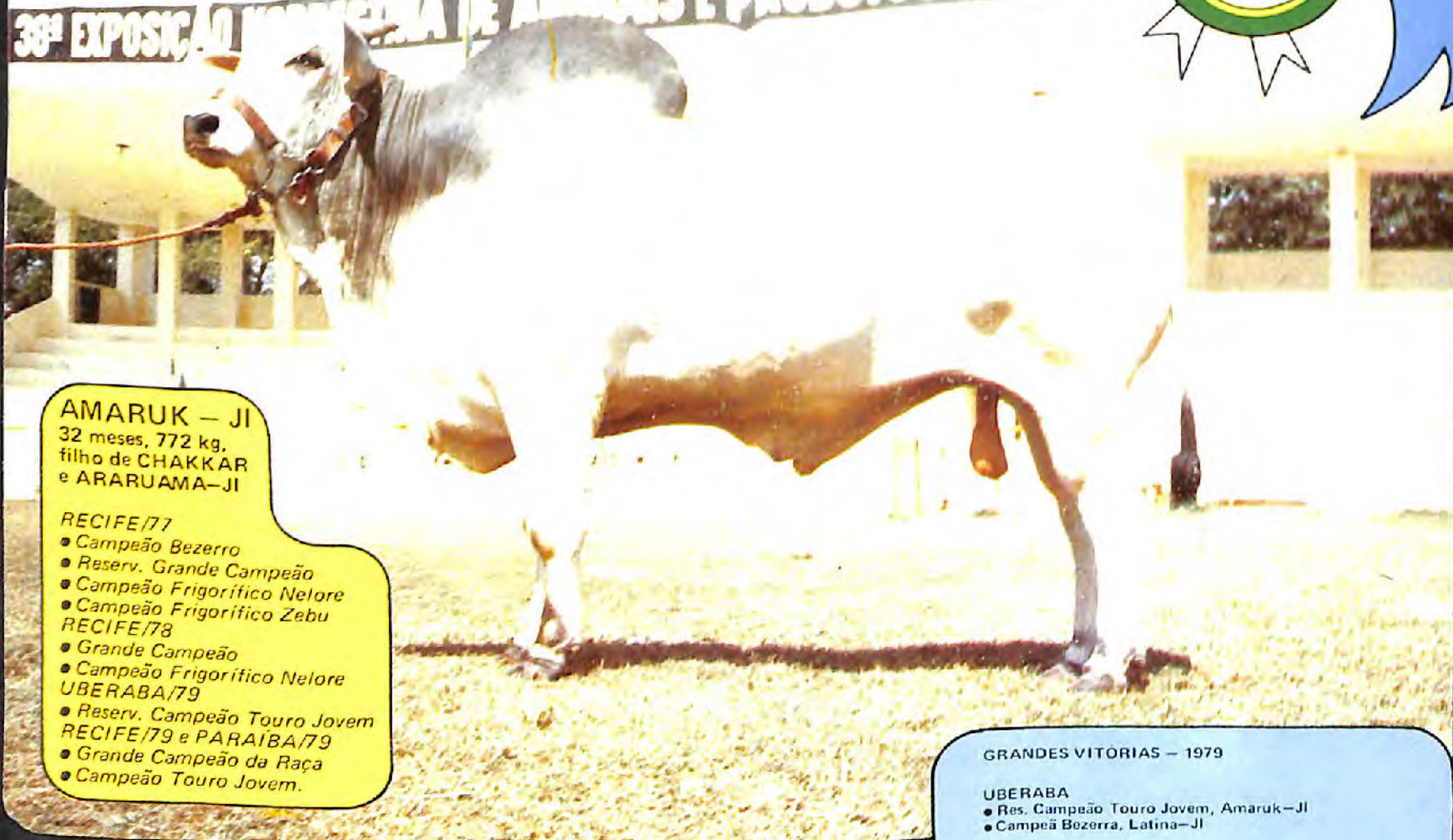
Solicite nossos precos pelo cupom

NELORE - JI

Uma sequência de Grandes Vitórias - em 1979



38ª EXPOSIÇÃO NORDESTINA DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS



AMARUK - JI
32 meses, 772 kg,
filho de CHAKKAR
e ARARUAMA-JI

RECIFE/77

- Campeão Bezerra
- Reserv. Grande Campeão
- Campeão Frigorífico Nelore
- Campeão Frigorífico Zebu

RECIFE/78

- Grande Campeão
- Campeão Frigorífico Nelore

UBERABA/79

- Reserv. Campeão Touro Jovem

RECIFE/79 e PARAIBA/79

- Grande Campeão da Raça
- Campeão Touro Jovem.

GRANDES VITÓRIAS - 1979

UBERABA

- Res. Campeão Touro Jovem, Amaruk-JI
- Campeã Bezerra, Latina-JI

RECIFE

- Grande Campeão/Campeão Touro Jovem, Amaruk-JI
- Grande Campeã/Campeã Júnior, Latina-JI
- Campeã Sênior, Fator-JI
- Res. Campeão Júnior, Aradank-JI
- Campeão Bezerra, Ditango-JI
- Campeã Bezerra, Angra-JI
- Progenie de Pai: Amaruk, Ditango, Ichapur, Isoanka

PARAIBA (Campina Grande)

- Grande Campeão/Campeão Touro Jovem, Amaruk-JI
- Grande Campeã/Campeã Júnior, Latina-JI
- Res. Grande Campeão/Res. Touro Jovem, Camecho-JI
- Campeão Júnior, Aradank-JI
- Res. Grande Campeã/Campeã Vaca Adulta, Isoanka-JI
- Res. Campeã Júnior, Sonata-JI
- Campeã Bezerra, Angra-JI
- Progenie de Pai: Amaruk, Isoanka, Camecho, Aradank
- Progenie de Mãe: Amaruk, Aradank

SELEÇÃO NELORE mais premiado no Norte e Nordeste

LATINA-JI

- 21 meses, 670 kg, filha de MOGNO (Campeão dos Campeões no Brasil) e LATUADA-JI.
- Campeã Bezerra, Uberaba/79.
 - Campeã Júnior, Recife/79 e Paraíba/79
 - Reserv. Grande Campeã, Recife/79
 - Grande Campeã, Paraíba/79.



CIA. AGRO-PECUÁRIA
QUEIMADAS DO VALE

covale

JOSÉ INOJOSA
R. Nestor Silva, 194-Casa Forte
50.000 - Recife-Pe.
Fones: (081) 268-1499/1211/1386